UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

WANDERSON FERREIRA DOS ANJOS

O CENTRO DA CIDADE E SEU CONTEÚDO SIMBÓLICO: um estudo sobre o município de São José de Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário

Presidente Prudente
2024

WANDERSON FERREIRA DOS ANJOS

O CENTRO DA CIDADE E SEU CONTEÚDO SIMBÓLICO: um estudo sobre o município de São José de Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual Paulista - Presidente Prudente (UNESP), como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker

Presidente Prudente

2024

Anjos, Wanderson Ferreira dos
A599c O centro da cidade e seu conteúdo simbólico: : um estudo sobre o município de São José de Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário / Wanderson Ferreira dos Anjos. -- Presidente Prudente, 2024
162 p. : il., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: Arthur Magon Whitacker

1. Produção do espaço urbano. 2. Centralidade simbólica. 3. Sagrado. 4. São José de Ribamar. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: "O Centro da Cidade e seu Conteúdo Simbólico: um estudo sobre o município de São José de Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário"

AUTOR: WANDERSON FERREIRA DOS ANJOS

ORIENTADOR: ARTHUR MAGON WHITACKER

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em Geografia, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. ARTHUR MAGON WHITACKER (Participaçao Presencial)
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente FC T/Unesp

Profa. Dra. PAULA NEUMANN NOVACK (Participaçao Presencial)
Pós doutoranda da FCT/Unesp

Profa. Dra. RIZIA MENDES MARES (Participaçao Virtual)
Geografia / Universidade de Pernambuco - UPE - Câmpus Petrolina

Presidente Prudente, 27 de maio de 2024.

gov.br Documento assinado digitalmente
ARTHUR MAGON WHITACKER
Data: 25/02/2026 15:24:37-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

AGRADECIMENTOS

À Deus, Pai Criador, por ter me concedido o dom da perseverança para que pudesse concluir esse curso de Pós-graduação em meio as intempéries da vida.

Aos meus pais Glacimary Ferreira e Edson Moraes dos Anjos, pelo apoio em todas as fases da minha vida, inclusive nos estudos.

Aos meus irmãos Wedson dos Anjos, Warlysson dos Anjos, Wildson dos Anjos e Bárbara dos Anjos pela motivação, paciência e colaboração.

Aos queridos amigos ribamarenses que sempre me incentivaram e me apoiaram em busca dos meus sonhos, por sua importante presença em muitos momentos, inclusive nos trabalhos de campo. Aos amigos que conquistei ao longo da jornada acadêmica, sobretudo os vinculados ao Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (Gasperr). Em especial, Karina Malachias que juntos firmamos uma parceria não apenas de estudo, mas de colaboração e superação dos desafios propostos no decorrer desses anos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker que acrescentou muito de sua sabedoria e simplicidade à minha formação como pesquisador e profissional, auxiliando-me nesse trabalho dissertativo e, mais do que isso por sua grande parceria e paciência. Por sua prontidão e solicitude durante a orientação desse estudo.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho que contribuíram positivamente para o meu desenvolvimento acadêmico, através dos conhecimentos compartilhados, por cada apontamento e sugestão que serviram para o meu amadurecimento.

Aos colegas bibliotecários que muito me auxiliaram na apreensão de materiais informacionais nos diferentes centros de informação (Bibliotecas, Casa de Cultura, Arquivo Público). Sua tarefa é imprescindível para a ciência!

Aos párocos solidários do Santuário de São José de Ribamar por ajudarem no sentido de incentivar a contribuição dos visitantes para com o estudo empreendido, sobretudo nas missas de domingo pela manhã.

Aos citadinos, vendedores, turistas, pároco reitor do santuário, historiador e secretário municipal de cultura os quais tive a oportunidade de conhecer (outros de rever) na fase de aplicação dos questionários e entrevista da pesquisa, por sua colaboração e ajuda para o desenvolvimento desse trabalho dissertativo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O trabalho versa sobre a centralidade simbólica, tomando como base um conjunto de formas simbólicas espaciais presentes no centro da cidade. Objetiva discutir o centro de São José de Ribamar destacando o Complexo Arquitetônico do Santuário como forma simbólica atrelada à centralidade intraurbana. Utiliza como recorte analítico o município de São José de Ribamar, localizado na Ilha do Maranhão, próximo a capital do estado, caracterizado por sua pujança religiosa relacionada a fé católica. Denota, pois, a produção do espaço urbano e o ordenamento espacial com base no papel exercido pelo sagrado na cidade, que se reafirma no decorrer do tempo e é realçado com a presença de elementos fixos no núcleo da área central. Enfatiza a visão e interpretação de diferentes agentes (moradores, trabalhadores, visitantes, representante do Poder Público Municipal, líder religioso e historiador) para entendimento das modificações atreladas a área central e aos diferentes tempos vivenciados no espaço. Evidencia um conjunto de significados atribuídos a forma espacial (religiosa) como ponto forte para entendimento do caráter simbólico. Utiliza como aporte metodológico a Fenomenologia, aos aspectos subjetivos e não apenas aos materiais, recorrendo-se a instrumentos de coletas de dados como Entrevistas e Questionários, além de uma Enquete. Ressalta os registros fotográficos como instrumentos para elucidação de comparações entre distintas épocas. Destaca a categoria geográfica Paisagem como fundante na análise, por envolver o olhar do observador que passa a decodificá-la a partir de suas vivências. Pontua a construção do Complexo Arquitetônico do Santuário de São José de Ribamar como marco no contexto religioso e social do município em questão, favorecendo pontos de análise geográfica no que concerne, entre outros aspectos, a (re)definição da centralidade intraurbana.

Palavras-chave: Produção do espaço urbano. Centralidade simbólica. Sagrado. São José de Ribamar.

ABSTRACT

The work deals with symbolic centrality, taking as a basis a set of spatial symbolic forms present in the city center. It aims to discuss the center of São José de Ribamar, highlighting the Sanctuary Architectural Complex as a symbolic form linked to intra-urban centrality. It uses as an analytical focus the municipality of São José de Ribamar, located on Maranhão Island, close to the state capital, characterized by its religious strength related to the Catholic faith. It therefore denotes the production of urban space and spatial ordering based on the role played by the sacred in the city, which reaffirms itself over time and is highlighted with the presence of fixed elements in the core of the central area. It emphasizes the vision and interpretation of different agents (residents, workers, visitors, representative of the Municipal Public Power, religious leader and historian) to understand the changes linked to the central area and the different times experienced in the space. It highlights a set of meanings attributed to the spatial (religious) form as a strong point for understanding the symbolic character. It uses Phenomenology as a methodological contribution, subjective aspects and not just materials, using data collection instruments such as Interviews and Questionnaires, in addition to a Survey. It highlights photographic records as instruments for elucidating comparisons between different eras. It highlights the geographical category Landscape as a foundation in the analysis, as it involves the observer's gaze who begins to decode it based on their experiences. It highlights the construction of the Architectural Complex of the Sanctuary of São José de Ribamar as a milestone in the religious and social context of the municipality in question, favoring points of geographic analysis regarding, among other aspects, the (re)definition of intra-urban centrality.

Keywords: Urban space production. Symbolic centrality. Sacred. São José de Ribamar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo das Zonas Concêntricas (Burgess) 29
Figura 2 – Modelo das Zonas ou dos Setores (Hoyt) 30
Figura 3 – Modelo dos Núcleos Múltiplos (Harris e Ullman) 30
Figura 4 – Mapa de Localização de São José de Ribamar – Maranhão 41
Figura 5 - Vitrais da Igreja Matriz retratando a tempestade e a entrega da imagem do Santo 42
Figura 6 - O santo católico São José de Ribamar 43
Figura 7 – Vitral da igreja sobre a chegada de franciscanos e o apego dos indígenas à Imagem 44
Figura 8 - Casas ao redor da Igreja, 1886 48
Figura 9 – Casas na entrada da cidade, 19-? 48
Figura 10 – Venda de objetos de barro vindos do município de Rosário, durante o festejo do santo em 1964 49
Figura 11 – Inauguração solene do 1º reservatório de águas no Moropóia, em 1898 50
Figura 12 – Outro reservatório d´água localizado no Moropóia 50
Figura 13 – Água potável do Moropóia sendo transportada em um burrico 51
Figura 14 – Lancha atracando no Porto do Barbosa 52
Figura 15 - Casas de veraneio (modelo 1) 52
Figura 16 - Casa de veraneio (modelo 2) 52
Figura 17 – Zoneamento rural segundo tendências de ocupação (até 1970) 57
Figura 18 – Condomínio residencial no Panaquatira 60
Figura 19 – Condomínio residencial no Araçagy 60
Figura 20 – Avenida Principal do bairro Mojó 60
Figura 21 - 2ª Igreja de São José de Ribamar, construída em 1834 62
Figura 22 - 3ª Igreja de São José de Ribamar construída em 1897, com frente para o mar ... 62
Figura 23 – 4ª Igreja de São José de Ribamar, construída em 1915 63
Figura 24 – Avenida Gonçalves Dias, localizada no Centro da cidade 63
Figura 25 – Linha do tempo de São José de Ribamar 65
Figura 26 – Linha de ônibus Cetracol por volta de 1968 66
Figura 27 - Vitral da Igreja Matriz retratando as primeiras peregrinações feitas à igreja 68
Figura 28 - Romeiros no largo da matriz durante o festejo de 1976 70
Figura 29 – Oferta de um galo em retribuição à graça alcançada (setembro de 1986) 71
Figura 30 – Embarcações à vela ancoradas no Porto do Barbosa 72
Figura 31 – Mapa de Localização do Núcleo da Área Central de São José de Ribamar – MA 74

Figura 32 – Equipamentos e Serviços na Área Central da cidade 75
Figura 33 - Mapa de Localização do Bairro Centro e do Santuário em São José de Ribamar – MA 78
Figura 34 - Desenho do Projeto Basílica 82
Figura 35 – Mapa do Complexo do Santuário de São José de Ribamar 83
Figura 36 – Vista do Complexo do Santuário de São José de Ribamar 84
Figura 37 – Construção do Caminho de São José em 1996 85
Figura 38 – Mudanças na Praça da Matriz de São José de Ribamar, a partir da reforma 86
Figura 39 - Mudanças na Praça da Matriz de São José de Ribamar, a partir da reforma 86
Figura 40 - As oito estações que compõem o Caminho de São José 87
Figura 41 - O Horto do Calvário 89
Figura 42 – Interior do Museu dos Ex-Votos 89
Figura 43 – A gruta de Lourdes em diferentes períodos 90
Figura 44 – A gruta de Lourdes em diferentes períodos 90
Figura 45 – Monumento a São José de Ribamar 91
Figura 46 - Parte externa e interna da Casa das Velas 91
Figura 47 - Parte externa e interna da Casa das Velas 91
Figura 48 - Concha Acústica 92
Figura 49 – Conjunto de imagens da Igreja Matriz de São José de Ribamar em diferentes períodos 94
Figura 50 – Multidão de fiéis no encerramento do Festejo do santo em 2019 95
Figura 51 – Nova iluminação na parte externa da Igreja Matriz de São José de Ribamar 96
Figura 52 – Nova iluminação na parte externa da Igreja Matriz de São José de Ribamar 96
Figura 53 - Vitrais retratando a centralidade do templo e a expressão da religiosidade 97
Figura 54 - Conjunto de fotos apontando alterações na Praça da Matriz 99
Figura 55 - Altar de São José, milagres e promessas 102
Figura 56 – Fiéis homenageando São José de Ribamar durante procissão 103
Figura 57 – Bênção de Veículos após a Missa 103
Figura 58 – Bênção de Veículos após a Missa 103
Figura 59 – Monumento a São José de Ribamar atualmente 104
Figura 60 - Monumento a São José de Ribamar atualmente 104
Figura 61 - Conjunto de imagens sobre alguns danos encontrados na estrutura do Monumento 105
Figura 62 - O Complexo do Santuário de São José de Ribamar 107
Figura 63 – Parada para reflexão da Estação na Grande Romaria Caminho de São José 108

Figura 64 – Vista da Praia de Banho com a Igreja e com o Monumento 111
Figura 65 - Orla de São José de Ribamar com a presença de barracas, hotel Mediterrâneo (à esquerda) e a Igreja Matriz ao fundo 113
Figura 66 – Revitalização do Cais de São José de Ribamar 120
Figura 67 – Parque Municipal do Folclore Therezinha Jansen na área central da cidade 120
Figura 68 – Procissão e Missa de Encerramento do Festejo do santo em 2023 121
Figura 69 - Procissão e Missa de Encerramento do Festejo do santo em 2023 121
Figura 70 - Venda de diferentes produtos nas proximidades do santuário 124
Figura 71 – Espaço sagrado e espaço profano no bairro Cohatrac - São Luís/MA 125
Figura 72 - Delimitação do espaço sagrado e do profano na área central de São José de Ribamar 126
Figura 73 - Jornal do Maranhão com seção “O Carpinteiro” 127
Figura 74 - Cartazes das Três Principais Festas dedicadas ao santo 131

LISTA DE SIGLAS

ABEOC Associação Brasileira de Empresas de Eventos

CBD Central Business District

CTRS Centro de Tecnologia da Rede SARA

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMESC Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

IURD Igreja Universal do Reino de Deus

PAC Programa de Aceleração do Crescimento

PMCMV Programa Minha Casa Minha Vida

SEMOSP Secretaria de Obras, Habitação, Serviços Públicos e Urbanismo

SINFRA Secretaria de Estado da Infraestrutura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

2 UM DEBATE SOBRE CENTRO E CENTRALIDADE 23

2.1 Destacando o Centro e a Centralidade no contexto urbano 24

2.1.1 O centro como estruturador do espaço: três diferentes modelos de análise 28

2.2 A dimensão simbólica do centro 31

3 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR-MA 39

3.1 São José de Ribamar: breve caracterização geográfica 40

3.1.1 Início do séc. XVII: a narrativa religiosa – a lenda do navegador português e a caracterização do Arraial 42

3.1.2 O nascimento da Vila de São José e a transformação da Vila em Lugar e do Lugar em Distrito (1627 –1969) 46

3.1.3 A designação do município como São José de Ribamar, em 1969, e as décadas seguintes 53

3.2 A marcante presença da Igreja Católica na história do lugar 61

3.3 Apontamentos sobre a Centralidade em São José de Ribamar 66

4 A CONSTRUÇÃO DO COMPLEXO DO SANTUÁRIO E A DINÂMICA DA CENTRALIDADE SIMBÓLICA EM SÃO JOSÉ DERIBAMAR 80

4.1 A criação do Complexo Religioso: a influência da religiosidade na conformação das formas simbólicas espaciais 81

4.2 Entre Formas, Símbolos e Significados: a Centralidade Simbólica do Complexo do Santuário de São José de Ribamar 97

4.2.1 Um destaque ao Turismo Religioso na dinamização da cidade 114

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 133

REFERÊNCIAS 137

APÊNDICES 145

1 INTRODUÇÃO

Um olhar na paisagem urbana exprime diferenças e faz com que se perceba a concentração de pessoas, de movimentos, de estabelecimentos comerciais, de oferta de empregos, de equipamentos, de igrejas, de intenso fluxo de automóveis, de agências bancárias, de frequentação maior em determinada área, o Centro. Os principais agentes imobiliários e as atividades econômicas pujantes estão aí localizadas, reunindo ainda expressões do poder administrativo, político, cultural e religioso expressos pelos prédios, templos, equipamentos materializados nesse locus possuidor de infraestrutura que favorece a acessibilidade.

De forma geral, o centro (forma espacial) é entendido como um produto social que se transforma com o tempo, com a história. Dessa maneira, provém de um processo espacial e implica novos processos, sendo dotado de um conjunto de conteúdos simbólicos, socioeconômicos, patrimoniais etc. Ao se pensar no conteúdo simbólico de uma área central, destaca-se a análise temporal (no tempo curto e no tempo longo) e, nesse sentido, envolve interpretações e o olhar dos sujeitos sobre a área. Evidencia-se que a carga simbólica do centro vai variando a partir das gerações, das épocas distintas; assim, exprime como diferentes gerações compreendem essa área e como foi se consolidando ao longo dos anos.

Partindo-se de uma análise hierárquica tem-se o centro principal, que aglutina os fluxos dentro da cidade, e outros inferiores – subcentros – que não alcançam toda a cidade, mas uma parte dela, que embora possua serviços e produtos presentes no centro principal, seu alcance se dá numa escala menor e com menor intensidade. Há ainda o comércio de vizinhança com um alcance menor, atraindo pessoas que estão mais próximas a ele.

Essa lógica tem certas especificidades a depender da estrutura analisada, pois numa estrutura multicêntrica (muitos centros) além da hierarquização entre as diferentes áreas centrais há a especialização dessas áreas, com alcance espacial capaz de envolver toda a cidade. Numa estrutura policêntrica, por sua vez, as áreas centrais podem alcançar toda a cidade, mas seus usos se dão de forma diferente, com frequentação diferente, associando-se aos processos de fragmentação e desigualdade social.

O estudo aqui desenvolvido privilegiará a organização intraurbana da cidade a partir de uma centralidade que faz alusão às caracterizações importantes e exclusivas do seu Centro, enfocando a Área central e seu Núcleo, no qual há um conjunto de elementos fixos que se sobressaem na paisagem urbana, formadores do Complexo do Santuário de São José de Ribamar, exprimindo pontos basilares de análise e discussão.

Destaca-se a centralidade e as formas espaciais com base nos processos de

concentração e centralização que fazem do Centro da cidade uma área "à parte", caracterizando-a com um centro único - principal e consolidado - que congrega uma série de atividades e dinâmicas. A produção capitalista do espaço urbano se materializa no Centro (ponto de partida para compreender a espacialização da cidade). Logo, destaca-se a centralidade em seu conteúdo simbólico e as formas espaciais arraigadas de significados, portanto formas simbólicas espaciais. Há pontos presentes no centro que individualizam essaárea em relação as demais, definindo-o como espaço simbólico e de memória histórica.

Sendo assim, a cidade de São José de Ribamar constitui um rico campo de investigação no que concerne ao processo socioespacial de formação e produção do seu espaço urbano, onde o centro antigo (tradicional) e o atual possuem certa dinamicidade e a construção de um conjunto arquitetônico-religioso nessa área impulsiona a análise e o debate sobre permanências, mudanças, novos usos e sobre a representatividade de formas simbólicas espaciais nesse local. É possível ainda apontar para o importante papel desempenhado pela religiosidade (católica) na historicidade do lugar, evidenciando a produção do espaço pelo sagrado.

Compreender arepresentatividade dessa obra para a comunidade e os significados atribuídos à ela pelos diferentes sujeitos, além de apontar como esse significado foi se erigindo até a construção desse "produto" fulguram como pontos-chave de análise. Faz-se importante, portanto, refletir se essa obra altera ou reforça a centralidade intraurbana, constituindo-se essa questão como norteadora deste trabalho científico. O desafio proposto é fazer uma leitura do lugar com base nas formas físicas aí presentes, de modo a evidenciar o conteúdo simbólico que o Complexo do Santuário agrega ao centro, conformando-se uma centralidade simbólica na cidade. Leitura essa que perpassa pela análise cartográfica e fotográfica.

A motivação pela investigação do tema decorre da necessidade de se entender a dinâmica urbana e os elementos que expressam a centralidade na área central do município, apontando para as transformações e permanências presentes nesse lugar frente ao novo elemento que é o Complexo do Santuário, criado no final da década de 1990. Tal obra arquitetônica configura-se como um objeto relevante para a análise simbólica e para os significados e representações (Corrêa, 2007; Hall, 1997) a ele atribuídos pela população local, regional e nacional de orientação católica. Por se constituir num espaço de confluência social, cultural, ambiental, econômica, política e religiosa, o centro ribamarense é um locus de pesquisa de grande relevância para o entendimento de vários fenômenos geográficos e sociais que concernem à avaliação da centralidade simbólica.

Nessa perspectiva, esse trabalho dissertativo tem como objetivo geral discutir o centro

de São José de Ribamar destacando o Complexo Arquitetônico do Santuário como forma simbólica atrelada à centralidade intraurbana. A partir do delineamento deste, elaboramos os seguintes objetivos específicos: Destacar o contexto histórico e geográfico da cidade de São José de Ribamar,enfatizando o processo de produção do espaço urbano; Apontar os elementos que conferem centralidade ao centro tradicional da cidade, evidenciando o caráter monocêntrico desse espaço; Enfatizar a área central da cidade (e seu núcleo) com base no Complexo Arquitetônico do Santuário, apontando as periodizações, permanências e mudanças na estrutura urbana; Analisar o Complexo Arquitetônico do Santuário como elemento de centralidade simbólica no centro tradicional da cidade; Enfatizar a percepção dos moradores, trabalhadores e visitantes/turistas sobre a importância do conjunto arquitetônico-religioso na prática da vivência da fé e na dinamização do espaço geográfico. Para tanto, a aproximação com estudos sobre outros santuários brasileiros torna-se um elemento a ser perseguido, afim de tecer aproximações, semelhanças e diferenças entre eles.

Para uma boa condução da pesquisa, norteia-se por um embasamento metodológico, entendendo que a metodologia da pesquisa consiste num conjunto de procedimentos metódicos de uma ciência (Minayo, 2013), e assim edificamos essa dissertação a partir de uma abordagem qualitativa "[...] preocupando-se em analisar e, sobretudo, interpretar os aspectos de forma mais profunda, complexa acerca do comportamento humano, [oferecendo] análise mais minuciosa em relação as investigações." (Marconi; Lakatus, 2004, p. 269). Não somente as interpretações dos fenômenos assumem um peso central na pesquisa qualitativa, mas também as representações onde o mundo objetivo e o mundo subjetivo dos sujeitos são indissociáveis, como defendem Andrade e Schmidt (2019).

Em relação aos procedimentos técnicos, a investigação parte da pesquisa bibliográfica, valendo-se de materiais previamente elaborados, tais como livros, teses, dissertações, monografias, artigos científicos. Assim, comungamos dos pensamentos e interpretações de alguns estudiosos como Tricart (1956) evidenciando análises sobre a estrutura urbana; Lefebvre (1969) refletindo sobre o Direito à Cidade; Sposito (1991, 2001), destacando a estruturação urbana e a centralidade; Whitacker (2011, 2017, 2020), expressando sobre o centro da cidade e a centralidade intraurbana; Salgueiro (1994, 2013), tecendo comentários relevantes sobre o centro e as centralidades múltiplas; Corrêa (1989) apresentando o caráter simbólico do centro como um ponto relevante no estudo urbano; Oliveira e Souza (2010), ressaltando a geograficidade que permeia as formas simbólicas; Costa (2209), acenando o geossímbolo e as representações de lugares sagrados; Rosendahl (2018) caracterizando as cidades-santuário e o caráter religioso no ordenamento espacial das cidades.

As questões atinentes a cada objetivo propõem a caracterização da pesquisa com cunho fenomenológico, uma vez que se pauta não somente nos aspectos visíveis/materiais/formas fixas, mas também em atributos imateriais, subjetivos, invisíveis. Esse método parece-nos valioso para a compreensão do fenômeno aqui investigado, abordando as percepções emitidas e o posicionamento ativo dos sujeitos, pois de acordo com Besse (2006, p. 78): "o ponto de vista fenomenológico, em geografia, permitiu abrir novos campos de pesquisa, suscitando o interesse pelas percepções, representações, atitudes diante do espaço." Assim, a significação atribuída é ponto crucial, envolvente em cada aspecto das formas simbólicas espaciais presentes no espaço geográfico. Com base nisso, reportamo-nos à Nogueira (2004, p. 212) ao expressar que "[...] a perspectiva fenomenológica da geografia deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano, para descrever o mundo vivido, onde o físico/humano são elementos percebidos e interpretados pelos diversos sujeitos que o experienciam." O emaranhado de diferentes percepções inerentes a cada indivíduo/sujeito da pesquisa, leva-nos a entender que há uma polivocalidade[1].

Sendo assim, corrobora-se com as reflexões de Corrêa (2007, p. 12) ao ressaltar que "[...] as formas simbólicas, materiais ou não, constituem signos construídos a partir da relação entre formas, os significantes, os conceitos, os significados [...]" Para melhor compreensão dos aspectos apontados para a presente investigação, enfatizam-se as formas simbólicas espaciais materiais (os elementos que compõem o Santuário) sem, todavia, desprezar pontos sobre as formas simbólicas não-materiais (romarias, procissões, peregrinações) que envolvem o nosso objeto de estudo. Em tais formas, o caráter religioso é expoente, mas também pode envolver outros elementos para além dele.

Seguindo essa linha de raciocínio, lembramos das considerações feitas por Geertz (1989, p. 10), ao expressar que "O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu [...] sendo essas teias e sua análise, portanto, [temos a geografia] não como uma ciência experimental, em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, [a] procura do significado [...]." O imaginário ganha força na análise aqui empreendida e a conotação da fé perpassa pelas discussões, ou seja, dois pontos basilares na investigação sobre a paisagem religiosa do Santuário de São José de Ribamar "[...] as leituras que consideram a dimensão simbólico-devocional devem dar crédito ao peso do imaginário religioso e ao papel da fé como estruturante de determinadas práticas sociais." (Rocha; Barbosa, 2020, p. 382).

A pesquisa desenvolvida assume um Estudo de Caso referente ao município de São José de Ribamar, localizado no estado do Maranhão, no nordeste brasileiro. Quanto aos fins, ela é

[1] Tal conceituação de Polivocalidade se baseia na ideia apresentada por Corrêa (2007), envolvendo uma gama de diferentes significados atribuídos às formas simbólicas.

do tipo Exploratória, visando "[...] proporcionar mais informações sobre o assunto [investigado], possibilitando sua definição e seudelineamento [...]" (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51) e Descritiva, pois "visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis." (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52).

Nesse intuito, para se entender a representação socioespacial atrelada ao lugar analisado, é necessário pontuar as representações postas às formas simbólicas e, portanto, a necessidade de uma análise qualitativa e de natureza exploratória. Sendo assim, aproxima-se das considerações de Rocha e Barbosa (2020, p. 382) ao salientarem que "[...] A paisagem é entendida enquanto objeto de devoção, constituída como uma forma simbólica podendo assumir os mais diversos significados [...]" Esse tipo de pesquisa [exploratória] favorece uma criticidade da realidade apreendida, na qual os dados não são meramente colhidos, mas interpretados e reconstruídos pelo pesquisador, por aquele que investiga. (Demo, 2001).

Portanto, o destaque à compreensão de temas como centro, centralidade, formas simbólicas espaciais, paisagem e significados formam a base teórico-metodológica da pesquisa. Com isso, a busca por trabalhos que versem sobre o fenômeno investigado constituiu-se tarefa primordial e assim, concordamos com Andrade e Schmidt (2019, p. 12) ao destacarem que "uma proposta de investigação científica somente será realizada e concretizada se houver avanço a partir de leituras específicas naquilo que é próximo ou que permite comparações com o objeto de estudo." Para nossa pesquisa, é interessante estabelecer as características elementares desse complexo santuário maranhense em comparação com outros santuários espalhados no território brasileiro.

Em relação a esse aspecto, encontramos subsídios para a discussão sobre o santuário ribamarense e seu complexo a partir de escritos desenvolvidos no âmbito acadêmico, dentre os quais podemos citar: Costa (2009) destacando o Santuário de Canindé; Oliveira e Souza (2010) ressaltando o Santuário de Fátima da Serra Grande; Souza (2017) enfatizando o Santuário de Nosso Senhor do Bonfim; Sousa (2017) apresentando o Santuário de Nossa Senhora de Nazaré; Rocha e Barbosa (2020) evidenciando o Santuário de Santa Rita de Cássia; Bernardino e Galvão (2021) discutindo sobre os Santuários de Frei Damião, Santa Rita de Cássia e Padre Cícero. Essas produções científicas envolvem aspectos da dinâmica urbana e do aparato religioso em suas análises.

Para o desenvolvimento dessas perspectivas, adotamos procedimentos metodológicos concernentes às nuances que o objeto de estudo apresenta. Nesse prisma, o trabalho de campo é fundamental, pois segundo Kaiser (2006, p. 94), "qualquer um que deseje conhecer um fenômeno, só poderá ter sucesso se entrar em contato com ele, ou seja, vivê-lo (praticá-lo) dentro do próprio meio desse fenômeno." Assim, buscamos acessar o centro da cidade e sua área central (com seu núcleo) para averiguação de elementos e processos que fundamentem a análise.

Nesse sentido, concordamos com Alves (1997) ao considerar os trabalhos de campo como importante ferramenta do geógrafo e que está associado não apenas ao ver, mas em refletir o que se observa. Logo, ao observar a paisagem alcançada pelo olhar, busca-se entender as entrelinhas, os conteúdos que compõem cada forma simbólica espacial presente no Complexo do Santuário de São José de Ribamar. As relações estabelecidas entre as pessoas e as paisagens são abordadas na dimensão simbólico-devocional, entendendo essa categoria geográfica como uma entidade mediadora do sagrado. Assim, os papeis sagrados e profanos[2] que imbuem os lugares sagrados do catolicismo e suas respectivas marcas paisagísticas são enfatizadas nessa dimensão citada. (Rocha; Barbosa, 2020).

Tais apontamentos fazem com que se recorde das ponderações feitas por Hissa e Oliveira (2004, p. 38, grifo nosso) ao refletirem que:

> Os trabalhos de campo são indispensáveis para o estudo, para a pesquisa que se refere aos processos de caráter espacial. Entretanto**, a ida ao campo não significa, apenas, o movimento na direção do que pode ser descrito. Trata-se do movimento na direção do que necessita ser interpretado, representado.** Além disso, o campo não deve ser visto como o mundo que contém a realidade – que, por sua vez, esconde, por trás das aparências, a verdade das coisas.

Intentando uma inserção no espaço singular da cidade onde o sagrado se manifesta, o espaço sagrado, buscou-se uma aproximação com os sujeitos que vivenciam o espaço, quer seja em seu cotidiano ou em momentos específicos. Nesse prisma, o método da observação participante foi fundamental, uma vez que insere-se de forma mais densa nas práticas dos sujeitos que percebem e vivenciam a paisagem religiosa, por meio de incursões mais constantes que permitem identificar as diferentes pessoas e suas relações com o sagrado, numa área e numa análise mais delimitada.

Como acena Proença (2007, p. 9), "Na observação participante o pesquisador deve se tornar parte de tal universo para melhor entender as ações daqueles que ocupam e produzem culturas, apreender seus aspectos simbólicos, que incluem costumes e linguagem [...]" Assim, conforma-se um relacionamento mais direto e com prazo mais alargado com as manifestações humanas e sociais dos grupos que dinamizam aquele espaço, vivenciando pessoalmente os eventos; logo, "Havendo maior proximidade do contexto ou ambiente do grupo a ser investigado, o pesquisador poderá então efetuar interpretações sobre o seu objeto de estudo com maior correspondência ao modo como os próprios integrantes vivenciam sua crença." (Proença, 2007, p.

[2] Cabe salientar que os apontamentos sobre os espaços sagrado e profano na dinâmica intraurbana de São José de Ribamar se deu com base nas reflexões de Rosendahl (2018) e, na presente investigação, se faz uma singela caracterização dessas zonas no núcleo da área central, sem, contudo, se aprofundar muito nas discussões, pois busca-se caracterizar como essas duas diferentes áreas se articulam e como os peregrinos e moradores atuam sobre elas.

9).

As inserções ao campo de estudo foram realizadas desde o ingresso no Programa de Pós-Graduação, mas se deram de forma mais contundentes a partir da aplicação de Enquetes (APÊNDICE G) - estruturadas com base nos objetivos da pesquisa e realizadas no final de abril e início de maio (28 de abril a 01 de maio de 2023) em virtude da realização do Tríduo de São José Operário - com o intuito de obter respostas concretas sobre o Complexo do Santuário na visão de visitantes provenientes de outros estados da federação. Assim, propôs-se um conjunto de sete perguntas (abertas e fechadas), envolvendo as categorias: Procedência, Maior símbolo do Santuário (e justificativa para a escolha desse símbolo), Tempo de permanência na área, Local de hospedagem e Atividades realizadas. A realização deu-se de forma positiva, captando diferentes interpretações dos sujeitos envolvidos (30 respondentes de diferentes estados e regiões), além de possibilitar a inserção de novos elementos que deveriam ser colocados em pauta no questionário, posteriormente.

Após essa aplicação, empreenderam-se mais leituras e revisões sobre os conceitos arrolados na pesquisa, de modo a envolver e reforçar novos pontos de análise nos questionários e entrevistas a serem aplicados meses depois. Assim, pensou-se e organizou-se possíveis perguntas para compor os referidos instrumentos de coleta que foram apresentadas ao professor e definidas aquelas que seriam utilizadas para o trabalho de campo no final do mês de setembro (a escolha por esse período deu-se com base no fluxo intenso de visitantes, fiéis, romeiros nas celebrações do Festejo do Santo Padroeiro, que apresenta um conjunto de atividades diversificadas – missas, romarias, procissões, shows religiosos etc).

Priorizou-se, primeiramente, a aplicação dos questionários com os turistas (APÊNDICE H) e moradores locais (APÊNDICE I) para embasar o Relatório de Qualificação (que contou também com os apontamentos provenientes das Enquetes) para sua apresentação e explanação no momento do Exame de Qualificação, apresentando a pesquisa de campo realizada até aquele momento, quando se tinha adquirido dados empíricos sobre o objeto. Juntou-se a esses elementos alguns dados coletados previamente no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) “IBGE Cidades” sobre os Censos de 2010 e 2022. Tal atividade dedicou-se a apreensão dos indicadores População, Trabalho e Rendimento, Educaçãoe Economia em São José de Ribamar-MA e sua discussão. Dados relacionados ao contexto histórico do município também foram alcançados por meio de alguns trabalhos que englobam o arcabouço bibliográfico da pesquisa, a partir de visitas ao Centro de Cultura e à Biblioteca Pública Municipal, possibilitando o contato com algumas obras sobre a cidade. Informações sobre o contexto histórico ribamarense também foram apreendidas a partir de visitas ao Arquivo Público do Estado do Maranhão, ao

Centro de Cultura Josué Montello e também à Biblioteca Pública Benedito Leite, incorporando ainda mais dados à pesquisa, a partir da descoberta de antigas fontes bibliográficas (livros, álbum fotográfico, jornais, documentos administrativos).

Em se tratando do Exame Geral de Qualificação, este foi realizado no dia 18 de dezembro de 2023 e as discussões que arrolaram tendiam a ressaltar a importância do estudo e os elementos que precisavam ser enfatizados, oportunizando a indicação de novas bibliografias para complementação de informações e embasamento das reflexões a serem feitas, possibilitando também o trabalho com os dados já obtidos que foram organizados por classes (com base nas perguntas elencadas). Após essa atividade, caminhamos na elucidação de possíveis complementos do que já se tinha alcançado para estruturar e encorpar a dissertação final, trabalhando e interpretando os dados, sem, todavia, mudar as técnicas empregadas até o momento, visto que a limitação de tempo seria um agravante e entendendo que esse seria o caminho mais viável, tendo em vista estarem em consonância com os objetivos da pesquisa, ainda que, no momento da redação deste trabalho tenha se percebido novos e importantes elementos que apostamos ser melhor elucidados e amadurecidos em pesquisas futuras.

Posterior a essa fase da pesquisa, estabelecemos um contato com a Secretaria de Obras, Habitação, Serviços Públicos e Urbanismo (SEMOSP) do município para levantamento de dados sobre a construção do Complexodo Santuário, não obtendo êxito nessa busca. De forma a perseguir esse objetivo de alcance de informações referentes a construção do empreendimento, recorreu-se ao Arquivo da Prefeitura, mas sem sucesso na procura. Para sanar essa lacuna, buscamos a Secretaria de Estado da Infraestrutura (SINFRA) haja vista que o Complexo foi uma obra conjunta entre os governos estadual e municipal com o apoio da igreja católica local e de paroquianos, mas também não conseguimos avanços nessa tarefa.

Caminhamos na aplicação das entrevistas aos agentes bem informados da cidade e questionários com os trabalhadores do entorno do Complexo (APÊNDICE J), sendo realizadas na segunda semana do mês de janeiro do corrente ano. Com isso, os dados coletados se juntaram aos outros apreendidos nos questionários e nas enquetes, aumentando-se a gama informacional que precisava ser discutida e refletida ao longo da dissertação, embasada em autores que fundamentam esse escrito acadêmico.

A entrevista realizada com o Secretário de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer da cidade (com a utilização de um roteiro) (APÊNDICE K) visou a apreensão de dados e informações sobre as atividades desenvolvidas e a relação dessa Secretaria com o Santuário, visto que essa forma simbólica espacial é o principal cartão-postal do município, impulsionando o turismo religioso local. Aquela realizada com o pároco reitor da Igreja Matriz (APÊNDICE L), por sua vez,

objetivou buscar informações sobre as visitações dos fiéis locais e de outros estados e de como a criação e manutenção do Complexo do Santuário contribui para maior presença de visitantes e para a dinamização de atividades religiosas ao longo do Complexo. O terceiro agente bem informado a ser entrevistado (APÊNDICE M) foi o historiador da cidade (Sr. Antônio Miranda) ajudando no aprofundamento das discussões sobre o Santuário e o seu entorno, com apontamentos sobre a história do lugar.

O referido historiador possui um conjunto de obras sobre a cidade (alguns livros e variadas fotografias) e dedica-se à investigação histórica de fatos relacionados a origem do município e seu contexto cultural e religioso. Em conversa prévia com esse agente, solicitamos fotografias antigas da área central e do núcleo da cidade para identificação de mudanças e permanências geradas ao longo do tempo, o que possibilitou a criação de uma pasta com registros pontuais sobre a paisagem urbana da área central da cidade, as mudanças relacionadas à configuração do templo religioso (igreja matriz) e alguns poucos momentos da construção do Complexo. Moradores mais antigos da cidade com os quais se tem certo contato também foram acessados para a busca de fotos sobre o Complexo e a área onde ele está fixado, encontrando-se alguns registros fotográficos de tempos pretéritos.

Para além dessas fontes fotográficas, houve uma produção cartográfica; esses produtos são tomados na mesma perspectiva de Andrade e Schmidt (2019, p. 31), na qual os cinco mapas temáticos são "resultados visuais que a Cartografia apresenta, permitindo a análise, interpretação e comunicação do geógrafo com o objeto e o objetivo da pesquisa." Com esses instrumentos, evidenciam-se a localização do município, a área correspondente ao centro, o núcleo da área central, a localização do Complexo do Santuário e a delimitação do espaço sagrado e profano na cidade. Comungamos assim das ideias apresentadas por Cosgrove (2003) que ao estabelecer a relação entre cultura e espaço, defende a utilização dos mapas como importantes instrumentos de representação e análise, constituindo-se ferramentas vitais nos estudos das interconexões entre esses dois elementos.

Diante disso, estruturamos o trabalho a partir da conformação de 3 capítulos, além da Introdução e das Considerações Finais. O item 1 (INTRODUÇÃO) apresenta a síntese da trajetória da nossa pesquisa, destacando a estrutura do trabalho através da discussão teórica acerca dos principais conceitos, visando contextualizar o leitor sobre a nossa investigação a respeito da Centralidade Simbólica que enfoca o Centro da cidade e envolve percepções de diferentes sujeitos. Aponta ainda o aporte metodológico que sustenta essa investigação científica.

O capítulo 2 intitulado "UM DEBATE SOBRE CENTRO E CENTRALIDADE" se propõe a tecer informações sobre o Centro e a Centralidade num contexto geral e também

particular, buscando principalmente: Estabelecer a diferença entre Centro e Centralidade; Enfatizar os elementos que caracterizam cada um desses pontos; Destacar os conteúdos do Centro com ênfase no conteúdo simbólico; Enfatizar a Centralidade Simbólica.

Seguindo nessa organização, o capítulo 3 "A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR-MA" envolve discussões com o intuito de evidenciar: A caracterização histórica e geográfica do município; O processo de ocupação; O realce sobre o Centro da cidade, a Área central e seu Núcleo; O importante papel da Igreja Católica na dinâmica urbana e a centralidade intraurbana.

O item 4 denominado "A CONSTRUÇÃO DO COMPLEXO DO SANTUÁRIO E A DINÂMICA DA CENTRALIDADE SIMBÓLICA EM SÃO JOSÉ DE RIBAMAR" reflete sobre o conjunto arquitetônico-religioso do município em estudo, propondo: Destacar a centralidade simbólica como um atributo de significativa importância para aanálise interna da cidade; Evidenciar as formas simbólicas espaciais do Complexo do Santuário e sua relação com os fluxos na área em que estão assentadas; Estabelecer relações entre a forma simbólica espacial maior (o Complexo como um todo) e a Centralidade do Centro da cidade; Destacar as diferentes interpretações dos sujeitos e Apontar a atuação do segmento do Turismo Religioso na dinamização do lugar.

Além desses pontos acima, o trabalho apresenta ainda alguns apontamentos e sínteses, com base nos resultados obtidos. Tais apontamentos são ressaltados nas CONSIDERAÇÕES FINAIS. Elencamos também o conjunto de autores e trabalhos que embasaram a dissertação, a partir da listagem das REFERÊNCIAS. Por fim, apresentamos os documentos produzidos pelo pesquisador para reflexão das discussões e que estão disponibilizados por meio dos APÊNDICES.



2 UMA DISCUSSÃO SOBRE CENTRO E CENTRALIDADE SIMBÓLICA

2.1 Destacando o Centro e a Centralidade no contexto urbano

Essa investigação científica foca suas análises e discussões sobre o papel da centralidade no ordenamento urbano da cidade, evidenciando as transformações da paisagem urbana e expressando a periodização dos fenômenos e acontecimentos para entender a dinâmica espacial de São José de Ribamar com base nas relações e nos processos estabelecidos,sobretudo, em sua área central. As representações e os significados atribuídos aos elementos que compõem o centro evidenciam nuances e características específicas desse ponto da cidadeem relação a outras áreas.

Faz-se, assim, uma proposta que agrega a definição do centro e da centralidade e a análise da centralidade simbólica. Concorda-se com Whitacker (1997) ao enfatizar que a compreensão do processo de estruturação e reestruturação urbana perpassa pela reflexão sobre a centralidade urbana e suas diversas expressões e, para fins desse estudo, pontua-se o aspecto simbólico a partir de um conjunto de formas simbólicas espaciais (religiosas).

O enfoque na estrutura serviu para dar destaque e diferenciar a Geografia Urbana das demais subáreas da ciência geográfica, remetendo seus estudos aos anos 1950; o estudo das estruturas urbanas promove uma autonomia dessa área (Tricart, 1956). Logo, precisava-se entender o processo de formação dessas estruturas para dar subsídios aos estudos posteriores e, assim, chega-se às interpretações e propostas da Escola de Chicago, numa perspectiva ecológicaque utilizava analogias biológicas no entendimento do espaço e da cidade. Em suas análises, a estrutura da cidade era entendida como "um produto da interação competidora entre pessoas, asfacilidades do mercado, as agências de transporte e de comunicação, os tipos de funções exercidas e a sua localização". (Hollingshead, 1948, p. 252).

Um movimento de estruturação e reestruturação é marca desse processo, envolvendo a ação sobre a obra, ou como enfatiza Lefebvre (1967, p. 182), "[...] formas e estruturas se fazem e se desfazem, se dissolvem ou se quebram. Coloca no mesmo plano, no tempo, a formação das estruturas (estruturação) e sua desaparição (desestruturação)". Esse entendimento perpassa a reflexão sobre a cidade, destacando os processos, os movimentos contínuos, múltiplos e contraditórios a ela relacionados. Logo, "[...] a análise do processo de produção e estruturação das cidades tem que passar necessariamente pelo entendimento do papel do centro". (Sposito, 1991, p. 5). Centro e centralidade assumem forte peso na análiseurbana das cidades, revelando-se como pontos norteadores para a organização do espaço. (Salgueiro, 1994).

A concentração das atividades produtivas leva a fixação de áreas centrais nas cidades, aglutinando palácios, templos e em seu entorno a comercialização de variados produtosà disposição

da população, um espaço consagrado ao exercício dos poderes religiosos e políticos, por exemplo. A expressão desses poderes é revelada através das marcas, obras, construções, símbolos[3], logo são dotadas de uma prerrogativa integradora e simbólica (Castells, 1983), e se "[...] expressa através da história e da ideologia empriricizada na paisagem e nas obras [aí] presentes". (Whitacker, 1997, p. 270). Nesse sentido, essas áreascaracterizam-se pelo intenso fluxo de coisas e pessoas e o desenvolvimento de atividades de troca e comércio, possuindo um valor de solo elevado, sendo local de fixação e moradia de um público seleto. O conteúdo socioeconômico é evidenciado (uma elite ocupa esse espaço), além disso, a aglomeração, a tipologia e o uso das edificações vão mudando e expandindo-se.

Cabe sinalizar que a análise voltada às complexas transformações verificadas no período neolítico e entendida como gênese e evolução das cidades, expressa os fatores técnicos e econômicos, tendo como personagens os estudiosos Sjoberg (1960) e Harvey (1980), por exemplo. Em suas análises, Rosendahl (1999) apregoa que há uma outra vertente interpretativaenfocando o período paleolítico e, mais diretamente, os antigos santuários desse período para se entender o desenvolvimento das cidades. Nessa abordagem, privilegia-se o papel ativo desempenhado pela religião no contexto social. Entre os principais adeptos dessa linha estão Eliade (1962), Mumford (1991) e Tuan (1980).

Os estudos que tomam como prisma o período paleolítico destacam a importância dos santuários na base de desenvolvimento das cidades, ressaltando que "[...] ali nos santuários verificava-se uma vida mais intensa. Não representavam apenas abrigo e lugar de expressão artística. Exerciam também um poder de atração para homens vindos de muito longe, atraídos pelo estímulo espiritual para compartilhar as mesmas práticas mágicas ou crenças religiosas". (Rosendahl, 2018, p. 48). Contudo, não somente a centralização era um atributo do santuário como também a segregação, com especificação daqueles que ocupariam os cargos para assumiresses espaços posteriormente.

Atrelado a esse processo, pode-se destacar:

> A magnitude das muralhas e os portões limitavam o espaço sagrado. As fortificações defendiam o povo não somente dos inimigos humanos, como também dos demônios e das almas dos mortos [...] Por trás da muralha, a cidade tornou-se um recinto sagrado,era o lar do seu Deus poderoso. Os símbolos arquitetônicos e legitimados pelo povo elevaram a cidade muito acima da aldeia. Foram as potências religiosas que se achavam dentro dos templos e dos palácios que estabeleceram as finalidades e os significados àstransformações urbanas. A cidadela era a associação religiosa e política das famílias e das tribos. Os

[3] A ideia de símbolo defendida nesse trabalho se aproxima daquela ressaltada por Monnet (2000, p. 405) que considera como símbolos "[...] aqueles objetos espaciais cuja identificação integra sistemática e voluntariamente uma dimensão significante, além de uma simples função de sinalização". Assim, esse conceito é reforçado com as proposições de Chevalier (1969) que aponta duas características dos símbolos: a própria realidade do objeto com os possíveis significados ligados a ele, e uma realidade de outra ordem que se materializa no objeto.

> homens tinham os mesmos deuses e cumpriam os atos religiosos no mesmo santuário [...] (Rosendahl, 2018, p. 52).

No curso da história percebe-se, com maior nitidez no período neolítico, o aparecimento de classes dominantes e classes dominadas, deixando mais latente as disparidades entre os que mandam e os que obedecem. Com base na afirmação acima, vê-se um grupo que é privilegiado e dita as regras e outro que não detém essas funções, caracterizando assim doisgrupos diferentes na sociedade:

> [...] entre os que se apropriam de excedentes de produção e realizam trabalho intelectual de um lado, e a massa de agricultores de outro. Essa separação origina a cidade, cercada, que abriga os símbolos de dominação, o palácio e o templo, e os agentes da dominação – militares, sacerdotes e os especialistas diversos, artesãos, comerciantes e escravos. (Rosendahl, 2018, p. 53-54).

A partir desse momento há uma valorização dos fatores técnicos e econômicos na sociedade, gerando uma nova caracterização do espaço. Esse movimento faz emergir um núcleo dentro da cidade com características próprias, marcado pelas convergências de bens e serviços,para onde as pessoas se direcionam a fim de estabelecer trocas - o Centro, que "Na maioria dos casos [...] implica e propõe concentração de tudo o que se dá no mundo,na natureza e nos cosmos: produtos da terra, produtos industriais, obras humanas, objetos e instrumentos, atos e situações, signos e símbolos". (Lefebvre, 1983, p. 46).

Essa identificação também é destacada por Castells (1983) quando estabelece como uma das categorias do centro, um espaço de trocas e de coordenação de atividades que se descentralizam. Um pontocongregador de fluxos e ordenador de áreas, capaz de envolver diferentes segmentos e oferecervariados produtos, assumindo um caráter monopolizador com concentração acentuada de atividades comerciais.

Seguindo nessa mesma direção, ao se referir ao centro, Sposito (1991, p. 2) expõe que,

> [...] não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde a cidade se originou, ele é antes de tudo [...] o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispersor ao mesmo tempo.

Por estar intimamente atrelado às trocas de mercadoria e dinheiro, essa área no interior da cidade possui uma dimensão econômica preponderante (Whitacker, 2011), estimulando o próprio consumo de bens e serviços. Por essa concentração de capital, juntam-se aí equipamentos urbanos públicos e privados diversificados, a convergência informacional e dos sistemas de transporte. Pode-se destacar também o aspecto cultural bem aflorado no centro, ao envolver diferentes percepções e significados gerados pelos diferentes sujeitos que o visitam ou o vivenciam diariamente; uma relação entre aspectos econômicos e culturais caracterizando essa área da cidade

e revelando suas dinamizações na própria produção do espaço urbano.

Os movimentos do capital convergem para esse ponto central, concentrador de pessoas, fluxos de bens materiais e imateriais - pontos que individualizam essa área - onde se dá a materialização da produção capitalista do espaço urbano (Garcez, 2009). Desse modo, entende-se que a articulação entre a concentração das atividades e a convergência dos fluxos edeslocamentos dão subsídio para o surgimento do centro urbano. Os investimentos realizados, resultados das atividades de produção e dos recursos de infraestrutura de suporte (energia, saneamento, sistema viário e transporte) vão construindo o centro.

> **Se o centro se revela pelo que se localiza no território, a centralidade é desveladapelo que se movimenta no território**, relacionando a compreensão das centralidades,do plano conceitual prevalentemente à dimensão temporal da realidade. O que é **central** é redefinido em escalas temporais de médio e longo prazo pela mudança na **localização de atividades**. A **centralidade é redefinida continuamente**, inclusive em escalas temporais de curto prazo, pelos **fluxos** que se desenham através da circulação das pessoas, das mercadorias, das informações, das idéias e valores (Sposito, 2001, p. 238, grifo nosso).

O centro faz menção ao espaço construído (estrutura espacial urbana) enquanto a centralidade se expressa através dos processos, as relações socioespaciais, "[estando] associada ao processo de estruturação e de reestruturação, de mudanças constantes na estrutura. A centralidade pode ser redefinida na constituição de outras formas espaciais, em novas áreas de centralidade urbana". (Bezerra; Cavalcante, 2009, p. 221). Assim, a centralidade envolve as relações, os fluxos, as redes estabelecidas entre os lugares, associando-se com a organização e o controle da produção.

Destacam-se transformações atinentes à centralidade intraurbana, pois o centro unívoco vai cedendo lugar à novas áreas centrais dentro da cidade, impulsionadas pelo processo de urbanização, pela melhoria dos transportes públicos e a facilidade de acesso a essas outras áreas, dinamizando o fluxo de pessoas. Com isso, há uma expansão do setor comercial, favorecendo a descentralização de atividades e equipamentos do centro tradicional.

> Até muito recentemente, [as cidades] tiveram seus processos de estruturação do espaço urbano comandados pela presença unívoca do centro principal, mas conhecem, atualmente, acelerado processo de reestruturação, alicerçado pela instalação de novos espaços comerciais e de serviços [...] (Salgueiro, 1994, p. 52).

A presença de shopping centers e hipermercados reforça essa compreensão apontando para concentração de muitas atividades em pontos diferentes do núcleo tradicional, denotando novas estratégias de localização dos equipamentos comerciais e de serviços, um afastamento territorial das atividades ligadas ao consumo. A conformação desses novos estabelecimentos pode ainda contribuir para a redefinição da divisão social e econômica do espaço, alterando as relações e os fluxos entre o centro e a periferia, como destaca Silva (2023) ao apontar o papel dos shopping

centers na cidade de Ribeirão Preto, em São Paulo.

Com isso, reafirma-se e compreende-se o centro como ponto de intensificação de atividades urbanas. Inclusive, a acessibilidade destaca-se como elemento forte, facilitando a chegada a esse ponto da cidade, com ênfase nos transportes públicos para condução dos citadinos. Nessa conjuntura, seu alcance espacial possui variações, atraindo partes, toda a cidadeou até outras cidades do seu entorno. E na análise de uma cidade-santuário[4], o olhar se volta nãoapenas para o morador local, mas também daqueles advindos do interior do estado, da própria região geográfica e de outras partes do país e do mundo e, se há um complexo fixado no centro da cidade, é importante verificar se essa forma corrobora e reforça a centralidadeda área.

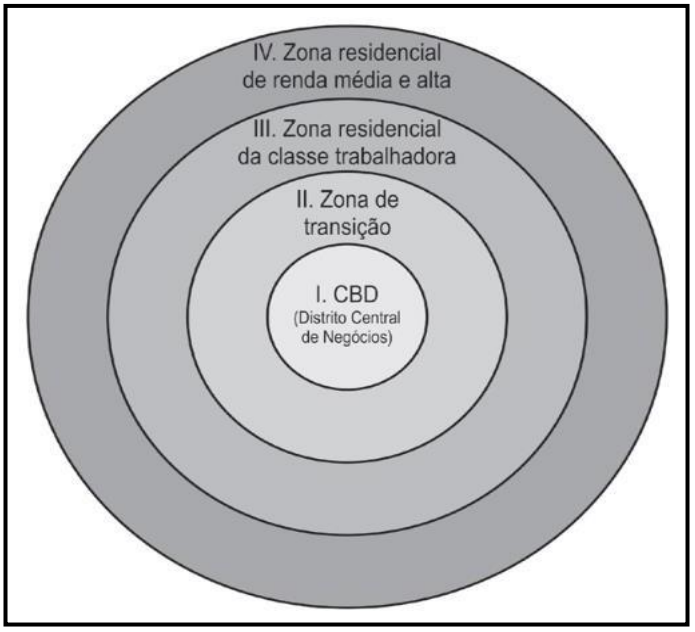
2.1.1 O centro como estruturador do espaço: três diferentes modelos de análise

Nesse bojo, uma série de interpretações foi sendo proposta tendo o centro como ponto de análise. A Escola de Chicago ganha ênfase nesses estudos ao tratar da Ecologia Urbana na análise do espaço intraurbano. Assim, o papel do centro da cidade como elemento estruturador do espaço urbano é reforçado através de três modelos, apresentados por diferentes estudiosos: Modelo das Zonas concêntricas (Burgess); das Zonas ou setores (Hoyt) e de Núcleos múltiplos (Harris e Ullman).

De acordo com Burgess (1925), a explicação sobre as mudanças dos padrões de usoda terra era feita com base na diferenciação interna da cidade gerada a partir do crescimento urbano. (Gottdiener, 1992). O centro possuía um caráter de domínio, o topo, num sistemahierárquico, comandando os processos de centralização e descentralização de atividades.(Whitacker, 2017). (Figura 1).

[4] A noção de cidade-santuário aqui enfatizada se baseia nas interpretações de Rosendahl (2008, p. 71) que a considera também como hierópolis, ou seja, como "centros de convergência de peregrinos que com suas práticas e crenças materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço".

Figura 1 – Modelo das Zonas Concêntricas (Burgess)

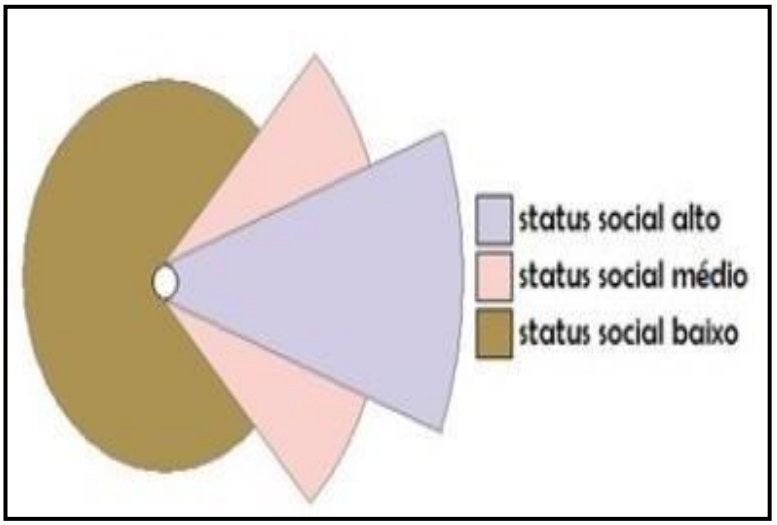


Fonte: Costa, 2016.

Com sua formulação, Burgess destaca o desenvolvimento da cidade por meio da constituição de zonas/anéis gerados a partir da área central. A primeira área é formada pelo Distrito Comercial, o próprio Central Business District (CBD), investido de fluxos e expressando o capital na cidade, sendopermeada por comércios e serviços. A segunda zona expressa a área habitada por camadas pobres da população, que pode ser utilizada por indústrias e negócios, removendo a populaçãopara outras partes. A zona da classe trabalhadora é formada por aqueles que trabalham na indústria e também por aqueles que foram expulsos da área anterior. O anel caracterizado como número IV é a zona residencial habitada pela classe média e alta, predominantemente, e as áreas residenciais fechadas são alguns dos elementos presentes.

Por outro lado, o modelo apresentado por Hoyt, em 1939, destacava o conteúdo cultural na análise da estrutura urbana, apontando que esse elemento gerava "[...] uma 'rigidez'[nas alterações das cidades e aglomerações metropolitanas], mantendo um conteúdo socioeconômico e/ou funcional associado ao centro [...]" (Whitacker, 2017, p. 158). (Figura 2). Há uma especialização funcional e socioeconômica do centro à periferia, expressa em "eixos" que geram distinções, segregação e diferenciação socioespacial. As vias de transporte eas indústrias são dois pontos de destaque para explicar o processo de centralidade urbana. (Whitacker, 2017).

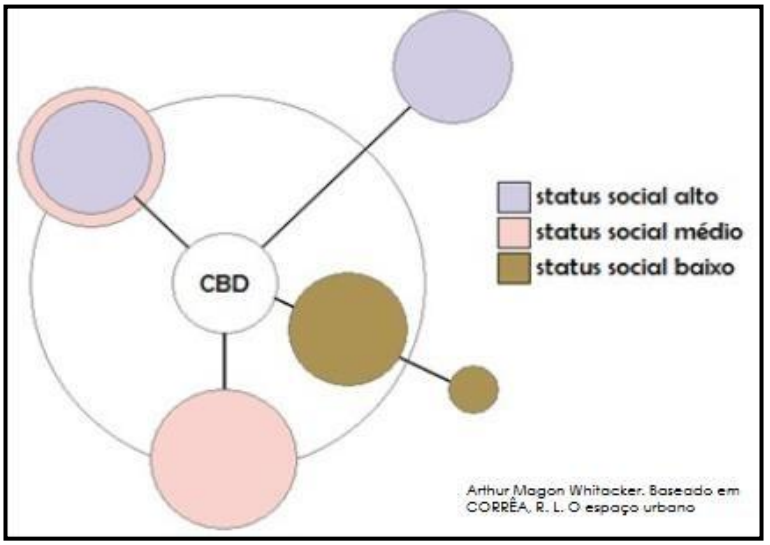
Figura 2 – Modelo das Zonas ou dos Setores (Hoyt)



Fonte: Whitacker, 2017 (adaptado de Corrêa, 1989).

No modelo desenvolvido por Harris e Ullman, no ano de 1945, “os diferentes tipos de utilização do solo se desenvolviam ao redor de determinados pontos de crescimento ou núcleos situados no interior da aglomeração urbana, os quais concentravam usos e atividades [...]” (Whitacker, 2017, p. 160). O CBD é destacado como ponto mais concentrado, devido à sua maior acessibilidade; a partir desse ponto principal é que se derivam os outros pontos/núcleos especializados. (Whitacker, 2017). (Figura 3). O modelo de núcleos múltiplos expressa os novos centros para atender as necessidades de outras áreas dentro da aglomeração urbana.

Figura 3 - Modelo dos Núcleos Múltiplos (Harris e Ullman)



Fonte: Whitacker, 2017 adaptado de Corrêa, 1989.

Os modelos apresentados articulam padrões da organização social com a dimensão espacial, analisando a interação dos diferentes grupos sociais nas cidades e de como esses grupos destinavam-se a espaços específicos dentro da cidade. Evidencia-se o processo de desenvolvimento urbano a partir dos seus centros e a concentração das principais atividades econômicas, sociais e culturais na área central da cidade.

2.2 A dimensão simbólica do centro

Enfatizamos as formas fixas (simbólicas espaciais), buscando perceber e evidenciar os significados emanados a elas, num movimento de interpretar e decodificar os símbolos presentes, decodificando-se assim a paisagem. Acredita-se, pois, que há relações estabelecidas entre o símbolo e o sujeito da representação (no caso, diferentes sujeitos, advindos de diferentes áreas da cidade e fora dela), o qual simboliza as formas através de sua imaginação e dos seus sentimentos. Assim, reforçamos a ideia de Oliveira e Souza (2010) que apontam que as formas estão imbuídas de um conteúdo simbólico, havendo aquelas mais relevantes que outras (no sentido de ser mais carregadas de sentimentos e significados), a depender do foco dado na análise.

Por isso, o ponto de vista, as emoções e os sentimentos daqueles que "observam" a paisagem urbana são salientados. O foco da análise, pois privilegiará os apontamentos emitidos por moradores da cidade (próximos e distantes ao Santuário), visitantes, comerciantes e agentes bem informados – Padre, Historiador da cidade e Secretário Municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer afim de estabelecer relações e evidenciar possíveis diferenças nas interpretações.

Nesse percurso, intentamos por escolher a categoria geográfica paisagem tendo em vista que ela "[...] é uma construção, um produto da apropriação e da transformação do ambiente em cultura. Assim, os seres lhes atribuem um significado". (Almeida, 2008, p. 47). Daí a relevância desse aspecto na presente pesquisa, a atribuição de diferentes significados (pelas pessoas) como um dos pontos característicos da paisagem cultural. Muito além da mera descrição do que se vê, o estudo da paisagem pautado nessa investigação reflete a percepção dos movimentos (fluxos) que o Complexo Arquitetônico do Santuário (fixo) é capaz de operar na área central da cidade, considerando os elementos simbólicos, conferindo significados às formas. Ou seja, ressalta-se a categoria paisagem para leitura dos elementos simbólicos e para percepção dos fixos e fluxos orquestrados na dinâmica intraurbana.

No caso específico da cidade balneária São José de Ribamar, localizada na Ilha do Maranhão, os fluxos estabelecidos em sua área central perpassam sobremaneira pelo conteúdo religioso, entendido aqui como elemento forte na história da cidade. Portanto, um destaque precisa

ser frisado: “O geógrafo quando estabelece como objeto central de sua análise a religião, encara-a sob a dimensão espacial. E para realizar sua pesquisa reconstrói teoricamente o papel do sagrado na recriação do espaço, reconhecendo o sagrado não como simples aspecto da paisagem, mas como elemento de produção do espaço”. (Rosendahl, 1997, p. 149). Essa compreensão é basilar no estudo aqui empreendido, pois pretende-se apontar se é nítida a influência e a importância do caráter religioso (cristão católico) na compreensão do espaço urbano ribamarense.

Há um conjunto de simbologias arraigadas nas próprias religiões e sua expressão se dá de maneira contundente com a materialização de formas que funcionam como mecanismos de reverência para aquela comunidade que dela faz parte (Bernardino; Galvão, 2021). Assim, as formas presentes no complexo religioso aqui estudado evidenciam um emaranhado de significados e diferentes percepções que envolvem os fixos presentes nessa obra arquitetônica.

O estudo das dimensões espaciais, religiosas, econômicas e políticas, pauta-se na ideia de que o conteúdo sagrado é materializado no espaço através das formas simbólicas espaciais, sendo um vetor de influência e dinamismo do urbano. Ainda que o conteúdo religioso seja expressivo, a área em estudo permite evidenciar outras dimensões além da religiosa, como as políticas e as econômicas que se imbricam na cidade, possuindo um período de forte evidência desse caráter integrativo, as festividades do santo (com destaque ao Grande Festejo realizado anualmente no mês de setembro). Assim, a organização espacial da cidade de São José de Ribamar compreende a dimensão simbólica do sagrado em sua escala intraurbana; o sagrado e sua materialidade ocupando um lugar na estruturação urbana ribamarense. Toda essa caracterização reforça o entendimento de Rosendahl (2018), no qual os aportes sobre a religião dentro da geografia são favorecidos a partir da manifestação material do sagrado no espaço.

As formas simbólicas Igreja Matriz, Caminho de São José, Concha Acústica, Gruta de Lourdes, Museu dos Ex-votos, Casa das velas e Monumento a São José materializadas no espaço, numa porção de efervescência da cidade, propiciam maiores movimentos/fluxos na área central e, assim, essas formas beneficiam a cidade em diferentes aspectos como apontado no parágrafo anterior. Um dos pontos fortes de nossa análise é verificar se o complexo altera as dinâmicas urbanas do/no município, reforçando ou não o caráter centralizador dessa área da cidade onde está assentado. Além disso, busca-se destacar a operacionalização de serviços (dos mais variados setores, como o infraestrutural) relacionado ao papel da igreja católica local ou a partir dela. De modo sintético, é investigar como e se o sagrado influencia o aparelhamento do espaço urbano e como esse sagrado se manifesta na dinâmica intraurbana, sendo capaz de envolver ou não outros aspectos em sua conjuntura, apontando a espacialização da dimensão (simbólica) do sagrado na organização (produção/estruturação) espacial dessa cidade-santuário.

Com isso, buscamos embasamento, em termos teórico-metodológicos, no campo da Geografia Urbana e da Geografia Cultural, de forma mais pontual, pois o destaque a discussão sobre centro e centralidade (atributo) e as manifestações dessa centralidade são expressas no seio da Geografia Urbana que passa a envolver uma conjuntura de abordagens em suas análises, pois "[...] atualmente o fenômeno urbano surpreende por sua enormidade; sua complexidade ultrapassa os meios de conhecimento e os instrumentos da ação prática". (Lefebvre, 1999, p. 49).

Ao estabelecer uma análise do espaço urbano, Salgueiro (2013) destaca o papel do centro com base nas dimensões geométricas, funcionais e simbólicas, destacando a interrelação entre elas nos centros urbanos. Em se tratando do aspecto simbólico, cabe frisar que sua análise pauta-se sobre as relações travadas entre as pessoas e os lugares, os laços afetivos desenvolvidoscom esses lugares. Embora sejam objetos materiais, as cidades são dotadas de representações abstratas e o centro, ainda que possua uma "[...] territorialidade palpável, sua espacialidade não se fecha em si [...]" (Whitacker, 1997, p. 271). É nessa lógica que Whitacker (1997) defende a ideia de centros (no plural) ao invés de centro, que são definidos a partir da relação dos sujeitos com o lugar, ou mais especificamente, "[...] a noção que se tem do espaço e do centro será diferenciada conforme o uso e as formas de inserção na produção espacial dos diferentes segmentos sociais [...]" (Whitacker, 1997, p. 275).

Há, por conseguinte, a conformação de diferentes expressões de centralidade, umavez que a relação entre os diferentes segmentos sociais entre si e com a paisagem e o espaço geram expressões, representações e construções diversas sobre o centro. Como resultado, tem-se a produção de novas áreas centrais na cidade com a expressão de múltiplas formas de centralidade e, no caso da cidade de Presidente Prudente, como mostra a pesquisa realizada porWhitacker (1997), a análise de diferentes setores no centro tradicional reforça níveis de especialização (funcional ou de segmentação socioeconômica).

Assim, ao estudar a cidade média de Presidente Prudente, no oeste paulista, o autor supracitado apresenta três delimitações territoriais do centro, quais sejam: a) delimitação institucional, pautada em aparatos municipais – leis, códigos; b) delimitação baseada na divisão econômica e social do espaço – destaque para relação entre os usos de solo comercial e de serviços e o residencial; c) delimitações resgatadas das diferentes representações – baseadas na apropriação diferenciada do espaço urbano pelos citadinos. (Whitacker, 1997). Essas acepções foram reforçadas através da investigação feita em sete pontos diferentes no centro tradicional da cidade, indagando sobre a definição e delimitação dessa área, levando em consideração um total de 492 citadinos respondentes que apresentavam faixa etária, renda, local de trabalho e meio de locomoção diferenciados. Com isso, Whitacker (1997) ressalta que diferentes representações do espaço foram

criadas pelos diferentes segmentos sociais.

Caminhando nessa direção, faz-se importante destacar as palavras de Berque (1987) na qual os territórios apresentam-se simultaneamente no domínio factual e sensível, físico e fenomenal, ecológico e simbólico. Sendo assim, é necessário apontar o caráter simbólico do centro e de seus elementos, de modo a compreender a dinâmica urbana. O enfoque nas formas simbólicas amplia o conhecimento da dimensão cultural do espaço (Corrêa, 2010). Assim, pois, a ação humana envolve não apenas a perspectiva econômica, mas também a simbólica.

De acordo com Cosgrove (2003, p. 103),

> Os seres humanos experienciam e transformam o mundo natural em um mundo humano, através de seu engajamento direto enquanto seres pensantes, com realidade sensorial e material. A produção e reprodução da vida material são, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na produção simbólica. Tais códigos incluem não apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, a pintura, a dança, o ritual, a cerimônia, e as construções. Mesmo essa lista não esgota a série de produções simbólicas através das quais mantemos o nosso mundo vivido, por que toda atividade humana é material esimbólica, produção e comunicação.

O referido autor aponta ainda a construção de monumentos ou a preservação de testemunhos como fontes de recordação de eventos reais ou imaginários num determinado território como elementos característicos para o sentido de lugar. A centralidade simbólica, porsua vez, refere-se às ideias de poder e prestígio que explica a marcação física de um determinadoespaço pelo poder, ao longo dos tempos.

> Cedo na história urbana encontramos o uso simbólico do espaço pelo poder político e religioso que marcam o espaço central, desde logo pela sua localização nele, depois pela construção de monumentos que os simbolizam e exprimem. A arquitetura e o desenho urbano se encarregam de valorizar estes sítios, de os tornar, pela visão artística, imponentes e impressivos. Os templos principais, o palácio, a sede da administração estão quase sempre na praça central, desde o ágora e o fórum da Antiguidade. Esta praça pode ter no centro um monumento evocativo de um acontecimento ou personagem [...] O prestígio dos sítios vem do capital simbólico queo poder e as famílias com elevado estatuto social emprestam ao espaço que ocupam [...] A arquitetura sendo também um elemento distintivo pode ajudar a conferir uma imagem de modernidade ou, pelo contrário, de respeito pela tradição [...](Salgueiro, 2013, p. 16).

Quando essas formas simbólicas se relacionam à espaços específicos, estabelecendo relações com os elementos fixos e com os fluxos, passa-se a destacar o seu caráter espacial. Assim, pois, as formas simbólicas espaciais são permeadas pelos fixos e fluxos e interligadas por símbolos que, por sua vez, são dotados de significados. Em sua definição Corrêa (2007, p. 8-9) assim expressa:

> As formas simbólicas tornam-se formas simbólicas espaciais quando constituídas por fixos e fluxos, isto é, por localizações e itinerários, apresentando, portanto, os atributos primeiros da espacialidade. Palácios, templos, cemitérios, memoriais, obeliscos, estátuas, monumentos em geral, shopping centers, nomes de logradouros públicos, cidades e elementos da natureza, procissões, desfiles e paradas, entre outros, são exemplos correntes de formas simbólicas espaciais.

Entende-se, com base em Corrêa (2007), que as formas simbólicas assumemdimensões absolutas, relativas e relacionais. A localização absoluta da forma simbólica é geradaquando se tem um espaço que foi palco de um evento significativo e busca-se fazer dele um local de memória, de celebração. A localização relativa associada a forma simbólica advém quando se tem uma área acessível, visto que a acessibilidade gera a transmissão de mensagenssobre o espaço. Por fim, a localização relacional da forma simbólica ocorre quando tallocalização destaca um conjunto de valores referenciados a um espaço específico.

Como um espaço revelador da organização e definição das demais áreas, o centro atrela-se a memória da cidade, evidenciando permanências e mudanças ao longo dos períodos e, de acordo com Whitacker (1997, p. 240), "[...] sua representação, seu 'valor simbólico' é versátil, e muda também em função dos diferentes segmentos sociais, e dos diferentes momentoshistóricos [...] Enquanto área de integração e concentração dos citadinos, revela-se como um importante ponto de análise da estruturação e reestruturação urbana". Logo, é necessário apontaros elementos que o definem e o caracterizam como tal, aqueles que conferem certo dinamismoa essa área. Nesse ponto, o Complexo do Santuário de São José de Ribamar, localizado na áreacentral do referido município caracteriza-se como uma expressão da fé e manifestação econômica, um elemento que pode conferir certa centralidade simbólica ao centro tradicional da cidade.

A conformação de um centro e de uma área central (com seu núcleo) na escala intraurbana retrata as diferenciações encontradas no espaço geográfico, dotando certas áreas de maiores investimentos. Nessa lógica, tem-se que a produção do espaço urbano é delineada a partir do jogo de interesses de agentes (Capel, 1974; Corrêa, 1989; Harvey, 1980) seguindo uma lógica social, mas também mercadológica, apontando para as diferentes densidades que o espaço geográfico pode desempenhar, quer seja no uso, quer seja nos valores atrelados à cada porção. Tal dinâmica gera um cenário segmentado, expresso na diferenciação socioespacial e amalgamado com a desigualdade social, o que se opõe à noção de Direito à Cidade (Lefebvre, 1969; Harvey, 2012, 2014).

Cabe ressaltar que o apego ao espaço e a íntima relação com ele dá subsídios para se conformar como um lugar, como espaço de vivência e com teor subjetivo, daí a importânciade se enfocar o lugar, além da paisagem como categorias geográficas nessa investigação científica, mas sabendo-se que, vez por outra, a relação com outras categorias se fará necessária. Nesse sentido, a questão do uso vai atrelar-se ao território, entendido como espaço socialmente usado pelos diferentes agentes para produção e desenvolvimento de suas ações (Santos; Silveira, 2002). Resulta então das práticas desempenhadas por esses atores que agem em torno de interesses específicos. Sendo assim, o território precisa ser analisado levando em consideração o papel do uso e da

apropriação para o mercado que ele pode desempenhar, configurando-se em diferentes subespaços.

De acordo com Pereira (2006, p. 63), desta forma, poderíamos pensar que os territórios, desdobrados em distintos subespaços – regiões e lugares, são, relativamente, mais ou menos desenvolvidos, mais ou menos modernos e valorizados, levando em conta suas diferentes lógicas de uso e de apropriação para o trabalho, que, hoje, mais do que nunca, se renovam de forma frenética. Tem-se que o território expressa a própria história humana, suas diferentes etapas e o presente momento.

Nesse sentido, a periodização, a formação socioespacial, sua paisagem, a relação entre forma e conteúdo, as representações, o conteúdo simbólico, os significados da forma e a centralidade intraurbana configuram-se como "pedras angulares" para entendimento dos usos do espaço nos diversos momentos históricos. "Cada periodização se caracteriza por extensões diversas de formas de uso, marcadas por manifestações particulares interligadas que evoluem juntas e obedecem a princípios gerais [...]" (Santos; Silveira, 2002, p. 20).

Ainda que estejamos falando em periodizações, é plausível salientar o papel que o centro desempenha nos diferentes momentos da História e dos elementos a ele relacionados. Assim, o centro, de acordo com Tourinho (2004 *apud* Fernandes *et al.*, 2021, p. 4), envolve a acessibilidade, mobilidade, a adequação e a localização.

> [...] A acessibilidade é fundamental pois o centro é o lugar de grande ou máxima atração na cidade. A mobilidade dá-se no próprio centro, representado pela circulação e fluidez de pessoas e coisas que se tornam possível e organizam o lugar central [...] também revela certa acomodação de equipamentos urbanos à forma como os usuários de vários espaços os utilizam e desfrutam.

A convergência de várias atividades num mesmo espaço faz com que o percebamos como central. Esse entendimento foi posto já por Burgess (1925), quando destacou o Central Business District – CBD como área central representativa do desenvolvimento da cidade. Entendido como o resultado de um processo histórico de aglomeração (Gottdiener, 1992), o centro se destacava em relação às demais áreas da cidade. Inclusive, num modelo hierárquico e numa estrutura monocêntrica, o centro assumia o lugar de destaque por conta de suacomplexidade funcional, ordenando, por conseguinte, a centralização e descentralização das outras atividades desenvolvidas (Whitacker, 2017, p. 157).

Paulatinamente, vai se percebendo a substituição do centro unívoco por novas áreas centrais, com a descentralização de atividades e equipamentos do centro principal, impulsionada pelo processo de urbanização que provoca profundas alterações no tecido urbano, gerando por exemplo, novas dinâmicas nos transportes públicos e a facilidade de acesso a diversas e novas áreas. Esse quadro faz com que haja transformações atinentes à centralidade intraurbana em muitas

cidades. A densidade dos fluxos impulsiona o aparecimento e conformação de novos centros na cidade, gerando novas centralidades e atrelando-se ao fator econômico que, ao ampliar o consumo de massa gera mudanças na estrutura interna da cidade. “A centralidade subentende aqualidade ou **atributo** dos elementos constitutivos de um centro, que é então a expressão territorial desses elementos e atributos. A centralidade se materializa em certas localizações da cidade, pela densidade de fluxos, serviços e equipamentos que a constituem e organizam”. (Fernandes *et al.*, 2021, p. 5, grifo nosso). Como atributo, a centralidade qualifica o centro, podendo ser tomada em seu aspecto funcional, econômico, religioso, lúdico.

De acordo com Whitacker (2007, p. 33, grifo nosso), a centralidade “diz respeito aos fluxos, à fluidez, ou seja, **é a expressão da dinâmica da definição/redefinição das áreas centrais e dos fluxos no interior da cidade** e nas escalas da rede urbana e da aglomeração urbana”. Ela é destacada de acordo com os movimentos, pelas mudanças ocorridas no decorrer do tempo, não estando “amarrada” apenas pelo que está fixo no espaço. Para sua análise e compreensão, Sposito (1998) indica que pode ser trabalhada por meio da articulação entre suasescalas de expressão: a do espaço interno da cidade e a das relações com outros espaços.

Nesse sentido, a centralidade é expressa pelo movimento e pela articulação das diferentes localizações e não definida pela localização. Resulta, pois, da articulação de diferentes níveis (não apenas no intraurbano), dimensões e escalas. Destaca uma análise focadanas redes onde as articulações estabelecem-se por fluxos, ou seja, a centralidade é dinâmica, definida no tecido urbano pelos fluxos e ao mesmo tempo é pensada na escala da rede. Possui ainda um caráter sociológico exprimindo um conteúdo social permeado de símbolos e representações. (Whitacker, 2017).

Portanto, o estudo da centralidade perpassa pelo papel dos fluxos que são estabelecidos e não prioritariamente sobre a localização. Para o presente estudo, vale destacara área central (e seu núcleo) da cidade onde o Complexo Arquitetônico de São José de Ribamar foi construído, mas também os fluxos que ela gera e propicia e de como isso acentua um caráter monocêntrico, dotando a localidade de uma dinâmica própria, diferente do restante da cidade. Pontua-se assima relação entre centralidade, centro e área central da cidade, onde estão concentradas inúmeras atividades e gerando diferentes interpretações/significados sobre as formas simbólicas espaciais presentes.

Lefebvre (1999, p. 110) ressalta que “a centralidade não é indiferente ao que ela reúne, ao contrário, pois ela exige um conteúdo”. No nosso caso específico, o conteúdo simbólico será destacado (fazendo possíveis aproximações com outros conteúdos, como o econômico), levando-se em conta um conjunto de formas simbólicas espaciais dispostas no Complexo do Santuário de São José de Ribamar, e seu estudo se dará com base em associaçõesdesse conjunto com a primazia

da área central da cidade, num contexto intraurbano. Assim, olhar para a dinâmica da centralidade é olhar para a própria cidade e seu ordenamento, visto que não existe cidade sem centralidade (Whitacker, 2003; 2007).

Com base nesses apontamentos, nossa análise e reflexão enfocará a centralidade numa escala intraurbana, levando em consideração as interpretações/visões dos sujeitos que moram próximoao Complexo e daqueles que vivem mais afastados do Centro da cidade. Contemplará tambémas interpretações de turistas que visitam as formas simbólicas espaciais fixadas na área central dessa cidade maranhense, além de apontamentos apresentados pelos comerciantes do entorno e agentes bem informados do poder público local, da igreja católica e da história da cidade.

Nessa conjuntura, pensaremos a dinâmica interna de São José de Ribamar, mas tecendo relações com outros espaços religiosos (santuários católicos) dentro e fora da região nordeste brasileira. Para tanto, é preciso que se faça uma caracterização do município, destacando a produção do seu espaço urbano, onde pontos referentes às questões históricas e geográficas são imprescindíveis para entendimento do objeto de estudo e do fenômeno investigado.

3 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR - MA



3.1 São José de Ribamar: breve caracterização geográfica

O município de São José de Ribamar apresenta uma área de 180,363 km², com uma população de 244.579 habitantes, ocupando assim a 213ª posição no ranking estadual em extensão (IBGE, 2022). No início, o território ribamarense compreendia 386,769 km², mas parte de sua área foi reservada a Paço do Lumiar quando o mesmo foi emancipado, em 1959. Outra perda também se deu pelo fato dos conjuntos residenciais Cohatrac I, II, III e IV e Parque Primavera terem sido desmembrados de Ribamar e incorporados ao município de São Luís. (IMESC, 2021).

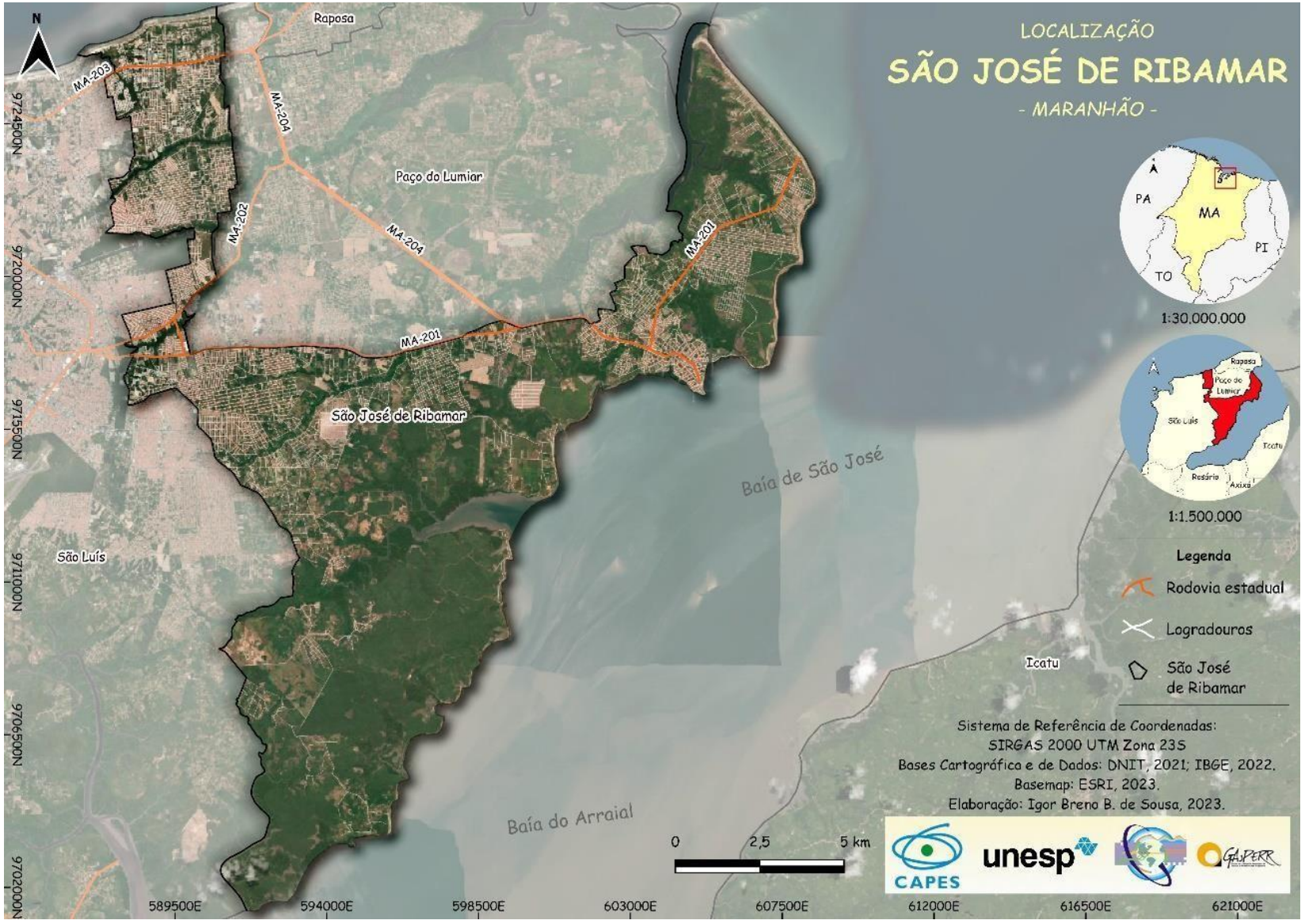
Situado no extremo leste da Ilha do Maranhão, é rodeado pelo mar da baía de São José e limitado ao norte pelo município de Paço do Lumiar e pelo Oceano Atlântico; ao Sul, pelos de Rosário e Axixá; a Leste, pelo de Icatu; a Oeste, pelo de São Luís. Faz parte da Região de Desenvolvimento Metropolitano de São Luís e também integra a Região Metropolitana de São Luís, de acordo com proposta de regionalização do Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (IMESC, 2020). Encontra-se a 32 km de distância da capital maranhense. (Figura 4).

No que concerne à sua geologia, vale destacar os apontamentos feitos pelo IMESC (2021, p. 96) expressando que:

> O município encontra-se inserido na Bacia Sedimentar de São Luís, que abrange o Noroeste do Maranhão e o Nordeste do Pará, possuindo área de aproximadamente 33.000 km², contendo rochas paleozoicas, mesozoicas e cenozoicas [...] Esta limita- se ao Norte pela plataforma continental, ao Sul pelo Arco Ferrer-Urbano Santos, a Leste pelo horst de Rosário e a Oeste pelo Arco de Tocantins [...] A formação geológica sedimentar de São José de Ribamar está intimamente ligada aos depósitos da bacia intracratônica do Meio Norte (Maranhão/Piauí), com a combinação de transgressões e regressões marinhas, favorecendo o acúmulo de sedimentos, resultando na configuração atual [...] A geologia [ribamarense] é constituída pelo Grupo Itapecuru [...] Formação Barreiras [...] e Formação Açuí [...] Dessas, a de maior representação espacial é a Formação Barreiras.

A sede municipal possui uma altitude de 20 metros acima do nível do mar e sua posição geográfica é determinada pelo paralelo de 20.33’de latitude Sul em sua interseção com o meridiano de 440.44’ longitude Oeste. De acordo com a classificação geográfica, o município ribamarense insere-se no Golfão Maranhense, por isso, geomorfologicamente, localiza-se “[...]no Tabuleiro Costeiro Maranhense que é sustentado, principalmente, por sedimentos da Formação Barreiras”. (Barros; Bandeira, 2020, p. 12).

Figura 4 – Mapa de Localização de São José de Ribamar - Maranhão



Fonte: Sousa, 2023.

3.1.1 Início do séc. XVII: a narrativa religiosa – a lenda do navegador português e a caracterização do Arraial

Ao caracterizar esse município maranhense, é necessário que se faça um resgate do seu processo de ocupação, no qual a nomeação da cidade e sua história perpassam pela lenda que a crendice popular toma como verídica, onde uma caravela vinda de Portugal para o Maranhão, via baía de Guaxenduba[5], desvia-se de sua rota e chega ao ponto de um possível naufrágio devido os bancos de areia aí presentes e por causa de uma grande tempestade que se formou. Diante do desespero da tripulação, o capitão português fez uma súplica aos céus, clamando por São José que os livrasse da tormenta. (Figura 5). As preces foram atendidas e uma onda gigante arrebatou a embarcação, jogando-a sobre uma croa dando seu encalhamento.

> [...] então a tempestade passa e o navio ficou lá, quando a maré secou todinha, os tripulantes recolheram o material para consertar o navio. Quando chegaram a Portugal, o capitão mandou esculpir a imagem da Sagrada Família [...] ele recebeu a imagem e trouxe para cá e construiu sobre um promontório a primeira capelinha dedicada a São José. O mencionado capitão português foi embora e nunca mais aparecera, então conta a história que os índios habitantes do lugar, os Gamelas, passaram a ser os donos verdadeiros da imagem e isto por volta da primeira metade do século XVII, comparando a lenda com a fundação. Porque quando os frades Franciscanos começaram a chegar aqui [...] já encontram os índios às voltas da imagem. (Miranda *apud* Reis, 2001, p. 133).

Figura 5 – Vitrais da Igreja Matriz[6] retratando a tempestade e a entrega da imagem do santo



Fonte: Anjos, 2024

[5] Atual baía de São José.

[6] A Igreja Matriz de São José de Ribamar possui um conjunto de 14 vitrais representando, do lado direito, cenas da lenda do navegante português (a súplica ao santo) e, do lado esquerdo, imagens retratando a cultura local. Para finsde ilustração, apresentam-se os vitrais do templo católico no APÊNDICE A desse trabalho.

O vitral à direita demonstra a caracterização do espaço rural do povoado, podendo refletir a vida mais pacata e simples dos habitantes (indígenas Gamela) que perdurou por um longoperíodo de tempo. Também se evidencia, através desse mesmo vitral, a gratidão ao santo como uma demonstração de fé. Tal elemento acena para a carga religiosa que passa a envolver aquele espaço, somando-se à práticas de veneração à imagem ao longo do tempo.

Cabe salientar que em Portugal, nessa época, já existia o culto à São José e que não foi por acaso a escolha desse santo como intercessor dos navegantes portugueses em momento de aflição, e que além de usar botas como uma referência aos navegadores portugueses deu nome ao local onde foi construída sua capelinha (Figura 6). Por esta ter sido construída arriba do mar, que significa acima do mar, deu origem à denominação do lugar de São José de Ribamar.

Figura 6 - O santo católico São José de Ribamar



Fonte: Anjos, 2024.

Historicamente, quando os franceses chegaram em 1612 já encontraram indígenas Tupinambás - conhecidos como índios Grandes ou Gamelas - habitando a localidade, possibilitando a visita às aldeias para rezar missas. Entre as visitações, se destaca a de Jurupanã[7], maior aldeia da época, onde levantou-se uma enorme cruz de madeira. O padre José de Moraes destaca em sua obra "História da Companhia de Jesus", que "[...] São José [era] a única entre as 27 grandes e populozas aldeias encontradas pelos francezes em Maranhão, as quais contavam

[7] Essa área passou a ser chamada popularmente de Lugar dos Índios e atualmente denomina-se São José dos Índios.

cerca de 12.000 almas, que ainda conservam umas pequenas relíquias". (Pestana, 1923, p. 13).

No ano de 1613 já era possível encontrar um porto e dois fortes, o de Caur e o de Itapari, construídos pelos franceses naquela região. A criação dos fortes se dava de forma estratégica para combate que se travaria posteriormente contra os portugueses, em confronto realizado na Baía de Guaxenduba, tendo em vista a expulsão destes primeiros das terras maranhenses. Em1614 ocorria a Batalha de Guaxenduba, entre portugueses e franceses, na atual baía de São José.A vitória dos portugueses favoreceu sua posse sobre a Ilha do Maranhão, enviando missionários franciscanos para catequizar os indígenas (os religiosos ficaram vislumbrados pelo modo com o qual aquelas populações locais se relacionavam com as imagens trazidas pelo capitão português, como pagamentode sua promessa). (IMESC, 2021) (Figura 7).

Figura 7 – Vitral da igreja sobre a chegada de franciscanos e o apego dos indígenas à imagem



Fonte: Anjos, 2024

A presença efetiva de religiosos nessa área reforça o pensamento de Rosendahl (2018) ao declarar a importância destes no processo de ocupação do litoral brasileiro no século XVI, sinalizando que os primeiros locais de culto também são estabelecidos com a presença desses religiosos, que defendiam as práticas catequéticas e evangelizadoras/missionárias como objetivos a serem perseguidos. Portanto "[...] no Brasil, os mistérios da fé cristã foram introduzidos pelos portugueses por meio não só da intervenção do Estado, mas também das ordens religiosas [...]" (Rosendahl, 2018, p. 69). Além disso, a autora estabelece uma

diferenciação das atividades e práticas exercidas na região litorânea e daquela estabelecida no interior do país. Assim,

> Apesar de os primeiros locais de culto terem surgido no primeiro século da colonização portuguesa, foi nos séculos XVII e XVIII que surgiram os mais importantes centros de convergência religiosa do país. Destaca-se, no século XVI, a atuação dos missionários jesuítas e franciscanos na conquista e ocupação do litoral brasileiro. As romarias nesse século foram incentivadas pelos religiosos e tinham uma finalidade missionária de catequese e de evangelização. Já nos séculos XVII e XVIII, as práticas religiosas, principalmente no interior do país, nasciam espontaneamente da piedade popular e se desenvolviam com ampla liberdade de expressão. O povo constrói, assim, o espaço sagrado, evidenciando a vontade divina na escolha do lugar destinado ao culto [...] (Rosendahl, 2018, p. 70-71).

A relação da população indígena com a imagem sacra era tão forte que se conta que os mesmos o tiravam de sua humilde capela durante a noite e o levavam para suas tribos para prestar-lhe cultos. Conta-se também que certa vez alguém o retirou de seu promontório e o conduziu até umaigreja maior (localizada no município vizinho de Paço do Lumiar), mas o santo não se agradou muito da decisão e voltou ao seu antigo oratório no Arraial; assim, surge a história das andançasdo santo que, embora saísse de seu lugar sempre voltava pelo raiar do dia[8]. Esse fato pode ser destacado na letra do poema "S. José de Ribamar" escrito por Trajano Galvão, Antônio Marques Rodrigues e Gentil Homem de Almeida Braga, em 1860, onde se lê:

S. José de Ribamar

Posta a imagem na candida ermida,
Tendo velas em torno do altar,
Por alguem foi d´ali conduzida
Alta noite para outro logar.

Era esta a matriz de uma vila,
Que, d´ali bem distante, tranquila
Começava a brilhar de esplendor.
Traça foi de um cristão invejozo
Por julgar que o mais comodo pouzo
Era ao santo n´um templo maior.

Por milagre passou este cazo,
Todo o povo da vila o jurou.
D´este ensejo, ou, se querem, d´este azo
Houve alguem que um partido tirou.
Disse logo que a vila devia

[8] Informações prestadas pelo Historiador ribamarense Sr. Antônio Miranda, em entrevista concedida à essa pesquisa em janeiro de 2024. Esse dado é reforçado através do site do santuário ao relatar que os moradores de Anindiba dos Indígenas (hoje Paço do Lumiar) levavam a imagem para a igreja do povoado, colocando sentinelas de prontidão, mas o santo não se contentava, até chegar ao ponto de transformar seu cajado em luzeiro para retornar a vila, protegido e rodeado por anjos e santos.

Ser chamada do – passo – que havia
Feito a imagem do Santo José.
Foi feliz esta santa lembrança!
Deu-se logo a mais seria trigança
Em fazer-se o batismo com fé.

Mas, o santo de genio teimozo,
Bem querendo esta fraude punir,
Sai da igreja por tempo invernozo,
Sem que um astro estivesse a luzir.
Lá da ermida vai certo caminho,
Firme avança, prosegue sozinho,
Té que à ponta chegou afinal.
Diz a lenda que vinha suado,
Que trazia o roupão bem molhado,
Pé descalço, por vero sinal.

3.1.2 O nascimento da Vila de São José e a transformação da Vila em Lugar e do Lugar em Distrito (1627 –1969)

Seguindo a linha temporal, em 1624, o então governador Francisco Coelho de Carvalho determinou a colonização das terras de São José de Ribamar através da carta régia do rei da Espanha D. Felipe IV, sendo empossado de passar cartas de datas e sesmarias. "[...] concorreram logo algumas pessoas, como **religiosos, a pedir as terras** que se lhes faziam precisas para o benefício de suas lavouras". (Marques, 1870 *apud* Livro Tombo do Curato/Paróquia/Santuário de São José de Ribamar, p. 36, grifo nosso). Em 1627, a pedido do Padre Luiz Figueira, as terras foram demarcadas e tombadas pelo ouvidor Matias da Silva Freitas, uma vez que a posse dos terrenos foi concedida aos jesuítas, através de datas e sesmarias. Assim, no dia 16 de dezembro de 1627 nascia a Vila de São José.

Tal informação pode ser reafirmada pelos apontamentos feitos por Marques em 1870, onde o autor expõe o seguinte:

> O município de São José de Ribamar ao ser colonizado por missionários era, primitivamente, aldeia dos índios Gamelas ou dos índios Grandes, localizada nas terras dos religiosos da Companhia de Jesus doadas por datas e sesmarias pelo governador do Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho, em dezembro de 1627. As terras de São José de Ribamar foram as primeiras que no Maranhão possuíram vice-província da Companhia de Jesus. (Marques, 1870 *apud* Reis, 2001, p. 35).

A administração da vila foi reservada aos jesuítas que ficaram à frente até o ano de 1755. Conquistada a elevação do Arraial para categoria de Vila, a vida política da mesma começou a se desenvolver no início de julho de 1755 quando, por meio de alvará, o governador

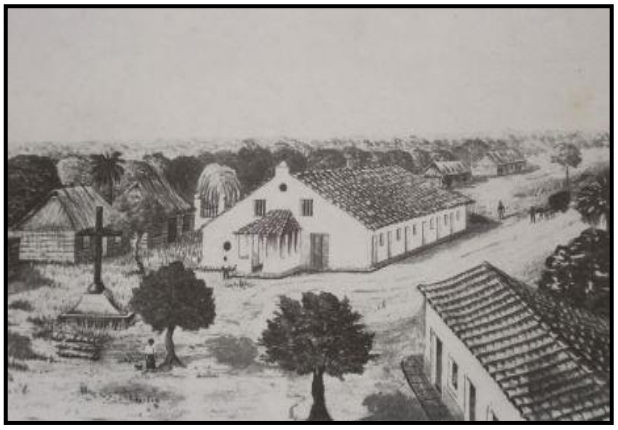
Gonçalo Pereira Lobato Souza restituía aos indígenas a posse das terras e a remoção dos padres jesuítas sobre as mesmas. Houve também a devolução da liberdade aos indígenas (até então sendo estes "conduzidos" pelos missionários, muitos deles em cativeiro). Esse ato é considerado por Trovão (1994) um marco na história, sendo um dos primeiros passos para a liberdade dos escravos não negros que se processava na Ilha do Maranhão e talvez no próprio país. Dois anos mais tarde, mais precisamente em 5 de agosto de 1757 a Vila é elevada à categoria de Lugar.

> Não obstante isso, não tendo os indígenas terras próprias para suas culturas, entendeu o governador que era necessário conceder qualquer terreno, embora fosse dos padres da Companhia ou de outras pessoas sem embargo dos títulos que tivesses e tudo isso em execução da real ordem de sua majestade, de 16 de junho de 1755 [...] Para este fim, pediu que João Ferreira Andiroba, Theodoro Amado Annes, Theodozio da Silva e Francisco Xavier Correia, marcassem terras quanto suficiente, não só para subsistência dos indígenas, como também para a de cem casais que pretendia introduzir neste local. Estes foram mais longe do que lhes foi pedido, pois marcaram terras para 200 casais, durante um século. (IMESC, 2021, p. 42).

Esse ato é caracterizado por Trovão (1994) como um dos embriões do atual município de São José de Ribamar e um elemento de transformação a partir do delineamento do panorama político e econômico do Estado, destacando-se o processo de desapropriação de terras. O fato acima citado ressalta o poder do clero sobre a comunidade local e a coragem do governador em "bater de frente" com essa situação. Assim, pode-se configurar ainda como o primeiro ato oficial de demarcação de terras indígenas (Trovão, 1994).

Passado-se alguns anos, em 1839 houve a chegada dos balaios (que encabeçavam a Revolta da Balaiada) nas terras ribamarenses, aproximando os revoltosos da ermida do santo, se deparando com certa quantidade de ouro, prata e joias naquele lugar que na época já atraía um carinho e apego por grande parte da população local e da capital São Luís. Até 1893 pouco se havia progredido no lugar, sendo erguidas as primeiras casas de palhoças improvisadas para a Festa do Santo que ocorria anualmente nos dias 7 e 8 de setembro. Vale salientar que na época havia também a Casa dos Romeiros (Casa Grande) utilizando outros materiais em sua construção. Conta-se que por volta de 1896 existiam menos de 20 casas, de telhas e algumas de palha, todas em torno da igreja e no caminho que conduz à Capital (Reis, 2001). (Figuras 8 e 9).

Figura 8 – Casas ao redor da Igreja, 1886



Fonte: Cunha, 2008.

Figura 9 – Casas na entrada da cidade, 19-?



Fonte: Cunha, 2008.

Embora os avanços tenham acontecido lentamente, Pestana (1923) destaca que até antes de 1896, com toda dificuldade encontrada, já era possível perceber algumas melhorias infraestruturais. A esse feito é saudosa a menção à comissão composta por Antônio José da Silva Barreiros (professor público da Vila do Paço do Lumiar), Antônio José Alves (professor de São José dos Índios) e Carlos Ferreira Coelho (negociante da capital São Luís), encarregada de "[...] promover as festividades e gerir os bens do padroeiro [...]" (Pestana, 1923, p. 15). Tal comissão foi responsável pela construção da rampa de acesso à parte central da cidade e um novo poço empedrado para obtenção de uma melhor água. "Nesse poço foi colocada uma bomba destinada a levar água a um tanque de pedra e cal revestido de cimento, o qual ficava por detraz da ermida e está hoje inutilizado, por ter-lhe passado ao meio a parede lateral esquerda da ermida nova, em construção". (Pestana, 1923, p. 15).

A rampa referenciada acima consta como um lugar de forte atividade comercial e de movimentação de pessoas que vinham a cidade. O período de maior atividade é na época do festejodo santo, em setembro, onde se vê um conjunto de produtos sendo oferecidos ao ar livre para osdevotos e romeiros (Figura 10). Tal prática ainda perdura nos dias atuais, pois é possível vê durante o festejo a presença de artesãos (que confeccionam objetos de barro) nas proximidades do Porto do Barbosa onde funcionava a antiga rampa; esses profissionais escolhem essa área da cidade para a venda dos produtos que, embora estando próxima ao santuário, não se dá necessariamente ao redor da Igreja ou da Praça da Matriz.

Figura 10 – Venda de objetos de barro vindos do município de Rosário, durante o festejo do santo em 1964



Fonte: Miranda, 2024.

No rol de prioridades estava o abastecimento de água local e sua canalização, tornando-se uma verdadeira preocupação. Os esforços no provimento de água potável canalizada do arraial começaram desde 1894, encabeçados pelo sr. Artur Virgens que juntamente com João Luiz da Silva, Filomeno Victor Vieira, Armindo João da Rocha, João Nepomuceno Pinheiro Barreiros e Benedito Marcelino Serra formavam a comissão provisória para busca de recursos para prover São José de Ribamar de um sistema de água, tendo sido construído um grande cofre para este fim. A propaganda em torno da construção do reservatório de águas local ganha força com a construção do referido cofre fabricado pelo marceneiro Benedito Serra e apresentado à comunidade em 4 de agosto de 1895, na Praça do Mercado.

No dia 20 de agosto de 1896 já se havia realizado visitações nos bairros Miriititua e Moropóia para definição da melhor área para abastecimento da cidade. (Pestana, 1923). A contribuição do cônego Damasceno Ferreira foi fundamental para a escolha da área para construção do reservatório, afirmando que Moropóia seria melhor por sua maior proximidade com a área central da cidade (embora parte da Comissão não desse tanto crédito às palavras do religioso).

> Uma cacimba aberta por Justino Andrade, em fins de dezembro de 1897, levou o competente engenheiro maranhense dr. Antonio Augusto Machado a garantir que no local indicado pelo cônego dr. Leopoldo Damasceno havia grande massa dagua de ótima qualidade. Logo depois foi colocado, entre duas colunas de pedra e cal, um portão de ferro que, da estrada, dá ingresso para o rezervatorio e, nessa entrada, há um letreiro chamando a atenção dos romeiros. Durante a festa do padroeiro em 1898 devido à seca reinante, exgotou-se a agua do rezervatorio de Moropóia e a comissão fez construir segundo poço com capacidade dupla. [Em 1905] o dr. Machado fez os levantamentos

> dos vastos mananciais de Moropóia e traçou a planta da caixa dagua, com capacidade de 180.000 litros, ladeada por um praça ajardinada que receberia o nome de Benedito Leite [...] Por esse tempo, já funcionavam 2 grandes rezervatorios em Moropóia, o primeiro inaugurado solenemente em 19 de março de 1898, e o segundo em 20 de março do ano seguinte. O povo ia buscar em burricos ou em latas e cabaças a agua necessária, gratuitamente, sendo essa romaria cotidiana, uma das cenas mais típicas do arraial daquela época. (Pestana, 1923, p. 33-34).

Figura 11- Inauguração solene do 1º reservatório de águas no Moropóia, em 1898



Fonte: Miranda, 2024.

Figura 12 – Outro reservatório d´água localizado no Moropóia



Fonte: Jorge, 1950.

Figura 13 – Água potável do Moropóia sendo transportada em um burrico



Fonte: Miranda, 2024.

Cabe destacar que os trabalhos e obras de canalização de água na vila foram realizados com contribuição popular, sem auxílio dos cofres municipais ou da Igreja. Além disso, houve a doação de um chafariz de mármore em alto relevo feita pelo Sr. Bernardino José Maia, para ser afixado na praça da Igreja. (Pestana, 1923).

A figura do padre Leopoldo Damasceno Ferreira foi de grande valia para os avanços no arraial e na vila, uma vez que empenhou muitos trabalhos na região. Entre os seus feitos, destacam-se os esforços para criação de uma lei estadual, garantindo os juros do capital a serem aplicados na construção de uma estrada férrea em Ribamar, além da luta pela implementação da imprensa em 1895 e a reconstrução de pontes de acesso no interior da ilha do Maranhão. (Pestana, 1925).

O aumento de residências e seus melhoramentos foram perceptíveis a partir de 1900 quando o arraial contava com 29 casas de telhas e com boas acomodações. Fatores como o primeiro estabelecimento de secos e molhados e a notícia de canalização de água potável do Moropóia a São José animou a população. Ainda assim, havia dificuldades no acesso por terra à cidade, visto que não apresentava um caminho ou estrada expressiva, mesmo que o religioso Leopoldo estivesse empenhando esforços nesse sentido.

Sobre essa questão vale destacar o transporte marítimo no contexto maranhense e local, pois as embarcações desempenharam um importante papel de locomoção dos citadinos. Sem acesso por estradas, o deslocamento até a capital São Luís era realizado através de lanchas, demorando muito tempo até o destino (Figura 14). O único ponto de saída era o Porto do Barbosa que levava em consideração o movimento da maré.

> O Porto do Barbosa orgulha-se de ser o mais antigo local de embarque e desembarque comercial do Município. Conforme o fluxo da maré, dali saem e chegam embarcações variadas. São Lanchas, iates, bianas e barcos que dançam sobre as águas e logo descansam, lado a lado, quando elas se vão. (Pestana, 1925, p. 15).

Figura 14 – Lancha atracando no Porto do Barbosa



Fonte: imprimelanhouse.com.br, 2018.

Data do início dos anos 1900 a abertura de um grande caminho da cidade ao bairro do Anil, em São Luís, tendo em vista que esse bairro era o terminal da via férrea da capital. É interessante destacar que em 1895 foi pedida a construção de uma via férrea ligando São José de Ribamar à São Luís. Assim, um ramal da Ferrovia S. Luiz – Caxias fazia a ligação entre Ribamar e Estiva, bairro na zona rural da capital maranhense. Pensava-se assim que para se constituir e se consolidar como local de referência ao veraneio (Figuras 15 e 16) e à praia de banho era necessário resolver o problema do transporte na localidade.

Figura 15 – Casa de veraneio (modelo 1)



Fonte: Jorge, 1950.

Figura 16 – Casa de veraneio (modelo 2)



Fonte: Jorge, 1950.

A implementação de estradas se fazia urgente também devido à procura pela localidade por diferentes pessoas de cidades e estados diversificados. Era necessário ainda a remoção de certos espaços para um embelezamento da área, assim, achou-se conveniente o fechamento do antigo cemitério, localizado ao lado direito da ermida do santo e sua construção a 200 metros dali, no início de 1900. Tal decisão foi tomada pela comissão de professores e negociante com base nas notícias de rápida recuperação da saúde de muitos enfermos da capital, do Pará e Manaus que se deslocavam ao lugar em busca do seu ar muito puro e do conjunto de praias que deixava o clima mais aprazível. (Pestana, 1925).

Passado-se alguns anos, em 1903 já era possível observar um número maior de casas com telhas (35 casas), chegando-se ao número de 70 casas em 1921. As casas de palhas chegavam a mais de 150 nesse período. As mudanças se faziam também na própria configuraçãodo lugar que passara de vila para distrito, por meio de um decreto-lei estadual no ano de 1938. Sobre esse episódio, pode-se destacar:

> Com o crescimento da vila, José Cunha Santos Guimarães com bastante esforço junto ao Governo Estadual conseguiu desvincular a Vila São José da Vila do Paço. A 6 de dezembro de 1938, pelo Decreto-Lei Estadual nº 159, a Vila São José passou para distrito de São José. Sucessivos atos e leis alteraram o início da vida política de SãoJosé de Ribamar. Através do Decreto-Lei Estadual nº 820, de 30 de dezembro de 1943, foi criado o município de Ribamar com um único distrito. Por ato das disposições constitucionais e transitórias do Estado, promulgada a 28 de julho de 1947, na interventoria do Dr. Paulo Souza Ramos, foi extinto o município de Ribamar, cuja área passou a pertencer ao município de São Luís. (IMESC, 2021, p. 43).

3.1.3 A designação do município como São José de Ribamar, em 1969, e as décadas seguintes

De acordo com Reis (2001), após várias idas e voltas na política e na denominação do lugar e por várias vezes extinta e restaurada a categoria de município, finalmente pela lei estadual nº 758, de 24 de setembro de 1952, assinada pelo governador Eugênio de Barros, o município passa a se chamar Ribamar. Porém, a restauração definitiva do nome da Cidade foi feita pela lei estadual no 2.980, de 16 de setembro de 1969 que, a partir de então, passou a incluir o São José a Ribamar, ou seja, São José de Ribamar, em homenagem ao santo católico.

Por conta dos processos administrativos, desmembrou-se o município de Paço do Lumiar e buscou-se uma demarcação que favorecesse a atividade comercial pesqueira com a destinação de uma faixa litorânea considerável, com a preservação do porto do Barbosa que funcionava como meio de contato entre a cidade ribamarense e outros municípios do litoral oriental (Icatu, Humberto de Campos e Primeira Cruz, por exemplo), desempenhando assim o papel de entreposto. (Trovão, 1994).

É válido lembrar, com base em Trovão (1994), que até a década de 1960, São José

de Ribamar caracteriza-se, expressivamente, como um espaço rural com uma área de 231,8 km² (nesse período, somente a sede municipal correspondia ao espaço urbano, representando apenas 0,2 km²). Essa tendência foi alterada no início dos anos 1970, onde a área urbana ribamarense já correspondia a 35 km² em contraposição aos 197 km² de espaço rural, apresentando um aumento considerável de sua área urbana.

Ao analisar as transformações sociais e econômicas no espaço rural da Ilha do Maranhão, Trovão (1994) dividiu os estudos em três períodos: 1950, 1950-1970 e 1970-1990. Dessa organização é possível perceber diferenças entre os municípios da Ilha (São Luís, São José de Ribamar e Paço do Lumiar) como destacado no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Demonstrativo das áreas urbanas e rurais dos municípios localizados na Ilha do Maranhão

MUNICÍPIOS	EXTENSÃO TOTAL (KM²)	**1950** URBANA RURAL (KM²)	**1950-1970** URBANA RURAL (KM²)	**1970-1990** URBANA RURAL (KM²)
São Luís	518	8,5 / 509,5	9,4 / 508,6	391,1 / 127,0
São José de Ribamar	232	0,2 / 231,8	0,2 / 231,8	35,0 / 197,0
Paço do Lumiar	155	0,1 / 154,9	0,1 / 154,9	22,3 / 132,7
TOTAL	905	8,8 / 896,2	9,7 / 895,3	448,4 / 456,6

Fonte: Trovão, 1994.

A população rural de São José de Ribamar é um forte expoente de sua caracterização, pois entre os anos 1960 a 1965 essa população representava metade do espaço, fato que só foi alterado em 1970 com um decréscimo de 10%. Para ilustrar essa conformação, segue o Quadro 2:

Quadro 2 – População ribamarense entre os períodos de 1960 a 1991

Ano	**São José de Ribamar**		
	População Total	**População Rural**	**%**
1960	14.519	7,519	51,78
1965	18.667	9.517	50,98
1970	23.638	9.586	40,55
1975	28.002	11.358	40,56
1980	23.320	13.555	58,12

1985	39.949	16.779	42,00
1991	70.393	29.566	42,00

Fonte: Trovão, 1994.

Depreende-se que o aumento da população rural nos anos 1985 e 1991 (16.779 hab. e 29.566 hab.) advém de alguns fatores como a construção dos primeiros conjuntos residenciais em áreas afastadas do centro da cidade e devido a expansão de São Luís em bairros limítrofes com São José de Ribamar. A criação de rodovias (MA 201 e MA 202) colaboraram fortemente para essa dinâmica; agora, morando em um residencial da zona rural da cidade era possível, através da MA 201, um deslocamento menos demorado para São Luís em busca de um posto de trabalho na construção civil, por exemplo. (Trovão, 1994).

O processo de ocupação rural entre os municípios de São José de Ribamar e São Luís começou a aflorar por meio da fixação de pousada para os romeiros que iam a igreja fazersuas preces e procissões. As primeiras casas-chácaras se estabeleceram próximas ao rio São João e as margens do rio configuraram-se como locais de desenvolvimento e cultivo de hortifrutis por conta da umidade e facilidade de irrigação manual. "Este fato provocou e favoreceu a concentração de pequenos produtores rurais que se instalaram nas áreas antigas de sesmarias, doadas aos jesuítas (os primeiros latifundiários da ilha) ou a outras pessoas, possibilitando o surgimento dos sítios que ainda hoje existem". (Trovão, 1994, p. 90). Observa-se mais uma vez a contribuição do caráter religioso (a construção de pousadas para os andarilhos) na própria dinamização do espaço da cidade, sobretudo na zona rural que começava a crescer e se consolidar.

À época, a popularidade do santo milagroso já se espalhava não só entre os citadinos, mas também no território maranhense, congregando um maior número de fiéis nas atividades relacionadas ao santo católico, caracterizando-se como um forte elemento da religiosidade popular local. Para Oliveira (1985 *apud* Rosendahl, 2018, p. 70),

> [...] o fenômeno da religiosidade popular é um sistema simbólico resultante do trabalho anônimo e coletivo de agentes sociais não especializados em religião, no qual o povo, como participante, produz e reproduz um campo religioso, em que os símbolos e lutas seculares se recobrem com os nomes do sagrado. Não existe um conhecimento sistematizado, e sim um conjunto de mitos e práticas do sagrado que se constitui em um saber oral, um repertório de crenças e ritos recriados na memória coletiva popular.

A zona rural do município vai sendo formada por alguns povoados e sítios[9] que não

[9] Em sua tese de doutorado, Trovão (1994) faz uma ressalva quanto ao uso desses dois termos e explica que são tomados como características regionais, as vezes diferente de outras regiões do país. Assim, os sítios podem ser compreendidos como chácaras em outras regiões e os povoados se aproximam do que Fernandes (1991) denomina

são diferenciados meramente pelo número de residências que comporta e nem pelo quantitativo de moradores na área. O povoado é formado por vários fracionamentos do sítio ou também pela característica e aspecto de pobreza que paira sobre esses lugares. Inclusive, a característica rural desses espaços vai sendo perdida quando, entre outros fatores, vai se percebendo a substituição de alguns objetos como o fogão a lenha, a carvão ou o fogareiro por fogão a gás natural e ainda com a introdução de maior número de utensílios de plástico como baldes e bacias. (Trovão, 1994). Nesse momento, a força de trabalho para a área urbanaé um ponto característico.

Sobre os povoados espalhados pelo Maranhão, Trovão (1994, p. 141) destaca:

> Na Ilha do Maranhão, os povoados [...] surgem também do multifracionamento dos sítios. São, portanto, o primeiro exemplo de concentração efetiva da população rural, representando, no entanto, a segunda célula deste espaço, onde é praticamente a última etapa da transição para uma área tipicamente urbana. Enquanto nos sítios, as casas se mantém isoladas, nos povoados elas estão mais próximas e apresentam uma certa organização na distribuição em forma de ruas, embora estejam mais parecidas com o embrião de uma avenida, pela grande largura da qual são dotadas.

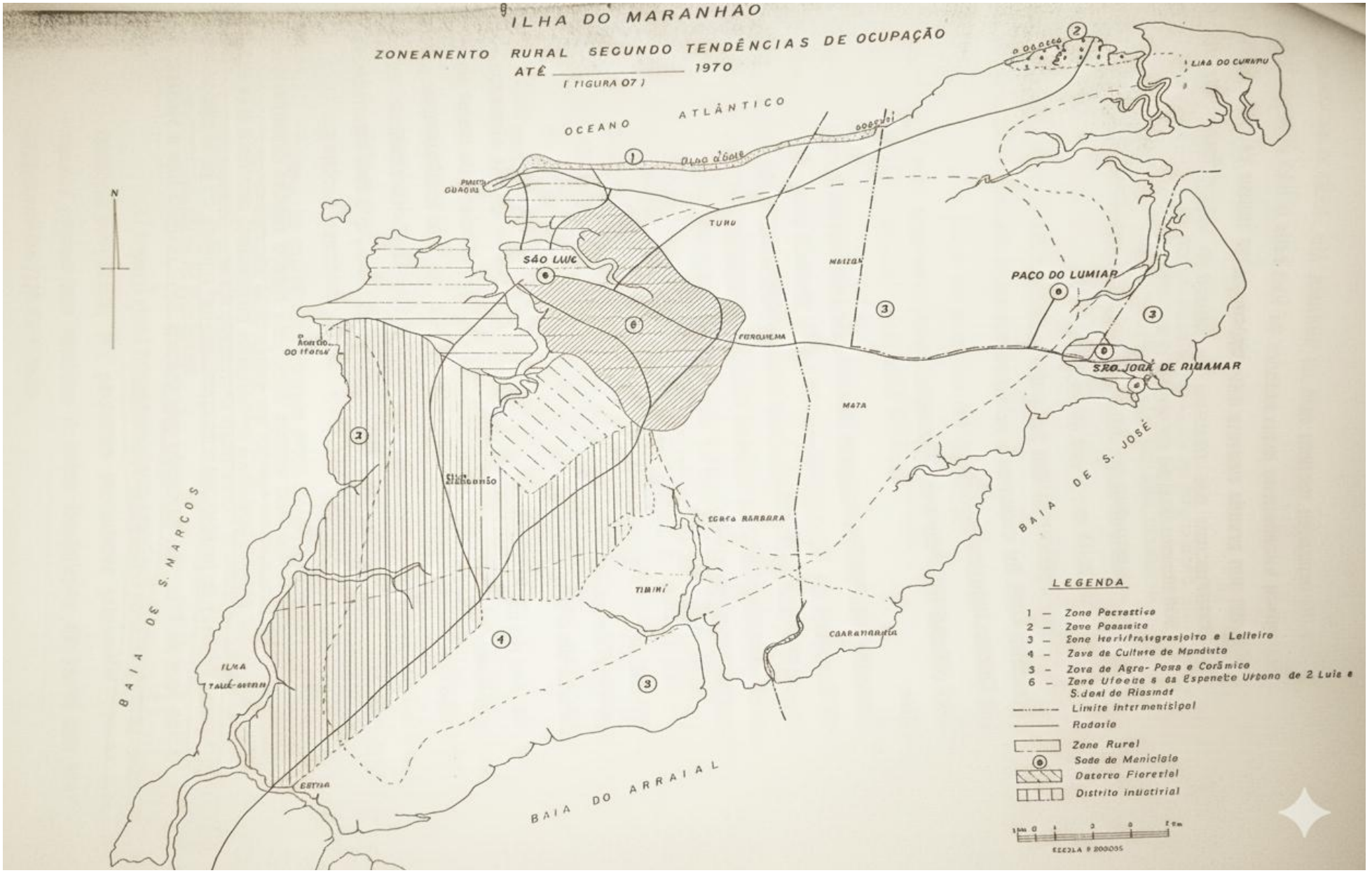
Seguindo essa linha de raciocínio, é possível, com base em Marchesinne (1970, p. 120 *apud* Trovão, 1994, p. 91, grifo nosso), configurar o processo de ocupação da Ilha do Maranhão como um zoneamento rural com diferentes usos, a saber:

> Zona recreativa – litoral norte, da Ponta d´Areia até Araçagy; Zona pesqueira – extremidade norte (praia da Raposa); Zona hortifrutigranjeira e leiteira – centro; Zona de cultura de mandioca – sul; Zona de agropesca e cerâmica – oeste; **Zonaurbana e de expansão urbana de São Luís e São José de Ribamar**.

Essa classificação possibilitou enquadrar São José de Ribamar como zona de expansão urbana com vistas ao crescimento e alterações na população rural-urbana, ainda que por muito tempo a cidade ribamarense se configurasse como rural, com ressalvas apenas a sua área central. A imagem a seguir (Figura 17) sintetiza essas informações, destacando as seis divisões propostas por Marchesinne (1970 *apud* Trovão 1994). Com base nesse esbouço, percebe-se o cultivo de diferentes culturas nas áreas da cidade como a plantação de mandioca (ponto 4), agro-pesca e cerâmica (ponto 5) além de uma área de expansão urbana (Ponto 6).

de bairro rural. Ao se enfatizar o povoado, "[...] talvez o fator permanente ou predominante neste tipo de aglomerado rural seja a existência de uma certa unidade entre a vizinhança, resultado da soma de determinados elementos de coesão, forçando o estabelecimento de contratos em função de uma intensa vida de relação dentro desta determinada área, o que inegavelmente inexiste nas áreas urbanas. É esse tipo de organização demográfica que o maranhense chama de povoado". (Trovão, 1994, p. 141).

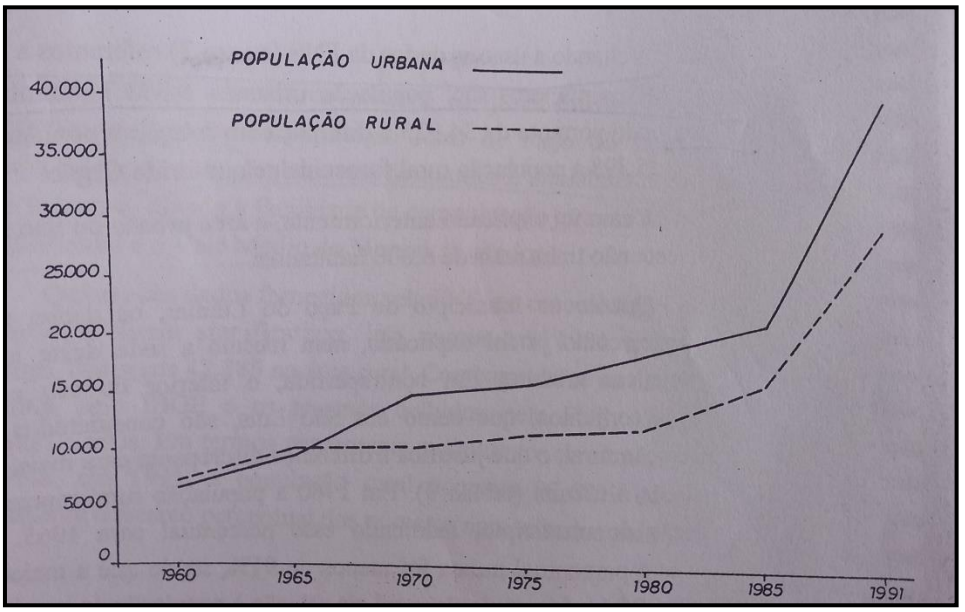
Figura 17 – Zoneamento rural segundo tendências de ocupação (até 1970)



Fonte: Perfil do Aglomerado Urbano da Ilha do Maranhão, adaptado por Trovão, 1994.

Ainda que a população urbana da cidade começasse a se acentuar a partir de 1965 (a população rural na época representava 40,55%), observa-se uma continuação crescente da população rural, marca que só será alterada de forma mais profunda a partir de 1985 quando a população urbana desponta. O gráfico 1 apresenta essa mudança.

Gráfico 1 – Evolução da população de São José de Ribamar (1960-1991)



Fonte: Trovão, 1994.

Entre os anos 1980 e 1990 houve um processo de urbanização da capital São Luís baseado em empreendimentos siderúrgicos industriais, envolvendo uma gama de trabalhadores da Ilha. Com isso, ocorre uma expansão urbana que é direcionada a São José de Ribamar e Paço do Lumiar, sobremaneira. (Alcobaça, 2017). As rodovias dinamizaram as atividades e a relação entre os municípios da Ilha (São José de Ribamar, São Luís, Raposa e Paço do Lumiar), remodelando a dinâmica internada cidade. Essas vias desempenharam um importante papel para o crescimento territorial e expansão da mancha urbana em São José de Ribamar.

As melhorias infraestruturais da rodovia MA 201 (Estrada de Ribamar) favoreceram a acessibilidade a alguns bairros e à sede do município. “Nesse novo arranjo, **o papel de balneário e centro de peregrinação religiosa** permitiram que a cidade **consolidasse seu núcleo urbano original**, expandindo-se a partir dele e alongando-se de maneira serpenteada às margens da Avenida Gonçalves Dias, continuação natural da rodovia que liga a São Luís”. (IMESC, 2021, p. 4, grifo nosso).

Nessa conjuntura, São José de Ribamar vai se tornando mais urbana, ressaltando-se seus aspectos físicos morfológicos e os aspectos culturais ligados à religião, com destaque para a Igreja

e os ordenamentos gerados a partir desse fixo/forma simbólica espacial. Assim,

> São José de Ribamar [...] em virtude de uma falésia que domina grande parte da orla litorânea, e também **pela origem religiosa do burgo, desenvolveu-se em volta da Igreja, alongando-se de maneira serpenteada à margem da Avenida** (se levasse em consideração a Igreja), que é a continuação natural da rodovia que a liga a São Luís, além da rua, que partindo da praça para a esquerda vai dar à praia do Barbosa, ancoradouro natural das embarcações que vem do litoral oriental ou do Vale do Munim,além de uma meia dúzia de pequenas travessias irregulares que vão dar á praia. (Trovão,1994, p. 69).

O processo de reestruturação urbana também pode ser caracterizado e convidado para essa análise, uma vez que, "Esse processo de estruturação e reestruturação urbana operado ao longo de anos não subtraiu do centro consolidado sua condição de principal, nó de convergência das atividades econômicas da cidade, mas arrefeceu sua importância como local de consumo e moradia das classes mais altas [...]" (Pateis, 2007, p. 81). Agora há uma expansão urbana para além do centro da cidade que leva certa população a fixar-se nas regiões das praias de Panaquatira e Araçagy, que passam a receber investimentos infraestruturais e a instalação de condomínios residenciais horizontais e loteamentos fechados, sobretudo no Araçagy, com mais nitidez a partir do início dos anos 2000. (Figuras 18 e 19).

Esse período chama a atenção, pois a partir de então vai se percebendo o aumento da mancha urbana de São José de Ribamar que, entre outros fatores foi influenciada pelos programas sociais de transferência de renda, do governo federal. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e o aumento de número de residências do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) são marcas de investimentos feitos no setor habitacional em esfera nacional, trazendo novas conjunturas no estado do Maranhão e, principalmente em sua ilha. Sobre esse fato, Cruz e Marques (2022) ressaltam que "Nos últimos anos, o solo urbano da Ilha foi ocupado por vários investimentos públicos do PAC e PMCMV, totalizando mais de vinte mil unidades habitacionais construídas no espaço metropolitano, sendo que a maioria dos empreendimentos foram construídos em São José de Ribamar e Paço do Lumiar".

Figura 18 – Condomínio residencial no bairro Panaquatira



Fonte: facebook.com

Figura 19 – Condomínio residencial no bairro Araçagy



Fonte: facebook.com

Essas áreas foram valorizadas e congregaram novas centralidades, destacando-se por suas belezas naturais como a presença de praias, atraindo muitos visitantes e banhistas. Porém, também se percebeu a constituição de bairros periféricos como é o caso do Sítio do Apicum, Itapary e Mojó, para citar alguns (Figura 20). Em seu trabalho sobre a capital maranhense São Luís, Garcez (2009, p. 53) ressalta que "A produção capitalista do espaço por seu caráter seletivo comanda processos sociais que favorecem alguns locais, antecipando etapas ou transferindo vantagens locacionais e, por vezes, provocando a inviabilidade de outras". É o retrato de muitos bairros ribamarenses, principalmente daqueles mais distantes do centro da cidade ou que não fazem limite com São Luís.

Figura 20 – Avenida Principal do bairro Mojó



Fonte: Anjos, 2021

A distribuição desigual de equipamentos e serviços na cidade se dá com base nessa lógica centralizadora em que certos pontos atraem mais investimentos, fluxos e equipamentos, pois como enfatiza Lefebvre (1999, p. 111), "a cidade atrai para si tudo o que nasce da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações". Há uma desigualdade na distribuição das oportunidades de consumo, ocasionada pela concentração espacial das atividades de comércio e serviços que têm no centro ribamarenseseu cerne.

A transformação de espaços rurais em áreas urbanas, no município, acena para o forte papel da especulação imobiliária que passa a captar novos setores da cidade, a exemplo dos bairros Araçagy e Panaquatira. Assim, é possível perceber um maior número de condomínios fechados e loteamentos em torno da MA 201.

3.2 A marcante presença da Igreja Católica na história do lugar

Independente das transformações ocorridas nas denominações e dos benefícios em termos de infraestrutura, é inegável o papel basilar que a igreja (objeto/construção fixa) sempre desempenhou na vida cotidiana local, tornando-se um símbolo de identidade da fé católica da população e um elemento no ordenamento urbano. Percebe-se, com base no percurso histórico relatado, que tudo girou em torno da capela do santo quando ainda era uma ermida e que, a partir das visitações e rituais, o local de veneração à imagem foi ganhando muitos admiradores, a começar pelos indígenas que ali habitavam.

Daí a importância em se destacar as transformações ocorridas no espaço com a frequentação de muitas pessoas na área central onde fica(va) a Igreja Matriz. Não apenas os moradores locais como outros vindo do interior do estado e de outros cantos do país passam a visitar o lugar e estabelecer com ele relações não apenas religiosas, mas também econômicas. As diferenciações provocadas no templo católico a partir de suas reformas e melhorias merecem ser brevemente ressaltadas.

A construção do primeiro templo católico dedicado ao santo envolve certas especulações sem se ter uma certeza de sua concretização, porém pode-se ressaltar o dia 2 de julho de 1757 como uma data mais provável, uma vez que passou a ser comandada por missionários ou padre; em 1870 a capela estava subordinada à de São José dos Índios, sendo uma filial dela. (Pestana, 1923). A construção de uma nova capela foi organizada a partir dos apontamentos de uma comissão formada para gerir os bens materiais da ermida (vasos e adornos de ouro e prata eram alguns dos objetos ofertados pelos fiéis que visitavam o lugar). Com isso, "[...] começaram a aparecer prédios

de certo conforto, alguns, até bem elegantes, que fôram, pouco a pouco, dando ao lugar a feição de um arrabalde de grande cidade". (Pestana, 1923, p. 20).

Vê-se, pois, a íntima relação entre a (re)construção do templo e a dinâmica urbana, a qual começou a atrair um conjunto de casas e prédios, concentrando mais pessoas na área em volta da igreja (Figuras 21, 22 e 23). Isso afetou diretamente a festa do santo fazendo com que ficasse maior, envolvendo mais fiéis nas atividades ali realizadas. Essa caracterização nos permite expressar que "[...] é possível reconhecer o sagrado como elemento de produção do espaço [...]" (Rosendahl, 2018, p. 47).

> As festividades começaram a ser celebradas com maior pompa, atraindo grande número de romeiros, muitos dos quais, seduzidos pelo pitoresco do sítio, pela amenidade do clima e pela proverbial salubridade do lugar, por lá se deixaram ficar por mais tempo, dando isto em rezultado outras construções, cada vez mais aperfeiçoadas. (Pestana, 1923, p. 20).

Figura 21 – 2ª Igreja de São José de Ribamar, construída em 1834



Fonte: Cunha, 2008.

Figura 22 – 3ª Igreja de São José de Ribamar construída em 1897, com frente para o mar[10]



Fonte: Palace-Jornal, 1914.

[10] A construção da igreja foi iniciada em 29 de setembro de 1897 e concluída em 25 de setembro de 1898, sob a responsabilidade do Arcebispo Manoel Tavares da Silva. Essa é a primeira construção feita de frente para o mar e com a utilização de materiais mais resistentes. Esse fato é interessante, pois criou-se uma lenda da "Queda da Igreja"em que se fala que só a partir da construção em volta para o mar a igreja manteve-se de pé. (Informação prestada por Antônio Miranda, durante entrevista concedida a essa pesquisa).

Figura 23 – 4ª Igreja de São José de Ribamar, construída em 1915



Fonte: Miranda, 2024.

Parte da área central (onde está localizado o Complexo do Santuário) assentou-se no sítio urbano onde a cidade se originou, caracterizando-se como única área central durante um longo período. Há predomínio e permanência do caráter centralizador na área de povoamento - atual Praça da Matriz - com intervenções urbanísticas e de melhorias das formas espaciais aí presentes, destacando também a expansão da área central para a avenida principal da cidade (Figura 24); esses são alguns pontos que denotam a importância dessa área no conjunto da cidade.

Figura 24 – Avenida Gonçalves Dias, localizada no Centro da cidade



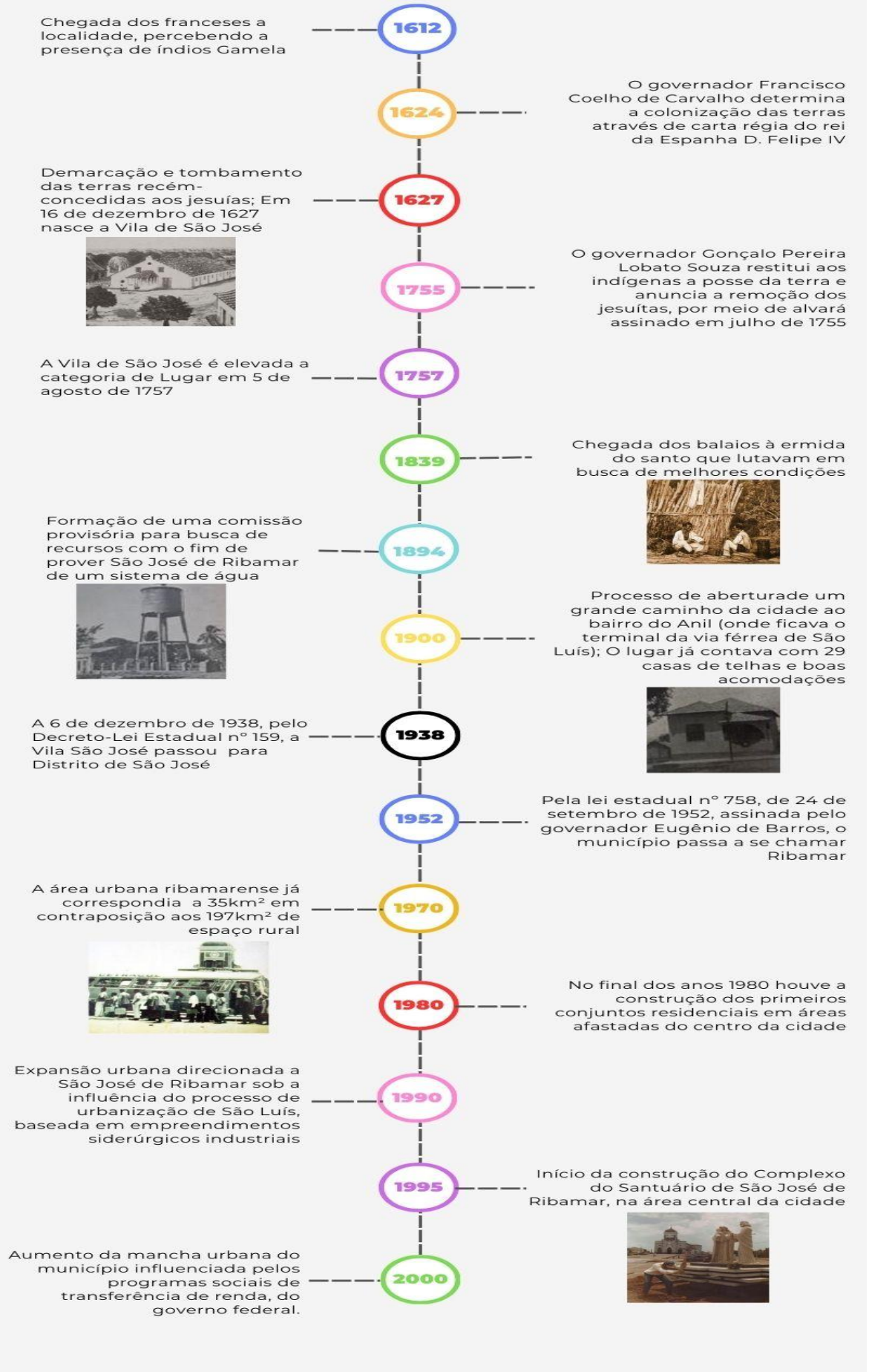
Fonte: Jorge, 1950.

Desse modo, uma análise interna da cidade nos faz perceber uma expansão da área central para além do núcleo original de povoamento e sua popularização com a fixação de formas simbólicas espaciais no Complexo do Santuário de São José de Ribamar, na década de 1990. A

instalação desse complexo naquela porção do sítio urbano expressa e revela a força de atração que essa área exerce, reforçando a sua centralidade.

De modo a sintetizar as informações, pontuando-se momentos marcantes na história e na configuração espacial do município ribamarense, apresentamos a seguir uma Linha do Tempo (Figura 25) destacando períodos e eventos que exprimem esforços, mudanças e avanços na dinâmica local.

Figura 25 – Linha do tempo de São José de Ribamar



Fonte: Anjos, 2024

3.3 Apontamentos sobre a Centralidade em São José de Ribamar

Pensar a centralidade intraurbana tendo como foco a discussão sobre o centro da cidade e seu conteúdo simbólico é tarefa basilar e norteadora dessa pesquisa. O caráter simbólico do centro está relacionado a um conjunto de fatores e elementos que o diferencia de outros lugares com os quais possui uma relação de domínio. As relações estabelecidas no seio da sociedade vãogerando certos valores que vão se socializando e dotando o centro da cidade com aspectos simbólicos e funcionais. Assim, é possível aferir que há elementos que caracterizam o centro da cidade, definindo-o como espaço simbólico e de memória histórica.

Destaca-se, pois, a concentração de atividades comerciais e de serviços em São José de Ribamar como indicadora da centralidade intraurbana nessa cidade. O centro, forma espacial, expressa o processo de concentração espacial das atividades de comércio e serviços. A área central de São José de Ribamar integra diferentes espaços da cidade, reforçando a centralidade intraurbana e no contexto religioso é possível perceber uma dinâmica urbana expressa pelas atividades religiosas e também econômicas desempenhadas pelos visitantes que vêm ao lugar.

Nesse contexto, a questão da centralidade intraurbana em São José de Ribamar envolve uma análise do seu Centro e se aproxima muito das considerações arroladas por Garcez (2009, p. 1), ao fazer uma caracterização desse conteúdo na cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão, onde destaca:

> [...] uma centralidade urbana, ainda fortemente configurada em um centro urbano historicamente constituído. A relevância desta centralidade tem sido mantida pela convergência dos transportes urbanos coletivos, unicamente rodoviários, [...] fluxo de automóveis que têm neste setor o ponto nodal, para atender as dinâmicas recorrentes do [...] volume de empregos fixados na área central, nos [...] postos de serviços, entre os quais de comando administrativo, financeiro, dos poderes: executivo, legislativo e judiciário; e demais trabalhadores do comércio formal e informal localizados no centro principal de comércio e serviços. (Garcez, 2009, p. 1).

Figura 26 - Linha de ônibus Cetracol por volta de 1968



Fonte: Miranda, 2024.

As aproximações entre o Centro de São Luís e o Centro de São José de Ribamar é importante também devido à forte ligação e dependência deste segundo em relação ao primeiro. Essa ponderação se dá com base nos deslocamentos diários que são feitos pelos ribamarenses à capital com destino aos seus locais de trabalho, estudo e também de lazer. É comum a presença de ribamarenses nas ruas do centro de São Luís para consumir os mais diversos produtos diariamente, principalmente em períodos intensos de festividades como Natal, Carnaval, São João, por exemplo.

Essa intensa relação estabelecida entre as duas cidades é notória desde os tempos pretéritos em que o centro ludovicense conseguia envolver todos os municípios situados a sua volta, incluindo São José de Ribamar. Nesse tempo, porém, os deslocamentos se davam com a utilização de embarcações que saíam do Porto do Barbosa em direção a São Luís, como destacado no item 3.1.2.

Mas, voltando-se a uma análise intraurbana ribamarense, tem-se que o desenvolvimento do município se deu no entorno da capela do santo, em frente a baía de São José com a fixação da população, porém há registros que o povoado e freguesia de São José dos Índios fulgura como um dos primeiros núcleos do município, localidade com grande quantidadede indígenas, além de outras áreas como Sítio do Apicum, Caúra, Mirititiua e Itaparipéua. Sobre essa questão, pode-se destacar as visitações feitas por religiosos franceses, por volta de 1612, para catequização dos índios Gamela que habitavam aqueles espaços.

De todo modo, o papel e simbolismo desempenhados pela igreja católica no contexto interno do município é um forte ponto de reflexão e envolve, desde a origem do arraial, um misticismo expressivo na história local e, portanto, um elemento de análise do lugar sagrado. Sobre essa questão pode-se enfatizar outros exemplos Brasil à fora em que ares de misticismo permeiam a história, com destaque para a descoberta da imagem negra de Nossa Senhora no Rio Paraíba do Sul (intitulada Nossa Senhora de Aparecida) por três pescadores. No cenário ribamarense, por sua vez, é possível expressar a graça alcançada pelo navegante português e a produção da imagem de São José de Ribamar em terras lusitanas, em gratidão ao santo milagroso. A construção da capelinha em homenagem ao santo está envolta de um misticismo, sendo uma marca da realidade do lugar e parte de sua historicidade. Tão forte é essa afirmativa que até criou-se a lenda de queda da igreja, onde afirma-se que esta forma fixa só se firmou quando foi erigida de frente para o mar.

A construção da ermida (pequena igreja) numa área específica do povoado fez com que houvesse a concentração da população, de mercadorias e atividades, dotando-a de centralidade. Assim, com o passar dos anos essa área foi se expandindo e o teor religioso se configurou como forte marca daquele ponto e, posteriormente, daquele lugar, atraindo uma intensa população católica (Figura 27), além dos indígenas que ali habitavam.

> Convém acrescentar que a cultura local reflete o alto nível de sacralidade no controle sobre o ritual e as crenças. As práticas de rezas, as promessas e romarias tomam a forma simbólico-religiosa centralizada nos santos. É em torno deles que emerge o catolicismo popular centrado nos santos canonizados pela Igreja, os santos locais – canonizados ou não -, os diversos títulos devocionais de Jesus e de Maria [e José], almas de defuntos e figuras lendárias. (Rosendahl, 2018, p. 69-70).

Figura 27 – Vitral da Igreja Matriz retratando as primeiras peregrinações feitas à igreja



Fonte: Anjos, 2023.

Com base na figura acima percebe-se um movimento em direção a capela do santo, próximo a baía de São José, através de carros de bois e sob cavalos, denotando o caráter rural do povoado na época. Esse meio de locomoção se dava pela dificuldade de acesso das vias e dos caminhos de areia. Por falta de luz elétrica, essas primeiras romarias se realizavam nos períodosde lua cheia [11]para que o seu clarão pudesse iluminar os caminhos percorridos.

Ao caracterizar a cidade-santuário de Meca, Rosendahl (2018, p. 65) também reforça a forma de acesso àquele lugar tecendo comparações com o cenário atual. Assim, ela esclarece: “Hoje, em contraste com o passado, as caravanas de camelos foram substituídas pelos modernos transportes aéreos. A peregrinação sofreu modificações em seu acesso à cidade-santuário [...]” A peregrinação islâmica a cidade de Meca sofreu mudanças no que tange ao seu acesso, onde as caravanas com animais cederam lugar a transportes mais modernos como o avião. Numa escala menor, em São José de Ribamar também foi possível verificar essa mudança quanto ao acesso a cidade-santuário na qual

[11] A realização do festejo do santo em setembro ainda segue essa tradição de ser comemorado nos dias em que a lua cheia está presente, tornando-se uma característica cultural que perdura até os dias atuais, ainda que já se tenha a presença de luz elétrica.

as caravanas/romarias com a utilização de carroças e embarcações foram substituídas por ônibus, vans, carros.

O centro de São José de Ribamar se assenta sobre o sítio original da cidade e seu marco principal é a igreja (iniciada como uma pequena capela/ermida do povoado) que desde os tempos pretéritos reunia multidões que vinham louvar o Santo Padroeiro do Maranhão e pagar suas promessas. Sobre esse aspecto, é recorrente a afirmação de Rosendahl (2018, p. 48) para quem: "A atração ocasional de homens a esses centros, motivada não por necessidade de residência fixa, e sim pelo estímulo espiritual, continua sendo um dos critérios essenciais definidores da cidade-santuário [...]"

A conformação do templo religioso e as festividades do santo protetor do estado foi se expandindo pouco a pouco e sendo vinculadas nos impressos da época. Pode-se usar como exemplo os anúncios de jornais que tratavam do convite à Festa do Santo por volta do ano de1860. Nesse sentido, o Publicador Maranhense é uma prova dessa divulgação (APÊNDICE B) e o seu número 168 assim expõe:

> **Festa de S. José de Riba-mar -** Annuncio ao respeitavel publico, que a festividade do glorioso S. José de Riba-mar, terá lugar, na respectiva capella, no domingo 6 de setembro proximo, com a decencia condignade tão venerando culto, havendo vesperas e missa solemne por musica, fazendo o panegyrico do milagroso orago um dos nossos distinctos e illustrados pregadores: á tarde sahirá o glorioso Santo em procissão; e á noite depois da ascenção de tres allegoricos ballões, ao som de varias peas musicaes, terminará a festa com a exposição de um bello fogo de vista offerecido pelos filhos doIllm. Sr. José Ferreira da Silva Junior, e de abaixo assignado. E´de crêr que este anno a concurrencia seja maior que a dos anteriores, visto como sendo a festa no dia 6, seguem-se mais dous 97 feriado, e 8 sanctificado), paradescanso dos concurrentes, podendo atéos Srs. Empregados publicos desta vez ir fazer sua oração. (Publicador Maranhense, 24 de julho de 1868)**.**

Os jornais da época também eram utilizados pelos proprietários de embarcações (vapores) para informar sobre a saída de seus barcos com destino à São José de Ribamar, em forma de romaria, constituindo-se num dos aspectos de peregrinação à casa do santo católico tão venerado pelo povo maranhense.(informação verbal)[12] Essas travessias realizadas na baía de São José eram mais intensas no mês de setembro em ocasião às festividades religiosas do santo que congregava uma multidão de devotos na igreja e em seus arredores (Figura 28).

[12] Informação dada pelo historiador Mário Bezerra na apresentação da Mesa Redonda "A cidade-santuário de Ribamar sob a ótica de pesquisadores maranhenses" no evento intitulado I Seminário sobre o Festejo de São José de Ribamar e a promoção do Turismo Religioso, realizado em 22 de setembro de 2023 na Secretaria de Cultura do município.

Figura 28 – Romeiros no largo da matriz durante o festejo de 1976



Fonte: Miranda, 2024.

Pode-se ilustrar esse intenso fluxo de pessoas durante o festejo de São José de Ribamar através da música “Queremos Deus”, escrita por João do Vale, Assunção Corrêa e Avelar Junior e regravada por Alcione (1991), no qual os compositores destacam:

Queremos Deus

Queremos Deus que é o nosso rei
Queremos Deus que é o nosso pai (bis)

Desde o Largo do Cruzeiro até em frente o convento
É tão grande o movimento, quase não se pode andar
Naquela festa, vem gente de todo lugar
Muitos vão pagar promessa ao Senhor São José de Ribamar
Ele é o protetor do povo, ele é o dono do lugar
Senhor São José de Ribamar

Uma promessa que eu fiz ao Senhor São José de Ribamar
Uma garganta de cera que eu prometi vou levar (bis)

Sofri muito neste mundo, foi São José que me salvou
E eu dou mil graças a ele do mal que me livrou

Uma promessa que eu fiz ao Senhor São José de Ribamar
Uma garganta de cera que eu prometi vou levar (bis)

Vou pagar minha promessa porque me sinto feliz
Vou brincar na sua festa e passear em São Luiz
Vou pagar minha promessa com toda satisfação
Vou brincar na sua festa e passear no Maranhão

Uma promessa que eu fiz ao Senhor São José de Ribamar
Uma garganta de cera que eu prometi vou levar (bis)

A frequentação ao templo católico foi, desde o princípio, um ponto forte da vida religiosa local. Assim, é possível perceber um grande número de romeiros e peregrinos advindos de outros municípios do interior do estado para participar das celebrações e agradecer ao santo por graças alcançadas e preces atendidas, práticas ainda muito comuns na vivência cotidiana. (Figura 29). Jornais locais e nacionais reforçam o convite ao festejo do santo, através de notícias impressas sobre esse evento religioso (APÊNDICE D). Essa informação reforça a consideração feita por Rosendahl (2018, p. 60) ao compartilhar que, "Essa visita é feita a um lugar sagrado e vem acompanhada do comportamento religioso de pedir graças ou de agradecimento por uma bênção obtida [...]" Na Igreja Matriz ribamarense a presença de pessoas de diferentes cidades do Maranhão sempre foi um elemento positivo e constitui-se um movimento que perdura por décadas.

Figura 29 – Oferta de um galo em retribuição à graça alcançada (setembro de 1986)



Fonte: Miranda, 2024.

Para reafirmar tal apontamento, de um lugar sagrado muito frequentado por maranhenses, recorre-se às palavras de uma moradora natural de outro município do estado querelata sobre suas vindas à igreja no período do festejo do santo, no mês de setembro:

> *"Tenho 67 anos de idade, sou do interior de Anajatuba, município de Icatu. Aos meus 12 anos eu já vinha pra cá pra São José de Ribamar com os meus pais e irmãos, a gente vinha de canoa à remo. Eu saia do meu lugar (Anajatuba) andando ou montada a cavalo até o Porto que ficava no Salgado ou na Boa Vista, povoados do município de Icatu. De lá pegava o barco e atravessava a baía de São José por volta de 4h ou 4:30h pra chegar em Ribamar. Vinha participar da Igreja, vinha pra casa de pessoas amigas dos meus pais e via muita gente vim, principalmente no período do festejo de São José, e todas aquelas pessoas traziam suas comidas e, ao chegar*

naquelas casas, os donos davam liberdade pra que as pessoas fizessem sua alimentação e ali passávamos os 3 últimos dias da festa, participando das missas, procissão e passeando. Aqueles que não tinham uma casa para ficar, iam pra própria canoa preparar sua alimentação, depois participavam das celebrações e voltavam para dormir nas canoas que ficavam atracadas no Porto do Barbosa, porque o meio de transporte daquela época era a canoa (e não era canoa a motor), o transporte marítimo, por falta de estrada".

Figura 30 – Embarcações à vela ancoradas no Porto do Barbosa



Fonte: Jorge, 1950

Reforçando essa questão, a fonte documental "Memória e centralidade em Resende" de autoria de Silva (2020)faz uma caracterização da cidade carioca de Resende com base na dinâmica do seu centro, destacando a presença da igreja católica na paisagem. Com base nessa investigação científica pode-se encontrar a seguinte afirmativa:

> A vida religiosa é um aspecto bastante importante nas cidades de ascendência portuguesa e um dos elementos que conecta centro e memória, pois a simbologia das edificações, mormente as maiores e imponentes da cidade e a importância atribuída à questão litúrgica, confere ares quase sacralizados ao centro, sobretudo, nos arredores das igrejas centrais. (Silva, 2020, p. 5).

Assim como acontece em Resende, onde a prática religiosa é um expoente e a área onde se localiza as igrejas centrais possui uma paisagem particular, marcada por ares de sacralidade, o mesmo se evidencia em São José de Ribamar, sobretudo na área central onde está fixada a Igreja Matriz (e todo o conjunto arquitetônico-religioso dedicado ao santo). A memória que se tem sobre o centro da cidade perpassa pela presença da igreja católica, onde desde as primeiras ocupações se deram em torno dela e ali passou a se instalar as atividades de comércio. Assim, refletir o contexto

intraurbano ribamarense pressupõe apontar o papel da igreja local e sua contribuição na dinâmica socioespacial do município, como foi enfatizado no item anterior.

O pesquisador Otávio Lemos Costa, com base nos trabalhos de Park (2004, p. 1), reflete que "[...] selecionar lugares sagrados é associá-los com as pessoas que possuem alguma crença particular relacionada com sua religião, com o lugar de nascimento de líderes religiosos ou ainda com mitos primitivos". Essa afirmativa ganha força no cenário ribamarense, pois a própria constituição do lugar e da sua capelinha parte de uma narrativa mítica, do santo que opera uma graça na vida do navegante português. O simbolismo presente no enredo é uma das principais caraterísticas, envolvendo uma íntima relação dos moradores com o santo católico, a começar pelos indígenas que com ele se apegaram desde o primeiro momento. Dali em diante, o acúmulo de pessoas e atividades foi se desenvolvendo, gerando uma centralidade nesse ponto da cidade.

A fixação de residências, estabelecimentos comerciais, serviços e equipamentos fez emergir um núcleo no centro da cidade. Nesse contexto, o núcleo da área central de São José de Ribamar (Figura 31) é composto pela Avenida Gonçalves Dias, também conhecida como Rua Grande, e o Complexo do Santuário, tendo como limites a Praça do Cruzeiro e o Monumento a São José. Devido à forte intensidade de atividades comerciais, de serviços e também de atividades religiosas católicas – missas, batizados, bênção de veículos, procissões, romarias, novenas - essa localidade oferece grande capacidade de consumo de produtos (religiosos ou não) e serviços.

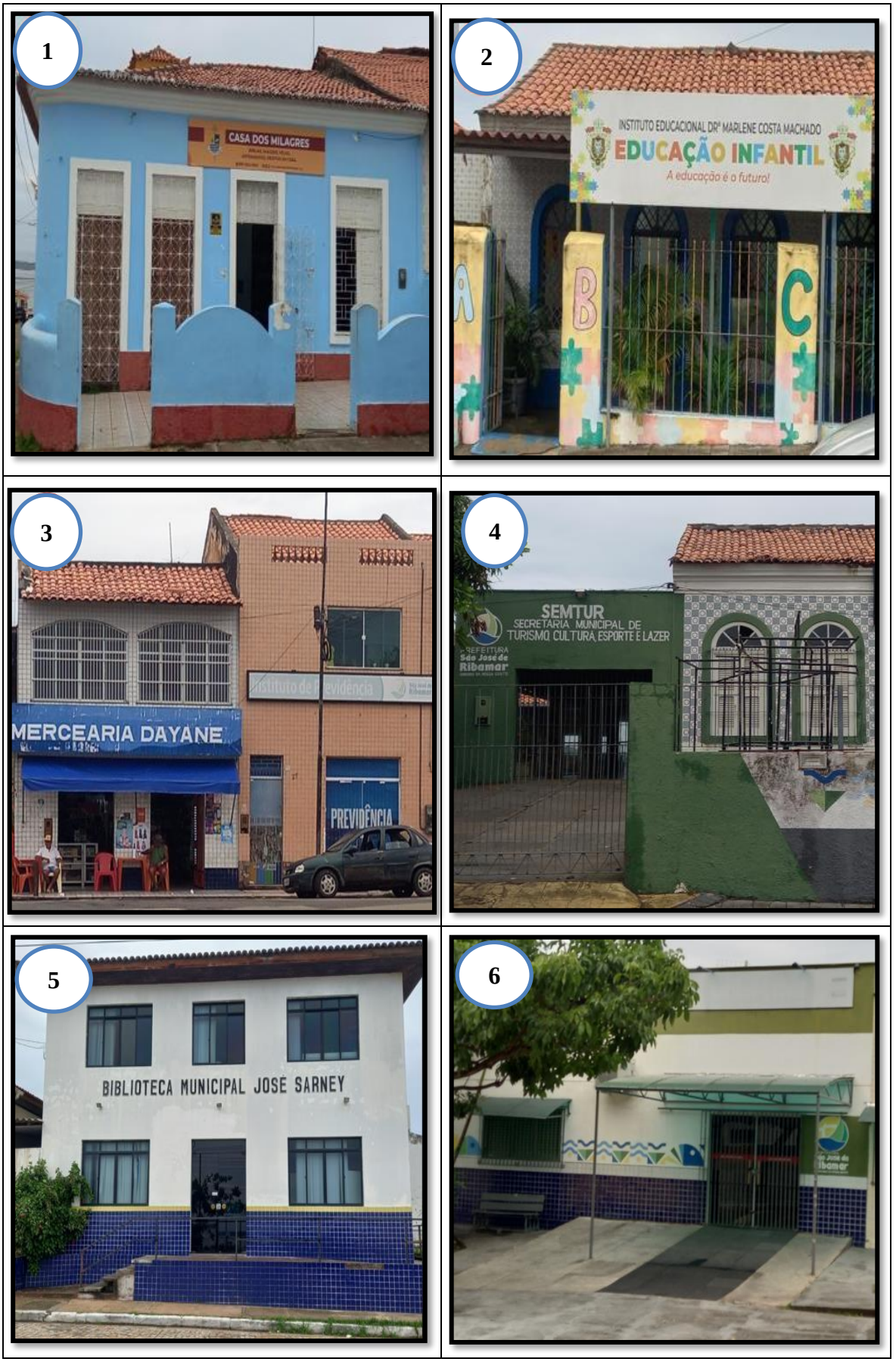
A cidade apresenta ainda uma Área central ao longo de sua malha urbana e o Centro principal que é também consolidado exerce importante papel na estruturação do espaço urbano. O centro principal e consolidado de São José de Ribamar é investido de grande capacidade de concentração de atividades comerciais e de serviços (Figura 32), ou seja, é uma área central que exerce importante papel na estruturação da cidade e dos deslocamentos intraurbanos (de pessoas, mercadorias e etc).

Figura 31 – Mapa de Localização do Núcleo da Área Central de São José de Ribamar - MA



Fonte: Sousa, 2023

Figura 32 – Equipamentos e Serviços na Área Central da cidade















1- Casa dos milagres	5- Biblioteca Pública	9- Restaurante
2- Creche Escola	6- Centro de Saúde	10- Centro de Artesanato
3- Mercearia	7- Centro de Cultura	11- Hotel, Restaurante e Pizzaria
4- Secretaria de Cultura	8- Prefeitura Municipal	12- Ótica

Fonte: Anjos, 2024

De acordo com Corrêa (2000, p. 38), "[...] a Área Central constitui-se no foco principal não apenas da cidade, mas também de sua hinterlândia. Nela concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos". Por esses apontamentos, entende-se tais características reservadas as áreas que compõem o Centro da cidade e o Complexo do Santuário. (Figura 33).

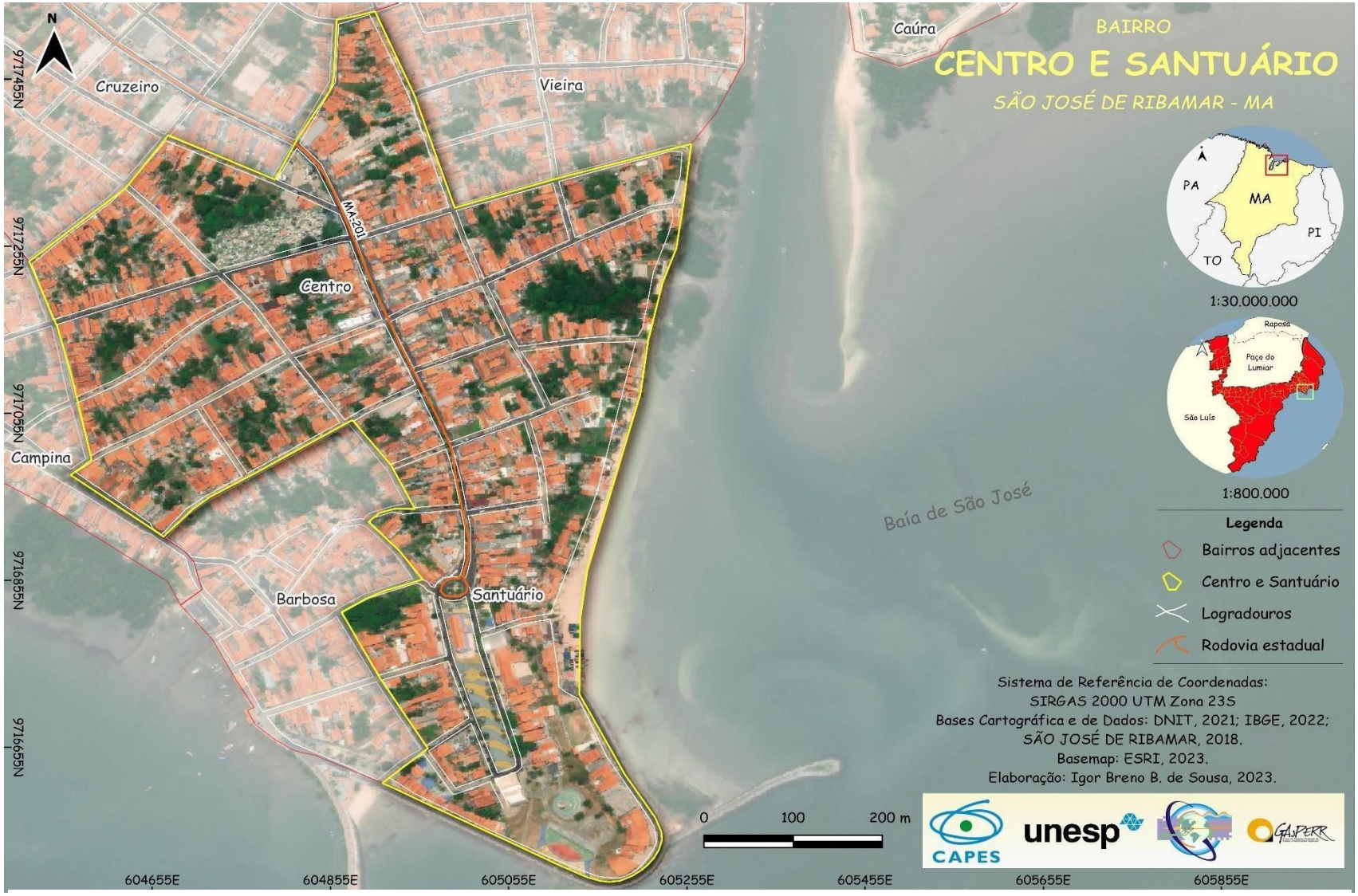
Tal como acontece na cidade potiguar de Santa Cruz, o Complexo do Santuário de São José de Ribamar também vem alterando toda a dinâmica urbana da cidade. Os estudos de Rocha e Barbosa (2020) apontam o importante papel do Complexo Turístico Alto de Santa Rita de Cássia na caracterização espacial da referida cidade localizada a 116 km de Natal (capital do Rio Grande do Norte). No cenário ribamarense, essa dinamização pode ser refletida a partir do fluxo de pessoas, concentração de estabelecimentos comerciais, afixação de secretarias do governo municipal, equipamentos culturais – Centro de Cultura, Biblioteca Pública Municipal – Unidade Básica de Saúde, Escolas privadas, convergência de transpores (paradas de ônibus e vans), local de encontros e celebrações (missas, marchas evangélicas, desfile cívico, atividades natalinas, encenações artísticas, feiras literárias), presentes na área central do município e influenciados pela presença da obra arquitetônica-religiosa. Nesse sentido, vê-se "[...] o fluxo de pessoas que se deslocam aos lugares sagrados [...] esses deslocamentos afetam e influenciam a dinâmica dessas cidades [cidades-santuário] [...]" (Bernardino; Galvão, 2021, p. 3).

Pelo teor religioso preponderante no lugar, a cidade ribamarense expressa uma organização e ordenamento a partir do espaço sagrado que, embora tenha o conteúdo da religião como um ponto forte, é capaz de envolver vertentes econômica e ideológicas em sua análise, uma vez que a frequentação no Santuário por diferentes pessoas que comungam ou não da fé católica acaba gerando dinâmicas e atividades para além da religiosidade. Há a presença de estabelecimentos comerciais, restaurantes e hotéis que podem ser acessados pelos visitantes, impulsionando a economia local, além da área apresentar uma paisagem natural exuberante com a presença da Praia de Banho e do Espigão da cidade.

Esses apontamentos nos aproximam da caracterização realizada por Resendahl (2018, p. 58) sobre as cidades cerimoniais onde o papel desempenhado pela religião foi essencial para se compreender a gênese e a evolução dessas cidades. Em suas palavras a autora expõe:

> As cidades cerimoniais como Choluta, Monte Albán, Tula, Xochicalco, El Tajín, Chichén Itzá e Tenochtitlán, caracterizavam-se por sua organização interna específica. Essas cidades sugerem uma ordem espacial hierarquizada, centradas no espaço sagrado. Geridas por cleros organizados e dirigentes diversos, essas cidades sagradas eram assinaladas por templos piramidais, pátios cerimoniais, praças de mercado e terraços. As elites sacerdotais organizavam as cidades em torno do santuário que ligava o povo ao mundo sobrenatural.

Figura 33 – Mapa de Localização do Bairro Centro e do Santuário em São José de Ribamar - MA



Fonte: Sousa, 2023.

É possível estabelecer algumas aproximações com o município ribamarense, à medida que a cidade também se organiza com base no santuário e, a partir dele. Agora, não apenasuma "elite sacerdotal" organiza esse espaço, mas um conjunto de diferentes agentes (padres, governo municipal, estadual, empresários, comerciantes, moradores, visitantes) influem nos movimentos desse espaço que liga o povo ao mundo sobrenatural, ao aspecto divino transcendente.Vê-se assim uma ordem espacial hierarquizada, na qual o espaço sagrado - o Santuário - assume papel central.

A centralidade exercida pelo santuário foi evidenciada desde os primeiros núcleos de povoamento onde a religião ocupava lugar central. Assim, o paleolítico expressava o momento de comunhão entre os homens que vinham das diferentes áreas se congregarem no templo e influindona dinâmica urbana do lugar, por isso, "[...] ao falar de sagrado e urbano, colocamos o **templo** como **elemento forte da conexão entre cidade e religião** [...]" (Rosendahl, 2018, p. 48, grifo nosso). A igreja e seu poder de atração, capaz de reunir fiéis em prol do mesmo culto e das mesmas atividades e práticas.

Para além do templo, a presença de um Complexo religioso também dinamiza o espaço, gerando movimentos e fluxos. A atração exercida pela igreja agora é partilhada com outros monumentos e formas simbólicas espaciais bem perceptíveis na paisagem urbana, remodelando a área onde estão assentados. Nessa conjuntura, a análise sobre um complexo arquitetônico-religioso específico, localizado na Ilha do Maranhão permite evidenciar nuances próprias e colabora para o entendimento da produção do espaço urbano, da dinâmica urbana e socioespacial da cidade de São José de Ribamar.



4 A CONSTRUÇÃO DO COMPLEXO DO SANTUÁRIO E A DINÂMICA DA CENTRALIDADE SIMBÓLICA EM SÃO JOSÉ DE RIBAMAR

4.1 A criação do Complexo Religioso: a influência da religiosidade na conformação das formas simbólicas espaciais

A criação do Complexo do Santuário de São José de Ribamar[13] envolve diferentes agentes que colaboraram ativamente para sua concretização. Populares, representantes do governo e religiosos são personagens importantes para o entendimento desse projeto arquitetônico no núcleo da área central da cidade. Nesse prisma, é preciso tecer algumas informações sobre as questões paroquiais ainda que de modo breve, tendo em vista que muitas das transformações ocorridas na área perpassou pelo papel da igreja católica e dos que estavam em seu "comando".

A vida paroquial em São José de Ribamar se deu a partir da chegada e inserção de algumas ordens religiosas em que padres saíam em missão pelos bairros da cidade, celebrando missas e organizando os festejos da época. Tem-se notícia, com base em Miranda (2023), sobre a presença de frades franciscanos no município por pouco mais de um ano - no período de 28 de novembro de 1991 a 05 de dezembro de 1992. O último ano foi marcado pela realização das Santas Missões, tendo como dirigente o frei João de Deus, atraindo assim um grande contingente de fiéis católicos da região.

As designações de padres para as diversas paróquias espalhadas pela arquidiocese de São Luís e do Maranhão como um todo levou à substituição dos Padres Lazaristas da Missão Holandesa (que residiram no município ribamarense durante 56 anos) pelos Padres Diocesanos, no dia 08 de abril de 1994, mudando-se assim as Ordens Religiosas representativas da Paróquia da cidade. À frente dos trabalhos paroquiais e sociais estava o Vigário-Geral, Padre Xavier Gilles de Maupeou D´Ableiges e alguns auxiliares, formando um novo Conselho Paroquial.

> Oito meses após ser empossado, Padre Xavier sentindo a necessidade de melhoramentos da igreja, enviou uma carta datada de 11 de dezembro de 1994 ao Presidente do Senado Federal, Exmº Sr. José Sarney, apresentando um projeto de Organização da Vida Temática e Religiosa de São José. (Miranda, 2023, p. 215).

Nascia então o "Projeto Basílica", visando a constituição de um conjunto de elementos e formas localizadas à frente e nos arredores da Igreja Matriz, para retratar a vida de São José, pai adotivo de Jesus e fazer alusão ao santo protetor da cidade e do estado (Figura 34). A carta enviada ao Presidente do Senado foi apreciada e gerou a formação de uma frente, um grupo de apoio para o desenvolvimento da grandiosa obra estrutural.

[13] Inicialmente, o projeto foi intitulado "Projeto Basílica" e anos mais tarde é que recebeu o nome de Complexo Arquitetônico do Santuário ou simplesmente Complexo Santuário, como aparece no site da própria paróquia.

Figura 34 – Desenho do Projeto Basílica



Fonte: Miranda, 2023.

Nesse ponto, a construção desse santuário segue a mesma linha de outros orquestrados Brasil a fora, pois de acordo com Bernardino e Galvão (2021, p. 12):

> Os santuários religiosos são erigidos por diversas finalidades, mas quase sempre a motivação é pessoal, de um coletivo pequeno, ou seja, um grupo organizado por pulsão religiosa ou uma figura política de representação popular, como prefeito. A construção pode levar décadas até sua finalização e mesmo assim atrair fiéis que devotamente contribuem para a constituição e manutenção do lugar ou fazer parte de um grande projeto arquitetônico patrocinado por Estado, Clero e instituições privadas.

Com base no exposto, verifica-se a criação dessa obra arquitetônica-religiosa sob a liderança do padre local (que também desempenhava um papel social e político no município) que perdurou entre os anos 1995 a 1998 até a conclusão de todos os elementos propostosno projeto, contando com o apoio incisivo do Estado, das lideranças religiosas locais, de empresasprivadas e da participação popular, formada por leigos benfeitores.

No que tange à construção do Complexo Arquitetônico do Santuário de São José de Ribamar (Figura 35), a pesquisadora Marli Conceição declara que se deu a partir de 1995 e sua entrega foi feita no dia 3 de setembro de 1997. A obra criou grande expectativa entre os citadinos que ansiavam por sua inauguração, afim de tornar-se um local de vivência da fé católica através da devoção ao santo patrono da Igreja e protetor das famílias.

Figura 35 – Mapa do Complexo do Santuário de São José de Ribamar



Fonte: Anjos, 2023.

Figura 36 – Vista do Complexo do Santuário de São José de Ribamar



Fonte: O Imparcial, 2019.

Conceição (2001) destaca ainda o importante papel do padre Xavier Gilles (atualmente, Bispo Emérito da Diocese de Viana, no Maranhão) como principal idealizador do projeto, expressando que:

> Convém então que seja dito: pela sua dedicação e o grande trabalho realizado em tão pouco tempo levou São José de Ribamar a ser reconhecido por Roma, Padroeiro do Maranhão, e, por ser a nossa, a única cidade a cultuar o Santo, São José de Ribamar mereceu ganhar uma Basílica, visto que, é muito grande a concentração de fiéis e devotos na época de seu festejo. A maquete foi apresentada aos fiéis pela Governadora do Estado, na terceira noite das novenas do festejo do Santo. A Basílica é de estilo moderno, tem estrutura espacial com duas asas abertas em concreto pré-moldado formando um teto sem paredes laterais, será construída próxima a gruta de frente para a igreja no final do corredor denominado Caminho de São José que ligará uma à outra, ao longo desse caminho serão colocadas oito imagens para lembrar a Via-Sacra do Santo. O milagroso São José de Ribamar ganhará também uma estátua com 15 (quinze) metros de altura que será colocada nas imediações da gruta e outra com 9 (nove) metros ao lado esquerdo da Igreja com frente para o mar. É importante lembrar que a igreja permanecerá como é, sendo que passará por algumas adaptações, inclusive voltará a ter o seu antigo altar [...] (Conceição *apud* Reis, 2001, p. 287).

Assim, o Projeto Basílica de São José de Ribamar foi constituído de três etapas: Etapa 1 – Construção do Caminho de São José (um conjunto com oito estações recordando a vida do esposo da Virgem Maria); Etapa 2 – Museu dos Ex-Votos (galeria para fixação e reunião das promessas feitas pelos romeiros e devotos do santo - objetos, instrumentos e demais elementos utilizados com o intuito de prece para alcance de uma graça ou bênção); Etapa 3 – Concha Acústica (local de celebração e atividades religiosas, situada à frente da Igreja Matriz,no final do Caminho

de São José. Em formato de bíblia aberta, esse equipamento abriga ainda uma cripta na parte interna, possibilitando encontros de grupos e ou reuniões paroquiais).

A primeira etapa do projeto arquitetônico foi iniciada nos primeiros meses do ano de 1996, através da produção do conjunto de vinte e oito estátuas que formariam as oito estaçõessobre a vida de São José, o pai adotivo de Jesus, conforme narra os Evangelhos (Figura 37). Oresponsável pela criação de tais obras foi o escultor goiano Sival Floriano Veloso que improvisousua oficina no Salão Paroquial. (Miranda, 2023).

Figura 37 – Construção do Caminho de São José em 1996



Fonte: Miranda, 2024.

A concretização dessa etapa inicial do projeto remodelaria a Praça da Matriz, substituindo o antigo monumento da Sagrada Família (construído em 1979) pelo conjunto das oito estações (Figura 38 e 39). Na verdade, a ideia era reaproveitar o monumento já fixado na área, porém o vai-e-vem das máquinas e o trabalho com o solo levaram à queda da imagem. Outro fato curioso é que "As escavações feitas para canalização de esgoto [naquela área] descobriram no dia 15 de maio de 1997, ossadas humanas, vestígio de um cemitério existente de 1854 a 1899". (Miranda, 2023, p. 218).

Figuras 38 e 39 – Mudanças na Praça da Matriz de São José de Ribamar, a partir da reforma



A Igreja Matriz e a estátua da Sagrada Família (final dos anos 1980)



A Igreja Matriz e a estação sobre a vida de São José (final dos anos 1990)

Fonte: imprimelanhouse.com.br, 2018.

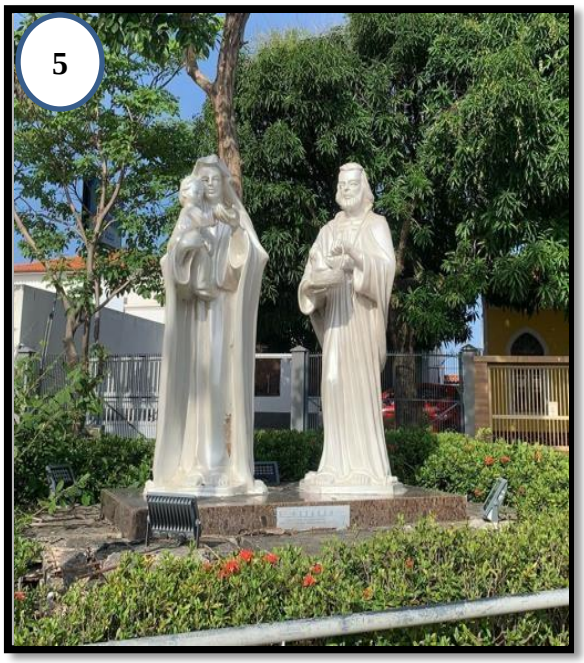
As estações (Figura 40) são realçadas com a presença de plantas rasteiras em seu entorno e com uma grade de ferro, uma obra de jardinagem. Na praça é possível perceber a presença de algumas árvores como o ipê amarelo, trazendo mais cor e vivacidade a área. A padronização e o desenvolvimento do Caminho de São José realçam o apelo a fé católicae expressa um local de visitação e contemplação, capaz de aglutinar um expressivo número deromeiros, devotos e visitantes de toda parte do Brasil e do mundo, visto que a sua área é ampla ecomporta diferentes atividades em seu perímetro.

A inauguração do Caminho de São José deu-se em 12 de setembro de 1997 por meioda efervescência de paroquianos, moradores e curiosos que movimentavam a Praça e a Igreja. Sobre esse acontecimento, Miranda (2023) tece alguns apontamentos, destacando a presença daclasse política municipal e estadual, da classe religiosa e da classe leiga, formada por devotos do santo, nos arredores da Praça da Matriz.

> Às 19:30hs deu-se a abertura da solenidade com o Côro São José entoando os hinos do Maranhão e do Município, recebendo as autoridades governamentais, municipais,civis, eclesiásticas e militares, com o descerramento da placa inaugural pela Exmª Srª Governadora do Estado Roseana Sarney. Realizou-se a missa celebrada por Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte, Arcebispo Metropolitano de São Luís-Ma, concelebrada pelo Bispo Auxiliar D. Xavier Gilles, diversos padres e ministros [...] Após a solenidade eucarística, o Bispo Auxiliar acompanhado pelas autoridades e o povo, desceu a Esplanada para realização da bênção das Estátuas [...] (Miranda, 2023, p. 220).

Figura 40 – As oito estações que compõem o Caminho de São José











Estação 1: Noivado de São José e Maria

Estação 2: O anjo aparece em sonho a São José e lhe diz para receber Maria como esposa

Estação 3: Nascimento de Jesus

Estação 4: Visita dos reis magos

Estação 5: Apresentação de Jesus no templo

Estação 6: Fuga para o Egito

Estação 7: Encontro de Jesus no templo entre os doutores

Estação 8: A morte de São José nos braços de Jesus e Maria

Fonte: Anjos, 2024.

A segunda etapa do projeto previa a construção do Museu dos Ex-Votos. As atividades de reforma da área que receberia essa forma espacial começaram por volta do início de janeiro de 1997, porém sua construção oficial só começou em março. Localizado ao lado daGruta

de Lourdes, onde assentava-se o Horto do Calvário (Figura 41), o Museu também fulgura como um espaço envolto pelo caráter religioso católico, visando atrair visitantes e fiéis pagadores de promessas feitas ao santo padroeiro do Maranhão (Figura 42).

> Seu formato esférico de 33,00m de diâmetro por 7,50m de altura, possui uma passarela externa de três voltas circulares e uma escadaria interna central que conduzem ao seutopo, onde lá do alto, contempla-se o mais belo cenário paisagístico do município. No seu interior está a sala dos registros históricos, ligados aos fatos lendários queenvolvem o Santo de Botas nas causas das promessas alcançadas. (Miranda, 2023,p. 224).

Figura 41 – O Horto do Calvário



Fonte: IBGE, 2010.

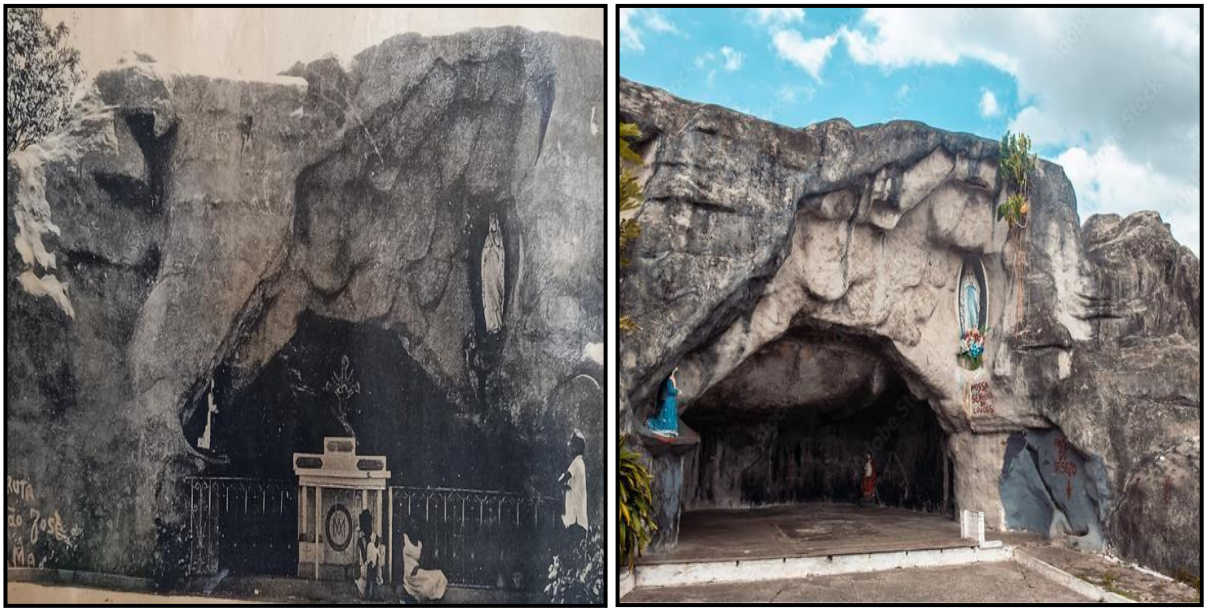
Figura 42 – Interior do Museu dos Ex-Votos



Fonte: santuarioderibamar.org, 2018.

Como destacado no parágrafo anterior, o Museu foi construído ao lado da Gruta de Lourdes (Figuras 43 e 44). Embora muitos admiradores do lugar pensem que a Gruta também foi criada a partir do Projeto, vale destacar que ela é uma construção bem anterior a isso (data de 1957) e por esse fato não aparece nenhuma referência a essa forma simbólica espacial nos registros de criação da obra arquitetônica. A Gruta de Lourdes é uma réplica daquela existente em Lourdes, na França, que rememora a aparição da referida santa naquela região.

Figuras 43 e 44 – A gruta de Lourdes em diferentes períodos



Fonte: Miranda, 2024.

Sobre a estrutura do Museu dos Ex-Votos foram alocadas duas estátuas (com 17,5me 12,5m respectivamente) representando São José de Ribamar e o Menino Jesus, construídas em 30 de abril de 1998 pelo escultor Sival Floriano Veloso e um grupo de auxiliares. É interessante o fato de que a construção das duas estátuas não estava prevista no projeto inicial da construção do Complexo, apenas a imagem de São José seria afixada nessa área.

Denominado de Monumento a São José (Figura 45), a obra possibilita uma visão panorâmica da cidade, estando na parte central e alta do terreno, podendo ser observada a longas distâncias através da baía de São José ou mesmo em terra firme, como é o caso da subida do Outeiro (bairro bem populoso do município) onde pode-se visualizar a cabeça da imagem. Inaugurada juntamente com a Concha Acústica e a Casa das Velas em 04 de setembro de 1998, o Monumento fulgura como um dos principais cartões-postais da cidade, atraindo um grande número de visitantes.

> Com [32,5 metros] de altura, o monumento a São José é um dos maiores do país, ficando atrás apenas do Cristo Redentor com 38m e vindo após ele os monumentos a São Francisco de Assís, em Canindé, Ceará, e a padre Cícero em Juazeiro do Norte, também no Ceará, respectivamente com 30,25m e 27m. O monumento retrata São José segurando firmemente a mão do Menino Jesus, simbolizando o carinho e a preocupação de ensinar os primeiros passos ao Menino Jesus [...] Tijolo, cimento, pedra brita, concreto e ferro galvonizado serviram de matéria para a construção. O artista goiano Sinval Floriano Veloso construiu o monumento em etapas. A grande imagem de São José foi feita em sete etapas iniciando a construção pelas botas do santo. Simultaneamente foi construída a imagem do Menino Jesus, em cinco etapas, iniciada pelos pés. As mãos e as cabeças foram modeladas na argila, revestidas de gesso e sustentadas por fibras de vidro. O monumento está localizado ao lado da Concha Acústica de onde é possível apreciar a

vista da Avenida Beira-Mar e da Baía de São José. (santuarioderibamar.org, 2018, p. 1).

Figura 45 – Monumento a São José de Ribamar



Fonte: Anjos, 2019.

No projeto inicial do conjunto religioso também não se tinha notícias da criação da Casa das Velas (Figuras 46 e 47). O local foi incluído para alocação das velas ofertadas pelos romeiros e devotos em sinal de pedido de graça ou por bênção alcançada e sua inauguração se deu juntamento com o Museu, o Monumento e a Concha Acústica. Assim, o acendedouro que ficava ao lado da igreja foi desativado e passou-se a utilizar a Casa das Velas para essa finalidade religiosa.

Figuras 46 e 47- Parte externa e interna da Casa das Velas





Fonte: Anjos, 2024.

A última etapa da obra contempla a construção da Concha Acústica e da Cripta, uma estrutura moderna que representa uma Bíblia aberta, sendo projetada pelo mesmo profissional do

Museu e das Estações, possuindo 10m de altura e 20m de largura. “Nela são celebradas as solenidades eucarísticas dos importantes eventos religiosos”. (Miranda, 2023,p. 53).

Inaugurada em 04 de setembro de 1998, a Concha Acústica (Figura 48) embeleza o Complexo do Santuário, estando a frente da Igreja Matiz como um elemento convidativo. Os festejos de março e setembro propiciam maior dinamização desse espaço, congregando grandes multidões que vêm participar das missas e outras celebrações. Miranda (2023) anuncia que sua execução se deu por meio doCentro de Tecnologia da Rede SARA (STRS) com recursos da Secretaria da Infraestrutura, daSecretaria Estadual de Cultura, do Ministério da Cultura e das Telecomunicações, além da comunidade paroquial da cidade.

> [...] sua inauguração [ocorreu] no dia 04 de setembro [de 1998], juntamente com o Museu [o Monumento e a Casa das Velas]. A solenidade foi presidida pelo Sr. Arcebispo de São Luís-Ma D. Paulo Eduardo Andrade Ponte, auxiliado pelo Bispo auxiliar D. Xavier Gilles, Padre José Bráulio Ayres, Vigário Geral da Paróquia de São José de Ribamar, Senador da República José Sarney, Exmª Srª Vilma Motta (viúva do Ministro das Comunicações Sérgio Motta) e de outras autoridades religiosas, políticas e administrativas do Maranhão. Na noite festiva, foi descerrada pelo Sr. Arcebispo do Maranhão e pela Srª Vilma Motta, a fita alusiva do Complexo Santuário de São José de Ribamar. (Miranda, 2023, p. 228).

Figura 48 – Concha Acústica



Fonte: Anjos, 2023.

Com base nesse novo desenho do largo da matriz de São José de Ribamar e a intensificação do processo de urbanização, percebem-se alterações latentes na paisagem urbana. Sendo assim, é fundamental a visão dos moradores da área para enriquecimento dessa análise e compreensão, sabendo-se que parte dos que vivem nas redondezas da Igreja vieram de outros

municípios maranhenses[14] a fim de se fixarem nessa localidade que é mais próxima da capital maranhense, em busca de oportunidades de emprego e "melhoria de vida".

Muito da paisagem foi alterada e a própria infraestrutura mudou com o processo de urbanização atrelado à construção do complexo arquitetônico do Santuário. Fernandes (2009, p. 2) reforça esse pensamento ao destacar que "[...] a cidade é construída ao longo do tempo num processo que, longe de ser uma estratigrafia perfeita, vai deixando novas inscrições que coexistem ou se sobrepõem a elementos do passado." A permanência de traços pretéritos no núcleo da área central ribamarense está expressa, sobretudo, na Igreja Matriz que ainda conserva algo de suas características primárias (Figura 49).

O elemento fixo "igreja matriz" persiste no tempo, caracterizando-se como uma rugosidade, possibilitando a identificação de técnicas e conjunturas sociais de um tempo passado que coexistem com novos elementos da atualidade. Nesse caminho, Santos (2012, p. 140) apregoa "Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos". (Santos, 2012, p. 140).

A manutenção da Igreja Católica ainda que tenha passada por reformas (inclusão de vitrais, por exemplo) faz perceber que essa forma expressa um conteúdo historicamente construído, o poder da religiosidade católica na vida do povo da cidade e daqueles que vem de fora dela. As reformas que tem se operado naquele templo católico não desconfiguram sua estética, mas conserva-se o modelo desde tempos passados.

Os apontamentos destacados acima nos remetem à formulação de Cullen (2006) que estrutura seu conceito de paisagem urbana por meio de três aspectos: a) Visão propriamente dita – construída por percepções sequenciais (séries) dos espaços urbanos; b) Reações do sujeito com relação à sua posição no espaço, referentes às sensações provocadas pelos espaços: abertos, fechados, altos etc.; c) Construção da cidade – relacionada às características das cores, texturase estilos dos elementos construídos e naturais, bem como a conformações da malha urbana. A tal autor, juntamos o entendimento de Whitacker (2020), para quem,

> O Estudo da Paisagem Urbana pode englobar: numa relação dialética, a forma e a representação da forma, portanto, a construção que dela faz o Sujeito; a noção de conjunto (assemelhando-se ao conceito de fisionomia urbana), estabelecida pela apreensão de formas espaciais ou de elementos da Forma Urbana combinados; formas datadas de

[14] Dado obtido através de um trabalho acadêmico apresentado na disciplina Geografia Urbana pelo autor dessa dissertação, no ano de 2016. Com o título "Transformações da Paisagem Urbana no centro ribamarense", a pesquisa evidenciou a presença de pessoas advindas de outros municípios do interior do estado, e que estão separados de São José de Ribamar pela baía de São José, na área central da cidade e nos arredores da Igreja Matriz.

> momentos distintos, mas funcionalmente ativas (paisagem poligenética) (Whitacker, 2020, p. 57).

A paisagem urbana do centro de São José de Ribamar expõe-se ao visitante e morador como um conjunto expressivo de comunicação da fé católica, a medida que apesenta um complexo religioso temático sobre o pai adotivo de Jesus e do santo popular local. As belezas naturais se aliam à questão religiosa, proporcionando um celeiro de visitantes no centro e na área central ribamarense (Figura 50). Logo, o processo de urbanização assume papel preponderante ao favorecer conforto e locomoção aos usuários/visitantes, englobando consigo um conjunto de fatores (mobilidade, acessibilidade, infraestrutura, estadia etc.).

Figura 49 – Igreja Matriz de São José de Ribamar em diferentes períodos



Fonte: Miranda, 2023

Figura 50 - Multidão de fiéis no encerramento do Festejo do santo em 2019



Fonte: Carvalho, 2019.

Por se configurar um cartão-postal da cidade e um dos principais roteiros turísticos do estado do Maranhão, o Santuário de São José de Ribamar - com seu conjunto arquitetônico -deve ser analisado com base na sua paisagem urbana, reafirmando a presença da técnica humana na (re)modelagem do espaço. Para tanto, é preciso levar em consideração a percepção dos moradores a fim de destacar os pontos em comum e as transformações já ocorridas nesse espaço, além de apontamentos daqueles que vem visitar o lugar e também informações da Secretaria Municipal de Cultura, dos representantes religiosos da Paróquia, do Historiador/Pesquisador local e dos trabalhadores que atuam nessa área central.

Com efeito, as reformas realizadas ao longo da antiga Praça da Matriz (em frente à Igreja católica) e seu entorno dão condições para que essa porção do espaço - núcleo da área central - se constitua como área com maior acessibilidade, condição essencial para a instalação de atividades comerciais e de serviços como foi destacado na Figura 32. Assim, o Complexo do Santuário de São José de Ribamar ressalta a centralidade exercida pelo centro principal e consolidado, perpetuando e reforçando seu caráter congregador e centralizador. Para seu entendimento, é preciso lembrar que "A centralidade não é um lugar, ou uma área da cidade, mas, sim, a condição e expressão de central que uma área exerce ou representa". (Sposito, 2013, p. 73).

Nesse movimento de mudanças e alterações, as construções antigas situadas na Praça da Matriz vão cedendo lugar a outras mais modernas. Uma intervenção modernizadora que se dá na parte externa com a instalação de um conjunto de formas simbólicas espaciais (os elementos do

complexo) e também na parte interna (substituição de antigas janelas por vitrais[15] e novo altar-mor, na Igreja Matriz). Recentemente a Igreja ganhou uma "nova cara" sendo envolvida por um conjunto de luzes que realçam a beleza estética (Figuras 51 e 52).

Figuras 51 e 52 - Nova iluminação na parte externa da Igreja Matriz de São José de Ribamar



Fonte: Carvalho, 2023

Todo esse processo de remodelagem da paisagem e do espaço podem ser interpretados para além do material e palpável, carregando consigo um emaranhado de significados que são atribuídos pelos diferentes sujeitos que vivem ou visitam o lugar, pois "[...]os peregrinos, enquanto agentes modeladores do espaço nas cidades-santuário, têm a importantetarefa simbólica de produzir e reproduzir o arranjo espacial urbano [...]" (Rosendahl, 2018, p. 62).Assim, a centralidade simbólica passa a ser estudada com base nas formas espaciais (simbólicas), envolvendo os símbolos e os significados a elas relacionados, possibilitando o surgimento de fluxos e movimentos na área (e fora dela) onde as formas fixas estão assentadas.

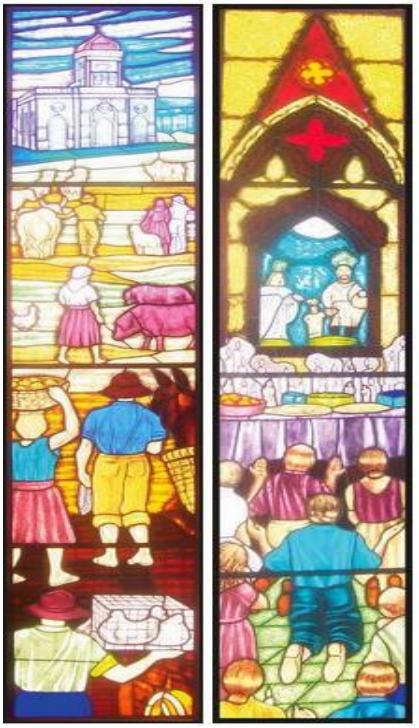
[15] "Depois da construção do Complexo do Santuário a Igreja passou por uma reforma e com isso ela recebeu nas suas paredes laterais alguns vitrais, pois eram janelas só até a metade. Então elas tiveram que ser prolongadas mais 70cm para colocar. Foi decidido numa reunião com o padre Bráulio Ayres como seriam esses vitrais. Assim, de um lado temos vitrais que contam a lenda e fundação da cidade com a igreja e na Sacristia há o vitral que dá origem ao nascimento da cidade (aparece os indígenas com as imagens colocando na pedra, dando nome Riba-mar). Do outro lado temos os milagres de São José de Ribamar (desde a Sacristia até a porta há outros vitrais que contam a história da cidade baseada nos milagres do santo e também numa peça teatral que Américo Azevedo escreveu e intitulou 'Os milagres de São José de Ribamar')" - Informação concedida pelo Historiador Antônio Miranda em janeiro de 2024 para embasamento dessa pesquisa.

4.2 Entre Formas, Símbolos e Significados: a Centralidade Simbólica do Complexo do Santuário de São José de Ribamar

Buscamos conhecer a realidade do lugar sagrado, entender seu significado cultural e a percepção que os sujeitos atribuem a ele, tal qual a pesquisa realizada por Costa em sua tese de doutorado (2011), pontuando-se que na presente investigação científica se busca uma associação das formas simbólicas espaciais dispostas no Complexo do Santuário de São José de Ribamar com a dinâmica da centralidade (enfocando seu conteúdo simbólico) e evidenciar se essa grande obra arquitetônica reforça ou não a centralidade da área central da cidade maranhense.

Com base no que foi ressaltado nos capítulos anteriores, a igreja (templo) sempre se caracterizou como um expressivo símbolo de fé na vivência ribamarense e maranhense e, mais do que isso, engendrou a organização espacial da cidade desde os tempos mais remotos, sendo um eixo de dinamização de fluxos de pessoas, mercadorias, denotando o caráter religioso e econômico do espaço. Sobre esse aspecto, o vitral de número 11 ressalta o teor centralizador exercido pela Igreja Matriz, envolvendo uma grande quantidade de pessoas e mercadorias desde muito tempo. O vitral 13, por sua vez, expressa a reunião de fiéis em torno da mesa da Eucaristia, celebrando os mistérios da fé católica. Assim, dá-se a confluência entre espaço e religião na dinâmica da cidade. (Figura 53).

Figura 53 – Vitrais retratando a centralidade do templo e a expressão da religiosidade



Fonte: Anjos, 2023

Caminhando nessa discussão sobre a centralidade de um templo religioso, a pesquisa de Santos Filho e Costa (2021) é um importante canal informacional. Embora os autores tenham enfocado o papel da igreja evangélica, mais precisamente sobre a centralidade do templo central da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) na cidade de Fortaleza - CE, as interpretações se aproximam muito do contexto católico ribamarense no que concerne à Igreja Matriz. Em seu trabalho, os referidos pesquisadores ressaltam o fenômeno religioso na cidade e lançam mão de uma importante informação:

> [...] a religião enquanto manifestação cultural se insere na paisagem urbana eivada de significados que promulgam sua representatividade nos centros urbanos, associada a outras formas de expressão, quer na dimensão econômica ou política. Ao fazer parte deste jogo simbólico, evidenciamos que alguns monumentos presentes na paisagem da cidade adquirem centralidade, tanto funcional como simbólica. (Santos Filho; Costa, 2021, p. 1).

Assim, o templo central da IURD exerce uma centralidade, um movimento de influência religiosa para além de seus limites físicos e estar inserido nesse espaço (no centro da cidade) gera uma série de interpretações e distintos significados pelos seus fiéis. A igreja alcança um grande número de evangélicos do município onde está situada e de outras regiões, possuindo certa acessibilidade e a expressividade se dá por meio de sua construção arquitetônica grandiosa, remetendo ao papel da cultura cristã dominante. Nesse bojo, o templo central da Igreja Universal é entendido como símbolo cujos significados ultrapassam a ideia de ser um edifício para acomodação de pessoas.

Nessa mesma vertente enquadra-se a Igreja Matriz de São José de Ribamar, uma vez que sua localização na área central da cidade reforça o poder que ela exerce no contexto intraurbano, marcado pela influência da igreja católica e dessa religião na história local. Tal fato pode ser enunciado a partir do grande contingente populacional anualmente e de maior efervescência nos períodos de março e setembro quando ocorrem as festividades do santo (o primeiro fazendo alusão ao santo padroeiro da igreja católica universal – São José, o pai adotivo de Jesus; o festejo de setembro, por sua vez, celebra o santo padroeiro do estado e protetor da cidade, que usa botas, São José de Ribamar).

Nesta seara, tem-se que:

> Somente o mistério da fé poderia arrastar milhares de pessoas pelo mar e em terra e os levarem ao seu local determinado. Fenômeno inexplicável sem razões humanas poderia acontecer. É um verdadeiro mar humano que transforma a cidade de São Joséde Ribamar num altar de louvor. (Miranda, 2023, p. 12).

A acessibilidade a essa parte da cidade é um fator basilar, visto que no entorno do complexo do santuário (onde a igreja está localizada) fica o ponto de vans e há uma parada de

ônibus; nesse mesmo perímetro é possível perceber maiores investimentos na questão infraestrutural, se comparado com o restante do espaço urbano. Como indicado em outras partes do texto, a Praça da Matriz, situada em frente a Igreja, passou por reformas e melhorias ao longo do tempo, sendo um dos retratos das intervenções infraestruturais e de acesso a essa parte da cidade (Figura 54).

Figura 54 – Conjunto de fotos apontando alterações na Praça da Matriz ao longo do tempo[16]



Fonte: Miranda, 2023.

[16] Da esquerda para a direita temos a seguinte ordem de fotografias: a) Praça da Matriz com presença de chafariz, datada de 1977; b) Largo da matriz movimentado com a presença de uma quadra à frente da igreja, em 1984; c) Praça da Matriz com estátua da Sagrada Família, datada do início de 1990; d) Caminho de São José e Igreja Matriz de São José de Ribamar no ano de 2022.

A partir da observação das imagens, vê-se modificações no que tange a infraestrutura dessa área central da cidade, influenciando nos movimentos de visitação. A presença de automóveis denota as melhorias em torno das estradas e a figura do ônibus circulando no local reforça a centralidade presente nessa porção do espaço que se constitui umponto de encontro entre pessoas que precisam se deslocar para outros lugares para realizar suas tarefas laborais ou de estudo, por exemplo. A Praça da Matriz também se apresenta como espaço reservado para as atividades de lazer (a juventude reunida em torno de uma partida de futebol na quadra instalada à frente da Igreja).

Essa forma simbólica espacial - Igreja Matriz - também possui um grande alcance, sendo capaz de atrair visitantes do Brasil e do mundo ao longo do ano e de organizar uma das maiores romarias católicas do estado (denominada Grande Romaria "Caminho de São José", a peregrinação percorre mais de 20km madrugada adentro, saindo de um bairro de São Luís em direção ao Santuário ribamarense). Sem dúvida, as motivações para as visitações à esse templo católico são das mais variadas e os significados emanados por aqueles que o visitam também são diversos, configurando-se em um espaço de contato com o sagrado.

> [...] O movimento [dessas pessoas] podem ser feitos de maneira individual ou em grupos em direção à cidades consideradas sagradas, totens, igrejas, dentre outros. Tudo isso depende da fé, seja ela de indivíduos ou grupos, o que torna cada pessoa e cada destinosingular dentro de uma totalidade. Tudo isso resume a imagética que a religião ou o lugar/objeto sagrado representa para a sociedade. (Rocha; Barbosa, 2020, p. 391).

Nesse bojo, para a realização da visita ao Complexo do Santuário de São José de Ribamar os sujeitos da pesquisa destacaram três principais motivos, respectivamente: questões pura e exclusivamente religiosas (pagar promessas, realizar pedidos, agradecer, participar das missas e novenas), atividades de lazer/passeio (visitar a estátua do santo, a gruta e a igreja) e por curiosidade para conhecer o lugar. Houve ainda quem indicasse a realização de compras (não apenas de artigos religiosos) como fator para visitar o espaço. Com base nisso, pode-se lembrar de Rocha e Barbosa (2020, p. 376) quando ressaltam que "[...] a atividade do turismo religioso no Brasil não se limita à esfera religiosa. É válido destacar que há entre os 'turistas religiosos' que chegam às localidades um sujeito que vai possuir motivações diversas. Um sujeito que possui motivações culturais, históricas ou puramente curiosidade turística [...]"

Nesse rol de interesses para se buscar o santuário, o apontamento do padre reitor da paróquia se aproxima daquele destacado por Bernardino e Galvão (2021, p. 5) que entendem "os santuários como unidades espaciais de manifestação da fé", pois a fala do representante religioso ressalta:

"Eu como padre acredito que nas celebrações eles vêm para se encontrar com Deus, mas podemos supor que muitos vem para conhecer, para ver como é, pois, ouviu falar. Eu acredito que aquelas multidões que participam das nossas romarias, procissões, missas vem por causa da fé em Deus, vem pedir ao santo que rogue a Deus por eles. Eu creio que o motivo religioso, o motivo de fé, é o motivo maior para visitar o Complexo Santuário".

O destaque dado a fé e a igreja não é por acaso, mas por se constituir, na visão dos sujeitos investigados, como o maior símbolo do complexo. Ribamarenses, maranhenses, turistas de diferentes estados, afirmam que a igreja possui um papel central no conjunto arquitetônico. Entre as justificativas para esse se constituir o maior símbolo, tem-se o seguinte:

"Por ser um local de pregação da Palavra de Deus, onde buscamos estar mais próximos Dele; templo de expressão de fé. Para pedir bênçãos e agradecer também".

"Por que a igreja é o símbolo mais importante quando se fala da história da cidade, é a protagonista da história".

"Há além da arquitetura da igreja, o simbolismo de ser o Santuário de São José, padroeiro do estado do Maranhão, e também o simbolismo da igreja estar ao centro com imponência da construção".

"São diversos os fatores que levam a declarar a Igreja Matriz como símbolo maior. Isso decorredo valor histórico e cultural das construções e reformas por qual passou, dos eventos religiososnela realizados, do abrigo central do padroeiro do lugar, da centralizada espiritualidade dos católicos".

As diferentes interpretações trazem pontos reflexivos que contribuem muito para o entendimento do templo religioso dedicado ao santo. No primeiro relato há uma inclinação de lugar sagrado, em que a religiosidade e a fé se expressam com veemência e o reconhecimento deser um espaço dedicado ao contato com Deus não apenas para pedir, mas para agradecer por um ou vários motivos. A segunda informação, por sua vez, se aproxima do conteúdo histórico da igreja, de sua fundação e de como ela é um importante instrumento na dinâmica da cidade, sendoconsiderada um elemento central da/na própria história local. A terceira inferência destaca o poder da religião católica e sua influência na cidade, sobretudo com a imponência do templo num lugar de destaque no espaço urbano (o centro da cidade). A última consideração feita mistura tanto aspectos religiosos (eventos realizados – missas, batizados, casamentos), locacionais (o espaçoonde está a imagem do santo protetor), como aspectos históricos relacionados a própria criação ereforma do templo.

Ainda sobre a igreja católica, Souza (2017, p. 97) em seu trabalho de doutoramento evidencia o papel do templo religioso católico como "[...] forma simbólica espacial de forte ação

ordenadora da vivência do religioso no povoado do Bonfim [...]" Assim como ocorre no santuário de Nosso Senhor do Bonfim (na cidade de Natividade, Tocantins), em São José de Ribamar (Maranhão) épossível verificar um ordenamento da vivência religiosa a partir das celebrações e rituais que são realizados na igreja. Nesse espaço as pessoas, além de participar das missas podem depositar seu ex-votos no "Altar de São José – milagres e promessas" (Figura 55), vivenciar um batizadoou um momento de Adoração ao Santíssimo Sacramento. "[...] É fácil perceber a grande variedade de motivações ao analisar os ex-votos – fotografias, peças de madeira, roupas, miniaturas de casas e/ou automóveis – que são deixados [no santuário] [...]" (Rocha; Barbosa, 2020, p. 376).

Figura 55 – Altar de São José, milagres e promessas



Fonte: Anjos, 2024

Muitas dessas peças e objetos depositados no Altar das Promessas são apresentadas durante as procissões em que os fiéis carregam em seus braços ou cabeça como sinal de agradecimento por bênção alcançada. Além dos elementos elencados no parágrafo anterior, nocaso do Santuário ribamarense destaca-se ainda os objetos feitos de cêra, em sua maioria são membros do corpo humano que estava com alguma enfermidade e, a partir de uma promessa feita ao santo alcançou-se a graça da recuperação. Aliado a isso há ainda aqueles que preferem "vestir"seus filhos com as vestes do santo, em homenagem e reconhecimento por graça alcançada (Figura 56).

Figura 56 – Fiéis homenageando São José de Ribamar durante procissão
(anos 1982 e 2023)



Fonte: SlzNostalgia.com, 2022; Imirante.com, 2023.

Outra prática característica local é o benzimento de objetos durante a missa e de veículos (Figuras 57 e 58) após as celebrações, ao lado da Igreja Matriz, compreendendo-o como uma forma de proteção e livramento contra acidentes ou outros infortúnios. Há um espaço nas dependências do Complexo reservado para essa atividade, denominada Área de Benzimento, que fica do lado direito do templo católico.

Figuras 57 e 58 – Bênção de Veículos após a Missa



Fonte: santuarioderibamar.org (2018).

Sobre esse aspecto, vale ressaltar a fala de Rocha e Barbosa (2020, p. 376) que anunciam:

> [...] O turista religioso, romeiro ou peregrino, em grande maioria das vezes, estabeleceuma relação de troca (simbólica) com a divindade que é venerada nos locais religiosos que são adjetivados também como turísticos. O fluxo de pessoas aos locais está associado à ideia de 'agradecimento' por objetivos alcançados, que vão desde a cura de doenças até a aprovação em concursos públicos ou a compra da casa ou automóvel próprio [o benzimento do veículo sintetiza o agradecimento ao santo pela conquista desse bem material] [...]

A Igreja Matriz pode ser relacionada a outros símbolos em sua ambiência, podendo gerar um roteiro. Um ponto de destaque no trabalho de Costa (2011) é a menção ao roteiro devocional, um conjunto de lugares que são visitados pelos fiéis romeiros. Em suas análises sobre o contexto cearense, o supracitado autor destaca a "Estátua de São Francisco como uma forma simbólica que dialoga com o símbolo maior do santuário que é a basílica, sendo um dos locais mais visitados na cidade." (Costa, 2011, p. 3). Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se estabelecera mesma dinâmica no santuário ribamarense onde o Monumento a São José de Ribamar (Figuras 59 e 60) está intimamente ligado à Igreja Matriz, apontada como o maior símbolo daquele espaço.

Figura 59 e 60 – Monumento a São José de Ribamar atualmente



Devido o seu formato circular e a pintura feita, o Monumento é popularmente chamado de "Bolo", sendo bem comum entre os citadinos essa designação.

Fonte: Anjos, 2024

Ao ser considerado o Monumento a São José nessa discussão, é preciso que se façam algumas ponderações quanto ao seu estado atual. Proclamado entre os sujeitos respondentes como um dos mais importantes elementos do Complexo (o segundo, atrás somente da igreja), essa forma simbólica espacial passa por uma reforma encabeçada pelo GovernoEstadual, mediante fortes clamores populares, do Ministério Público e indicações na Câmara de Vereadores. A situação de descaso pelo que passava a estátua foi alvo de reportagens e divulgação em blogs, jornais e outros meios informacionais, corroborando em sua interdição e melhorias infraestruturais (APÊNDICE C). A figura 61, abaixo, mostra a situação da obra arquitetônica no primeiro semestre de 2023.

Figura 61 – Conjunto de imagens sobre alguns danos encontrados na estrutura do Monumento



Fonte: Anjos, 2023.

Os movimentos feitos para a melhoria do lugar fizeram com que algumas ações fossem implementadas, dentre elas sua interdição. Assim, sabendo-se da significância do monumento para a comunidade católica residente e não residente no município, buscou-se saber qual a visão dos sujeitos em relação à interdição da obra, encontrando as seguintes declarações:

"Eu acredito que a reforma é uma boa, por ser um cartão-postal da cidade e do Santuário e símbolo de fé para muitos. Devemos ter o zelo e eu acredito que a reforma vem para agregar".

"Acho que tem que reformar para preservar, pois é um importante símbolo do lugar".

"É super válida, é necessário ser feito esses reparos para a maior valorização do local".

"É muito importante, pois é um ponto turístico e que precisa de segurança para as pessoas que visitam".

"Acredito que irá ficar ainda melhor e mais seguro para os visitantes".

De modo geral, a estátua de São José de Ribamar reflete a pujança católica, configurando-se num elemento identitário para os fiéis e romeiros, envolvendo não somente aspectos culturais, mas também sociais, principalmente entre os maranhenses. As palavras de Rocha e Barbosa (2020, p. 392) são propícias para esse ponto, pois de acordo com os pesquisadores, "[...] A estátua de Santa Rita de Cássia [na cidade de Santa Cruz, Rio Grande do Norte] é uma forma simbólica que ultrapassa o concreto e o aço de sua estrutura e consegue projetar, em nível local e regional, dinâmicas socioculturais, simbólico-devocionais e econômicas." Eis o mesmo processo verificado na cidade ribamarense, onde a estátua do santo padroeiro e sua representatividade transcendem a questão meramente construtiva, material.

Nesse contexto, abordando sobre "As formas simbólicas espaciais e a dinâmica da centralidade em Vitória", Zippinotti (2014) lança mão de um conjunto de formas simbólicas fixas presentes no centro da capital do Espírito Santo, ressaltando que esse espaço da cidade foi detentor da materialização de formas associadas à centralidade intraurbana. No decorrer de suas explanações, o autor reforça o papel das igrejas ao salientar que "[...] [elas] constituíam formas simbólicas que irradiavam signo de poder para o seu entorno mais imediato, fenômeno extensivo, em igual medida, a monumentos religiosos e demais espécies de formas simbólicas espaciais alocadas nesta parte da cidade [...]" (Zippinotti, 2014, p. 16). As ponderações feitas por Zippinotti também fazem sentido na dinâmica da cidade balneária São José de Ribamar, onde um conjunto de formas simbólicas espaciais, além da igreja matriz, estão alocadas na parte central, no core do município, o que denota não apenas uma visibilidade, mas também uma representação do poder religioso naquele lugar.

Para essa discussão, as respostas extraídas dos questionários aplicados com os diferentes sujeitos são importantes, uma vez que é possível estabelecer uma relação entre as formas simbólicas espaciais do Complexo com a religião católica, caracterizando-se, como enfatizado pela maioria dos respondentes, como um espaço de aprofundamento e vivência da fé. Entre os relatos podem-se destacar:

"Não é apenas um conjunto de imóveis, o Complexo é a história viva de um município pautadona fé. O Complexo para mim representa esperança, fé e devoção".

"Simboliza a nossa fé. Tendo a fé se renova o pensamento. Todos os símbolos renovam a fé".

"É um lugar de oração, de fé, da presença de Deus e da santa igreja".

"O Complexo representa um refúgio espiritual, um ambiente para a renovação e fortalecimento da fé".

"Representa um lugar de fé, devoção, onde eu cresci e pude saber e conhecer a fé católica, onde eu aprendi a ter uma devoção maior por São José. Então tudo que eu sei, e toda minha história passa pelo Santuário e sou muito feliz por isso. É um lugar muito especial para mim".

De modo geral, as respostas obtidas e apresentadas acima reforçam a religiosidade impregnada nas formas simbólicas espaciais do complexo arquitetônico-religioso. É possível evidenciar o caráter mítico presente no espaço e em suas formas, expressando um contato com Deus, a partir da intercessão do santo São José de Ribamar. As formas espaciais aí alocadas fulguram como um canal entre o homem e o seu Criador, tornando-se instrumentos de mediação na qual a fé (católica) assume papel central. (Figura 62).

Figura 62 – O Complexo do Santuário de São José de Ribamar



Fonte: Carvalho, 2021.

Nesse sentido, o complexo pode ser aferido como um elemento identitário dos religiosos, sobretudo dos que comungam da fé católica. A questão entre religião e identidade é expressa na pesquisa de Pita (2019) quando ela enfatiza a Basílica Santuário Senhor do Bonfim (em Salvador-BA) e a interferência que essa forma simbólica espacial gera no bairro onde está situada. Aoabordar as manifestações desenvolvidas pela referida igreja, a pesquisadora assim expressa: "[...] As manifestações culturais desenvolvidas pela Igreja e acolhida pela população residente,como a Lavagem do Bonfim, persiste no tempo e no espaço repleta de significados [...]" (Pita, 2019, p. 208).

Essa abordagem também pode se aproximar da realidade ribamarense, uma vez que uma manifestação religiosa de expoente força e mobilização da igreja é a Grande Romaria Caminho de São José na qual uma multidão de romeiros percorre mais de 20 km, pagando promessas ou mesmo louvando a Deus através do santo. Essa prática persiste por mais de 30 anos e envolve pessoas de diferentes faixas etárias e localidades, para além da Ilha do Maranhão. O percurso é marcado, além de louvores e momentos de oração, por reflexão da vida de São José, a partir de um conjunto de oito paradas/estações (as mesmas que estão dispostas no Caminho de São José - Praça Matriz do Santuário). (Figura 63).

Figura 63 - Parada para reflexão da Estação na Grande Romaria Caminho de São José



Fonte: santuarioderibamar.org, 2022.

Enveredando também sobre as representações identitárias, Costa (2011) apregoa a importância das representações simbólicas atinentes aos lugares sagrados, com destaque para os santuários cearenses de Canindé e Quixadá. O referido autor expõe que,

> A forte presença de elementos geossimbólicos confere aos santuários de Canindé e Quixadá, um sentido, uma identidade e também uma espiritualidade cuja culminância é revelada na criação de lugares repletos de representações simbólicas que engendram uma rede de significados e que estão associados a um ordenamento perene de fluxos e fixos, elementos determinantes para a organização desses lugares [...] (Costa, 2011,p. 59).

Essa compreensão também é pertinente ao Complexo do Santuário de São José de Ribamar, à medida em que esse lugar sagrado gera um fluxo contínuo a partir de seus fixos (as formas simbólicas espaciais), ordenando as atividades e impulsionando a visitação local e regional. Portanto, observa-se um ordenamento espacial marcado pela atividade religiosa e onde o indivíduo ou grupos de indivíduos atribui(em) significados que são "comunicados" e caracterizam o fiel católico. Assim, corrobora-se com a ideia de Rosendahl (2018) ao declarar que "Ao analisar as atividades das cidades de função religiosa, é preciso considerar dois aspectos: a sua organização espacial interna e o papel do agente modelador, no caso os peregrinos, através da vivência do espaço sagrado [...]"

Os significados atribuídos se dão com base na própria vivência e experiência de fé de cada indivíduo ao se "relacionar" com as formas simbólicas presentes no espaço sagrado; as formas, por sua vez, são carregadas de diferentes dimensões. Com seu trabalho intitulado "A relação entre espaço urbano, simbolismo e monumentos: o caso da 'Praça Brasil', em Volta Redonda/RJ", Morais (2016) evidencia as dimensões espaciais, simbólicas e políticas que permeiam a criação de monumentos no espaço urbano, pontuando que tais construções são portadoras de significados. Um ponto de destaque da obra é a relação estabelecida entre a forma fixa e sua representatividade, ou para ser mais direto, a forma e a construção de uma identidade a ela atrelada. Nas palavras do autor: "A análise da dimensão simbólica [...] deste monumento [a Praça Brasil] nos permite recompor a geografia-histórica da cidade [...] e compreender o processo de tentativa de construção de identidade brasileira da 'Era Vargas'[...]" (Morais, 2016, p. 163). Assim, erigir aquela praça significava evocar os valores de um país industrial e operário, marcas daquele governo, ou ainda, vislumbrar um futuro de desenvolvimento promissor.

A relação que o autor faz entre a referida Praça e a identidade que ela é capaz de gerar também ganha expressividade no estudo das formas alocadas no santuário ribamarense, uma vez que a partir da construção dessas formas fixas ressalta-se a identidade religiosa da cidade, pontuando-se o catolicismo como uma prática de destaque no cenário intraurbano. Esse caráter identitário é enfatizado em uma das respostas na qual um morador da cidade expõe: *"O Complexo do Santuário de São José de Ribamar é de grande importância, pois é um símbolo que representa a fé do povo ribamarense"*. Isso demonstra a dinâmica religiosa que envolve a cidade e aqueles que vêm ao lugar para pedir bênçãos e graças, sintetizando que "[...] no turismo religioso, a questão

cultural é presente, mas a força motriz são as motivações pessoais". (Bernardino; Galvão, 2021, p. 13).

Ainda que se trate de uma criação não religiosa, a análise feita por Morais (2016) sobre a Praça Brasil, localizada em Volta Redonda (RJ), traz grande subsídio à pesquisa sobre o complexo do santuário, pois as formas simbólicas espaciais ali presentes denotam uma série de significados e expressam dimensões para além do caráter e conteúdo simbólico. Como expõem Benardino e Galvão (2021, p. 2), "[...] Os santuários estão presentes na paisagem de várias cidades brasileiras e além de mostra da fé, revelam questões econômicas, políticas e culturais que podem interferir nas dinâmicas urbanas e regionais." Assim, entre outras dimensões que o complexo ribamarense é capaz de articular, destaca-se o aspecto econômico, pois verifica-se uma reconfiguração das próprias práticas de consumo no local, sobretudo nos momentos dedicados às festas do santo.

Nesse quesito, ao buscar estabelecer as possíveis relações entre a obra arquitetônica (com todo o dinamismo a ela atrelado – de pessoas, mercadorias, fiéis, consumidores) e as práticas de consumo, constata-se que: do total de turistas, uma pequena parcela não realiza nenhuma compra e a outra parte sempre compra algum artigo ou objeto nos arredores do Santuário. Entre os que realizam essa atividade, o consumo de artigos religiosos desponta (terços, fitas e camisas do santo, principalmente), o consumo de lanche e chapéu aparece com menos força entre os visitantes. Os estabelecimentos comerciais presentes no entorno da igreja são os mais acessados pelos turistas no qual a Casa dos Milagres se destaca como maior estabelecimento de consumo entre esse público. Em relação aos visitantes oriundos do próprio estado, todos consomem lanches ou artigos religiosos nos estabelecimentos próximos ao Complexo. Já entre os ribamarenses, todos têm o costume de comprar algum item, e as peças de devoção religiosa e artigos são os mais procurados. Cabe destacar que além desses produtos, acomunidade local também consome água de coco e lanches em geral com maior frequência.

> [...] A deposição da imagem sagrada e sua identificação e reconhecimento enquanto santuário, fixado no espaço o delimitando na condição de lugar sagrado, passa a atrair os fluxos, ou seja, as pessoas que buscam o encontro com o sagrado e paulatinamente,também pessoas na oferta de produtos e serviços para a promoção do encontro e bem-estar físico das pessoas [...] (Bernardino; Galvão, 2021, p. 6).

Esse apontamento é importante também para evidenciar se a localização do estabelecimento comercial contribui para uma melhoria nas vendas, se é capaz de atrair mais consumidores. Assim, pois, buscou-se saber se estar inserido no entorno do Complexo do Santuário colabora para a prática do consumo daqueles que vêm ao lugar e, consequentemente, para as arrecadações/lucros obtidos. Logo, a fala dos trabalhadores é basilar, podendo-se destacar:

"A localização do meu estabelecimento próximo ao Santuário é um fator positivo para as vendas devido ao movimento de pessoas que o santuário traz para o local".

"Estar localizado nesse espaço da cidade fica mais visível para as pessoas que chegam ao Santuário e isso é um ponto forte para as vendas".

"Porque o Complexo atrai visitantes que acabam consumindo nossas comidas típicas".

"As vezes o fluxo de pessoas é muito grande e se torna muito positivo às vendas".

"Porque nossos clientes vêm para a igreja e depois vem almoçar no nosso restaurante".

"As pessoas que passam por aqui são muitas. Vem gente de fora que encosta pra consumir".

Os vendedores foram unânimes ao destacar a importância de seu estabelecimento de trabalho estar próximo ao complexo, contribuindo significativamente para os lucros. É interessante ressaltar, com base nas respostas obtidas, que mesmo não contemplando artefatos ou objetos religiosos, muitos pontos comerciais conseguem um retorno financeiro positivo com a chegada dos visitantes que vem a esse lugar sagrado. Pelo fato de estar situado no núcleo da área central da cidade próximo a Praia de Banho (Figura 64) e ao Espigão, isso reforça ainda mais a prática do consumo de outros itens como água de coco, lanche, bebidas, refeições e até mesmo de pousada para permanência no lugar.

Figura 64 – Vista da Praia de Banho com a Igreja e com o Monumento



Fonte: Carvalho, 2022.

> [...] É ao redor do santuário desses núcleos que é organizada a vida urbana no tempo de festa ou tempo sagrado [...] Na organização espacial das cidades-santuário, encontra-se frequentemente um comércio anexo ao lugar de atividade religiosa, aquelede objetos da

> devoção do peregrino. Encontram-se também restaurantes, farmácias e comércio de artigos não religiosos. A presença dessas atividades qualifica o espaço profano das cidades-santuário. A cada fluxo concentrado de peregrinos, seja semanal,mensal ou anual, a vida urbana é recriada nas cidades-santuário. (Rosendahl, 2018, p. 61-62).

Esse destaque feito por Rosendahl (2018) evidencia a dinâmica dos visitantes e moradores para consumirem diferentes mercadorias que estão concentradas na Praça da Matrize em sua área adjacente, daí a importância de estar com sua venda localizada nessa área da cidade, principalmente nos períodos festivos. Alguns elementos ressaltados pela referida autora marcam a caracterização ao redor do Complexo do Santuário de São José de Ribamar como estabelecimentos comerciais diversificados, oferecendo diferentes produtos não somente religiosos, ou seja, "[...] as conexões entre economia e cultura estão presentes quando analisadas as relações entre o sagrado e o profano [...]" (Bernardino; Galvão, 2021, p. 15). A vida urbana ribamarense é recriada a partir dos fluxos concentrados de peregrinos de forma anual mais expressiva, sobretudo no núcleo da área central da cidade onde estão localizadas as formas simbólicas espaciais que compõem o complexo religioso.

A prática da visitação pode atrelar-se à permanência do visitante no local, portanto, destacar a relação visita-permanência é um ponto que merce ser enfatizado. Sendo assim, indagou-se ao representante religioso de que forma a paróquia tem se organizado para favorecer a permanência dos seus visitantes, ao que o sujeito da pesquisa respondeu:

"Uma coisa importante é a acolhida e a infraestrutura. Temos baterias boas de banheiros limpos, temos um padre de manhã e outro a tarde na Sala de Acolhida para atender confissões,conversas, temos muitas santas missas que acontecem, funcionários presentes, temos a igreja aberta, a Casa dos Milagres com muitos objetos religiosos... Então essa parte de acolhida ela favorece a vinda das pessoas; são as medidas que temos tomado além das celebrações, além das Pastorais dos leigos e leigas, das equipes de trabalho. Essa acolhida realizada diariamente favorece a visita das pessoas e a vontade de voltar aqui. Porque percebemos a cada festejo o número de pessoas crescendo".

A mesma pergunta foi direcionada ao representante do Poder Público Municipal com vistas a captar as atividades desenvolvidas pela Secretaria de Cultura e Turismo para que oturista permaneça no município. Assim, chegou-se a seguinte formulação:

"A visitação regional e nacional é benéfica para a cidade e o Poder Público Municipal tem garantido isso fomentando as áreas. O turista vem para uma atividade religiosa, mas também é oferecido a praia, por exemplo. Acabamos de inaugurar aqui na orla, na Praia de Banho, uma revitalização dessa área. Então isso, de uma certa forma colabora porque a pessoa vem pra assistir missas, mas também tem seu momento de lazer. Então temos trabalhado na padronização de barracas, de restaurantes; estamos trabalhando no atendimento ao público, então as pessoas que são da cidade vem e voltam para suas casas, mas aqueles que vem de foraque precisam ficar

num imóvel alugado ou hotel, vão encontrar bem próximos ao Complexo bares, restaurantes... A pessoa que vem de fora pode experimentar além da religiosidade todauma outra área na Beira-Mar (praia, bar, sol, restaurante)".

Figura 65 - Orla de São José de Ribamar com a presença de barracas, hotel Mediterrâneo (à esquerda) e a Igreja Matriz ao fundo



Fonte: Anjos, 2024.

A fala do Secretário de Cultura e Turismo do município traz para discussão aquilo que foi apregoado por Rosendahl (2018, p. 67) quando diz que "A cidade se organiza para os devotos. É preciso primeiramente dar condições de acesso ao lugar sagrado e, em seguida, alojar os peregrinos [...]" Ao fazer essa afirmação, a autora reporta-se as cidades-santuário de Meca (Arábia Saudita) e Lourdes (França) que apresentam sistemas religiosos diferentes e compreendem fluxos volumosos permanentes de visitantes, configurando-se com um nível de atração/recepção internacional. Com base no trabalho desenvolvido por Rosendahl (2018), nessas duas cidades estrangeiras a organização se dá com base nas condições de acesso e no alojamento dos visitantes (infraestrutura + alojamento).

Esse ponto é interessante, pois permite reflexões críticas quanto ao município ribamarense, uma vez que a questão do acesso é vista de maneira positiva pelos sujeitos investigados, mas o quesito alojamento é um elemento enfatizado de forma negativa pelos diferentes respondentes. Dados obtidos nos questionários mostram que a maior parcela de visitantes se aloja em casas de familiares e amigos, permanecendo por aproximadamente 1 dia. Há alguns que se hospedam em hotéis em São Luís e outros poucos em hotéis da própria cidade, permanecendo também apenas por um turno (preferencialmente pela manhã). Houve registro de pessoas que costumam ficar por um período de 1 mês, mas esse não é um número bem expressivo nas respostas.

Isso demonstra a necessidade da organização de serviços na cidade, a exemplo da rede hoteleira, uma vez que a quantidade de hotéis e pousadas ainda é pequena, dificultando uma maior estadia daquele que visita o espaço.

4.2.1 Um destaque ao Turismo Religioso na dinamização da cidade

O foco no turismo religioso se dá por perceber uma forte presença de pessoas advindas de outras regiões para além da cidade, dinamizando, principalmente, a área central onde estão presentes as formas simbólicas espaciais religiosas. Sendo assim, vale destacar alguns pontos sobre essa prática e esse segmento do turismo que é capaz de movimentar quase 18 milhões de pessoas por ano em todo o território nacional, segundo dados da Associação Brasileira de Empresas de Eventos (ABEOC Brasil) (2017).

A ideia de gratidão está associada intrinsecamente à prática turística religiosa e, as falas do reitor do santuário, do secretário de cultura e dos próprios turistas sinalizam para o agradecimento (de várias ordens) como vetor de suas visitações e permanências no lugar. Nesse sentido, a declaração de Oliveira (2004, p. 15, grifo nosso) é importante, ao realçar que: "Pessoas, famílias e povo peregrinam por motivos transcendentes à sua vontade. A **peregrinação**, portanto, não é uma escolha individual do sujeito peregrino, mas **uma retribuição** manifesta **desse sujeito à divindade (o santo) que o agraciou** [...]"

Como exposto ao longo dos capítulos, essa prática de retribuição das graças alcançadas por intermédio do santo é um ponto característico do santuário ribamarense no que tange às visitações que lá se realizam. Os objetos e materiais apresentados como ex-votos indicam a pluralidade de bênçãos alcançadas e a manifestação de gratidão daquele que foi agraciado pelas bênçãos divinas, a partir de suas preces oferecidas ao santo protetor.

No caso brasileiro, a atividade do turismo religioso está arraigada, expressivamente, a destinos católicos e de tradição católica e, no contexto ribamarense, esses dois pontos se entrecruzam, pois além de se constituir um destino católico (com um rol de atividades que favorecem a relação entre o homem e o santo – missas, procissões, romarias, novenas, ladainhas, adorações, shows religiosos) também se configura como um lugar de tradição católica (sobretudo pelos maranhenses) a partir da observância de um crescente número de visitações ao lugar desde o começo de sua história que, vale ressaltar, se deu em torno da religiosidade, do culto ao santo.

Esse cenário intraurbano da cidade de São José de Ribamar se enquadra na própria conformação do país que vê a mobilização devocional relacionada ao catolicismo, pois

> No Brasil, a fé católica em questão, dinamiza essa mobilização devocional em diferentes escalas do turismo religioso, podendo ser manifestada em grandes mobilizações massivas e coletivas – uma turismonumentalidade – até em deslocamentos de pequenos grupos individualizados por ritos muito particulares, como se imitasse uma mística em formação – uma fétur. (Oliveira, 2007, p. 5).

Nesse contexto, regiões como nordeste, norte e sudeste são capazes de envolver um significativo número de turistas religiosos, destacando-se no cenário brasileiro como grandes polos de atração de visitantes. As romarias direcionadas a Juazeiro do Norte (Ceará), tendo como central a figura do Padre Cícero, as movimentações em direção a festa do Círio de Nazaré, em Belém (Pará) e os fluxos à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte (São Paulo) são exemplos dessa conjuntura, como apontam Rocha e Barbosa (2020). Cabe ressaltar que há um número maior de destinos católicos no Brasil, em diferentes municípios da federação, mas os três aqui destacados servem para ilustrar a atividade desenvolvida em diferentes regiões e por sua divulgação crescente.

Em se tratando do turismo religioso local, a fala do padre reitor do santuário merece ser destacada, uma vez que a propulsão de visitantes ao Complexo é uma marca da cidade:

"O Complexo Santuário é o coração do turismo aqui e também das pessoas que vem a cidade que são motivadas pelo Santuário. Muitos turistas que vem a São Luís, vem a São José de Ribamar, vem por causa do santo, por causa do Santuário. Então eu acho que o Complexo é um propulsor assim de atividades em muitos sentidos (do turismo, da cultura, da interação das pessoas e também da fé e religião). O santuário exerce um papel importante, quer seja na sua dinâmica diária (todos os dias tem turistas passando aqui, principalmente aos domingos); vem gente de São Paulo, Rio de Janeiro, Pará e de muitas cidades do Maranhão. Então eu costumo dizer que o Santuário não é mais só nosso aqui da cidade, ele é de todo o Estado e tá se tornando cada vez mais um Santuário do Brasil, por isso requer mais atenção, não apenas da Igreja, mas também dos Poderes Públicos, por ser um local que atende também culturalmente, atende a turistas e tantas outras pessoas".

Essa declaração reforça a importância da obra arquitetônica e o cuidado que se deve ter com a mesma, envolvendo diferentes setores – Igreja Católica, Poder Público Municipal, Turistas, Moradores. Expressa ainda o alcance que a mesma é capaz de gerar, indo para além de seus munícipes. A atividade turística no lugar expõe variadas motivações e está permeada pelos sentimentos, pela ideia do imaginário, da identidade com o lugar sagrado.

A constituição do atrativo religioso perpassa pelo valor dado ao imaginário, às questões das lembranças e recordações, sendo difícil dissociá-los das práticas do turismo religioso. Sobre esse quesito, as falas de Rocha e Barbosa (2020, p. 377) são expressivas ao destacarem que "É impossível negar o apelo ao imaginário religioso que tais destinos despertam nos viajantes. Uma rocha, um tronco de árvore ou uma estátua, independentemente de sua forma material, que ornamentam os santuários são, em certa medida, desenhados como 'atrativos'".

Sendo assim, faz-se importante destacar o apego do visitante com a forma simbólica espacial, em termos de lembranças e sensações que este sujeito tem para com o santuário ou que o santuário é capaz de despertar nele. Os objetos (formas simbólicas) do Santuário de São José de Ribamar denotam a carga do imaginário mítico-religioso do lugar. Em termos de sensações, os sujeitos da pesquisa destacaram com mais ênfase: tranquilidade, paz, alegria, gratidão, acolhimento, nostalgia.

Em relação ao aspecto dos sentimentos envolvidos com as formas simbólicas do complexo religioso ribamarense, pode-se destacar as seguintes ponderações feitas pelos visitantes e moradores locais no que tange às suas recordações e lembranças:

"Tenho lembranças boas da infância".

"Recordo muito da minha mãe, da minha família e quando ainda era criança".

"Lembro sempre da minha família e isso me deixa emocionada".

"Lembro muito bem dos meus pais, da fé que eles tinham em São José de Ribamar".

"Relembro bem dos meus avós e pais que iam pagar promessas no festejo e traziam utensílios, brinquedos de barro para eu brincar com meus irmãos e amigos".

"Recordo do meu batizado na igreja quando criança. Lembro da estátua da Sagrada Família que existia na frente da igreja, da praça e das flores nas redondezas".

"Tenho várias recordações, mas uma que sempre marca é a chegada do Acampamento da Juventude que é um retiro na Semana Santa, que reúne vários jovens e, ao final, voltamos em direção ao Santuário cantando e louvando; e claro, o Festejo de setembro com a marcante Romaria de São José, onde você vê realmente a fé e devoção das pessoas. É uma das coisas mais marcantes pra mim particularmente".

As pessoas recordam muito a infância e as relações familiares envoltas no contexto religioso que o complexo opera, além de resgates da própria paisagem do lugar em períodos pretéritos. Aliado a isso também se tem a marca da religiosidade do conjunto arquitetônico quando os respondentes relacionam os elementos do santuário à vivência da fé católica, aos momentos celebrativos, de missas, festejos, eventos e retiros juvenis.

Toda essa caracterização reforça as declarações feitas por Rosendahl (2018, p. 73, grifo nosso), ao expressar que:

> No Brasil, há um conjunto considerável de centros religiosos que merecem estudos que contribuam para o conhecimento do espaço sagrado e do tempo sagrado. Sugerem-se análises aprofundadas das formas espaciais produzidas por agentes sociais concretos, os agentes religiosos especializados e os não especializados, reconhecendo-se **a organização espacial em razão da valorização que o sagrado impõe ao lugar**.

A importância dada ao espaço sagrado na/para organização espacial ribamarense pode ser relacionada a própria presença do Complexo no município (que foi destacado por um vendedor local como elemento indispensável para o lugar, correndo o risco de até mesmo não se ter turistas na localidade) e, por isso, questionou-se aos agentes bem informados da pesquisa sobre o papel e a importância do Complexo religioso para a dinâmica da cidade, obtendo-se a seguinte resposta:

"Com certeza o Santuário e o Festejo apresentam uma nova dinâmica para o município. Só quem participa dessas atividades vai entender a emoção do que é estar na Praça da Matriz com mais de 10.000 pessoas, você olhar para o lado e ver aquele mar de gente, você se sente tocado, você sente a emoção; você vem e volta uma outra pessoa para casa. Então essa visitação no Festejo na qual as pessoas buscam os elementos do Complexo, as pessoas se sentem tocadas, elas vêm apresentar seus anseios, agradecer e pagar suas promessas porque muitas pessoas, um dos objetivos principais da romaria é o pagamento da promessa, são as pessoas que foram abençoadas. E é muito interessante você vê na romaria muitas pessoas carregando uma maquetede uma casa na cabeça, carregando uns objetos com as quais elas foram agraciadas. Então a visitação ao Santuário no período do festejo traz essa mudança na população e, a partir do momento em que eu mudo a concepção das pessoas eu tenho um nova dinâmica na cidade (eutenho um Restaurante então eu vou me programar), ou seja, a cidade muda em função do festejo que movimenta o Santuário, pessoas alugam quartos, os hotéis lotam... Então isso gera renda e toda a dinâmica da cidade muda em função do Festejo, pelo menos na área da Sede, na área Central onde está o Complexo". (Secretário Municipal de Cultura e Turismo).

Essa declaração feita pelo Secretário Municipal de Cultura e Turismo reforça as ordens e reordenamentos que podem ser percebidos no cenário intraurbano no período do festejo do santo (expressivamente aquele realizado anualmente em setembro), com foco na área central da cidade que passa a envolver um número significativo de fluxos, de pessoas que vêm de diferentes localidades e regiões.

O estudo desenvolvido por Bernardino e Galvão (2021, p. 6) demonstrou que "Os Santuários [de Frei Damião, na Paraíba; Santa Rita de Cássia, no Rio Grande do Norte e Padre Cícero, no Ceará] atraem pessoas para visitação vindas das cidades em seu entorno, como também dos estados vizinhos [...]" e no contexto ribamarense acompanha-se essa mesma configuração, pois os questionários apontaram a presença massiva de pessoas vindo das regiões norte e nordeste, de estados mais próximos como Pará, Piauí, Ceará e Pernambuco, respectivamente. Os visitantes de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Mato Grosso e Amazonas vêm em menor escala, sobretudo nos períodos festivos do santo (assim como acontece nos três santuários estudados pelos autores acima). O Santuário de São José de Ribamar é bem frequentado pelos maranhenses advindos, principalmente, de cidades do interior do estado como Santa Rita, Humberto de Campos, Icatu e Rosário. O número de visitantes que moram nos demais municípios localizados na Ilha do Maranhão (São Luís, Paço do Lumiar e Raposa) vêm em menor quantidade, encontrando-se uma

menor parcela de raposenses.

Atrelada a essa questão, a resposta dada pelo Historiador da cidade merece ser enfatizada, pois de acordo com ele:

"O Complexo influencia muito na dinâmica da cidade, mas ela não dispõe de uma quantidade hoteleira que resolva abrigar essas pessoas que queiram passar mais dias aqui. Então o que acontece: as pessoas vêm aqui, nos ônibus e vans, e logo em seguida vão embora porque a parte hoteleira deixa muito a desejar, temos pouquinho mesmo sendo um dificultador para o turista que quer passar uma noite. Vem gente de muitos lugares diferentes e isso beneficia a área do centro da cidade; já vieram pessoas de Portugal, Espanha, Inglaterra (o Livro de Visitação do Centro de Cultura reforça essa informação)".

O relato do pesquisador, acima apresentado, traz à tona a importância dos investimentos e parcerias entre os diferentes setores da cidade, envolvendo Prefeitura, Paróquia, Empresários que devem pontuar ações de melhorias em muitos quesitos, a exemplo da rede hoteleira que é deficitária. O número de estabelecimentos nesse segmento não é muito representativo, o que contribui para uma menor estadia de visitantes no local; como já foi evidenciado, a maioria dos visitantes ficam alojados ou hospedados em casa de parentes e amigos. Com a ampliação do principal festejo do santo no mês de setembro (de 10 dias para 30 dias) essa questão do alojamento é mais crucial ainda, tendo em vista que pretende-se envolver os fiéis e romeiros por um maior período nas atividades relacionadas a religiosidade e também para aproveitar as belezas naturais nesse ponto da cidade.

Caminhando nessa discussão sobre a importância da obra arquitetônica para a dinâmica da cidade, indagou-se aos trabalhadores dos diferentes ramos (que atuam nas proximidades do Santuário) se o Complexo religioso influencia no seu trabalho e de que forma essa influência é exercida. Tal apontamento gerou diferentes respostas e interpretações dentre as quais podemos citar:

"Através do Santuário movimenta o turismo e acaba melhorando e impulsionando as vendas. As pessoas vem visitar a cidade e encostam no estabelecimento".

"O Complexo influencia por conta do turismo religioso. As praias não são acolhedoras; o turismo religioso é que desponta".

"Após as missas sempre recebemos os turistas e os moradores da cidade".

"Aqui na porta da igreja tem devotos que visitam e compram minhas mercadorias. Aqui é o cartão-postal da cidade; o Complexo é muito visitado".

"Sem o complexo não haveria turistas. A obra infraestrutural possibilitou outras reformas nos

arredores (o espigão, por exemplo)".

"O Santuário influencia minha atividade porque através dele tem as visitações dos turistas, por ser um importante ponto de visitação e se ele fechasse ia cair as vendas".

Alguns pontos chamam a atenção na fala dos respondentes, a começar pelo fato de apontarem a grande contribuição do turismo religioso para a movimentação e permanência de suas atividades. Assim, tem-se a questão da força da religiosidade católica capaz de atrair diferentes sujeitos de vários cantos do país nos eventos religiosos e de sua permanência na cidade para conhecer outras áreas (a Praia de Banho é um dos pontos mais citados).

Sobre esse aspecto, a fala do padre reitor do Santuário também pode ser destacada:

"Vejo um crescimento importante nesse sentido religioso e também no campo da fé e na economia; durante o festejo a cidade inteira, lojas, comércios, bancas, ruas paralelas ao Santuário e também na grande Avenida Gonçalves Dias eles vendem bastante, tem a contratação de funcionários temporários, muitas pequenas vendas se abrem, abrindo-se a oportunidade também de ganho financeiro. Aumenta o turismo, aumentam os gastos na cidade,a Prefeitura deve arrecadar um pouco mais de impostos. Então eu vejo que o Complexo do Santuário influencia em termo de cultura, de fé, de turismo, de economia". (padre reitor do Santuário).

Há também entre os respondentes um destaque sobre o Complexo ser capaz de mobilizar algumas reformas e reparos nas áreas em seu entorno, como a revitalização do Cais da cidade (Espigão) (Figura 66) e a construção e reformas do Parque Municipal do Folclore Therezinha Jansen, localizado ao lado do Monumento de São José de Ribamar, na Avenida Beira-Mar (Figura 67). Esse espaço é utilizado para realização de festas da cidade, a exemplo do tradicional Carnaval Lava-Pratos e do Lava-Bois.

Figura 66 – Revitalização do Cais de São José de Ribamar



Fonte: Castro, 2018.

Figura 67 – Parque Municipal do Folclore Therezinha Jansen na área central da cidade



Fonte: saojosederibamar.ma.gov.br, 2023.

Como bem enfatizado pelos diferentes sujeitos indagados, a prática turística é um elemento central nessa discussão, sendo capaz de influenciar diretamente não apenas as atividades comerciais, mas a própria dinâmica do núcleo da área central e da cidade como um todo. A força exercida pelo turismo religioso no local é uma questão crítica-reflexiva capaz deenvolver em sua

análise um conjunto de elementos. Assim, é possível definir São José de Ribamar como uma cidade-santuário, marcada por uma periodicidade de tempos e rituais sagrados, a exemplo do que fez Costa (2009) ao analisar a cidade cearense de Canindé. Em suapesquisa, o autor buscou entender a lógica espacial e temporal do mais antigo centro de peregrinação do Ceará e salienta aquele lugar como "*lócus* de atividades associadas ao sagrado"(Costa, 2009, p. 1).

Essa caracterização é um retrato do município maranhense em estudo, uma vez que as atividades ligadas à religião católica despontam como uma marca no contexto intraurbano. Pode-se relacionar a questão religiosa e sua forte influência no turismo local, a exemplo do trabalho de Ferretti (2008) que enfatiza a cidade de São José de Ribamar como um "Roteiro da Fé no Maranhão", dando destaque a romaria do santo. A romaria, como destaca o referido autor,"[...] se organiza como peregrinação a um local considerado sagrado". (Ferretti, 2008, p. 1).

Figuras 68 e 69 – Procissão e Missa de Encerramento do Festejo do santo em 2023



Fonte: Anjos, 2023.

Essa citada atividade turística é um ponto basilar no contexto intraurbano ribamarense, configurando-se um elemento propulsor de novas dinâmicas no espaço urbano. O turismo religioso, impulsionado pela prática da religião e da fé, favorece uma dinamização de atividades em outros setores, como o econômico. Logo,

> O turismo religioso desperta interesse, por mesclar algo inusitado, ou seja, a ideia do sagrado, que pode ultrapassar a dimensão da fé e/ou mesmo alavancar o setor terciário em cidades do Nordeste, a partir de uma rede urbana que se configura para permitir uma maior difusão e acesso ao sagrado, colocando esses lugares no processo de turistificação [...] (Bernardino; Galvão, 2021, p. 14).

Nessa conjuntura, a fala pronunciada pelo Secretário de Cultura e Turismo da cidade ressalta essa caracterização religiosa católica do povo nordestino e a relação que há entre o turismo religioso e o fator econômico local, apregoando ainda como se dá esse processo de turistificação local, despontado como cidade de forte teor no segmento do turismo religioso. Assim, "[...] Demandas espaciais que o fenômeno religioso insere no espaço urbano e imprime marcas na paisagem, bem como essas marcas espaciais do sagrado podem insuflar setores econômicos quando leva as cidades a se estruturarem para o fomento do turismo religioso [...]" (Bernardino; Galvão, 2021, p. 7).

Nas palavras do representante do Poder Público Municipal pode-se destacar:

"Há um advento do turismo religioso na cidade e com esse advento há a preocupação de sempre estar ligado com o novo, além de proporcionar aos visitantes um segmento que não é tão explorado em outros municípios, apesar de que o Brasil e o nordeste têm uma fé religiosa cristã, principalmente, muito grande, mas Ribamar agrega três grandes religiões dentro do Cristianismo: temos uma força muito grande do Catolicismo, do Protestantismo e das Casas de Matrizes Africanas. mas especificamente o município leva o nome de um santo, São José de Ribamar, isso por si só já traz muita atração turística pra cá; então nós temos romeiros, visitantes... O nome da cidade foi construído em cima de um possível milagre que data do início do século XVII onde o capitão e a tripulação se apegou muito ao santo. Então você vê que a história é muito religiosa e com isso criou-se uma expectativa, tanto é que nós temos um Santuário, temos uma imagem, temos festejos e isso traz romeiros que vêm para cá o ano inteiro. Então a partir do momento em que você tem um público vindo pra Ribamar, o turismo religioso tem que ser olhado com carinho, porque isso gera renda, emprego, serviços diretos e indiretos e deixa aqui no município recursos financeiros para que o município possa se desenvolver".

Relacionada a essa questão, ao ser indagado sobre as ações que vêm sendo desempenhadas pelo poder público municipal para garantir e implementar esse segmento turístico na cidade, o Secretário de Cultura e Turismo relata:

"O Poder Público se mostra sempre presente tanto que em 2023 realizamos o primeiro Seminário de Turismo Religioso em Ribamar (APÊNDICE F) em parceria com a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) no qual o propósito principal do evento foi de difundir e desmitificar a religiosidade e o turismo visto que ambos podem trabalhar lado a lado. Além da realização da Via Sacra, pois temos um município tão religioso, seguindo o modelo de São Luís que já pratica essa mesma atividade há 42 anos no bairro do Anjo da Guarda, então São José de Ribamar também nos 2 últimos anos realiza e isso movimenta muita gente que vem assistir o espetáculo a céu aberto. A prefeitura também sempre apoiou os festejos (março e setembro, na Igreja Católica)... Dessa forma a prefeitura trabalha para a manutenção do turismo religioso[17]".

[17] O Secretário de Cultura e Turismo ainda comentou sobre as ações desenvolvidas em torno das atividades protestantes e de matrizes africanas. No que tange ao protestantismo, o poder público municipal apoiou a criação da lei que institui o dia 31 de outubro como o Dia do Evangélico, apoiando ativamente um grande evento que aconteceu nesse dia, na Praça da Bíblia da cidade. Em relação às religiões de matrizes africanas, o agente bem informado relatou sobre a abertura do Carnaval através da Lavagem e o Banho de Axé em que se pede proteção para que o evento seja tranquilo, isso valoriza as Casas de Matrizes Africanas.

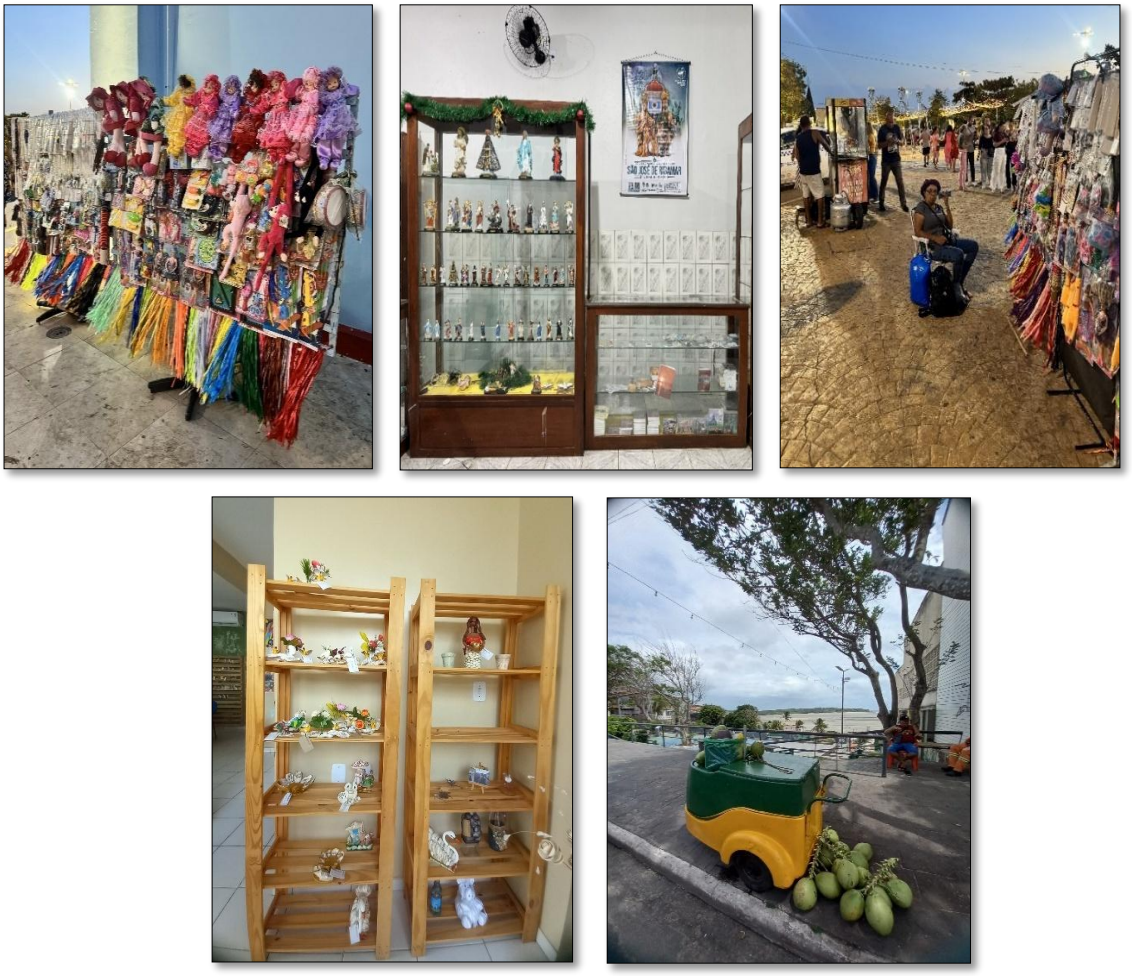
Com toda essa significância do turismo religioso no lugar, a questão da divulgação do mesmo é basilar e por isso questionou-se sobre o marketing turístico para atrair visitantes ao local. Nesse quesito, o agente bem informado relatou o seguinte:

"O marketing turístico é feito através de propagandas, principalmente mídias digitais, chamando a população e especificamente no turismo religioso são mostradas as atividades e ajudando a convocar. Ribamar é um interior, apesar de estar ao lado da capital, mas aqui ainda funciona muito a Rádio e o Carro de som, então a gente tá sempre convocando as pessoas para participar, a gente promove blitz do turismo, faz panfletagem junto as pessoas (em praiae aeroporto), dentro do nosso orçamento, pois a gente não consegue fazer propaganda televisiva, mas dentro de nossas limitações temos feito ações de marketing para que as pessoas venham para o município".

Sendo assim, é plausivo mencionar as vantagens trazidas pelo segmento turístico, então outra pergunta direcionada foi a que trata sobre os principais benefícios que o turismo religioso pode promover à igreja católica e à comunidade local, a qual chegou-se a seguinte resposta:

"Principalmente na geração de emprego e renda porque você tem muita coisa associada ao redor da igreja católica, você tem vendedores ambulantes, você tem vendedores de água de coco, de água mineral, tem os vendedores de souvenirs, tem os restaurantes, as pessoas vêm para as missas e depois consomem num restaurante. Por exemplo, um ponto alto na nossa tradição católica do turismo religioso é a bênção de veículos. Então muita gente afirma que o seguro do veículo é vir em Ribamar para o padre abençoar, benzer o carro. Então quando as pessoas vêm buscar isso elas terminam almoçando num restaurante da praia, num hotel, comprando um souvenir, uma água de coco, uma camisa do santo. Então todo esse dinheiro que é deixadona cidade ele se reverte de forma positiva. Além de lotar a igreja, possibilitando a arrecadaçãoao santuário através dos dízimos e óbvio que tem a questão da promoção, muitas vezes há o testemunho de pessoas que nem eram tão religiosas, mas acharam tão bonito que começaram a frequentar as missas e se convertendo. Então se tem esse outro efeito positivo que é todo esse clima de religiosidade que atrai pessoas para a religião e, consequentemente, se tem um público maior na cidade". (Secretário de Cultura e Turismo).

Figura 70 - Venda de diferentes produtos nas proximidades do santuário



Fonte: Anjos, 2024

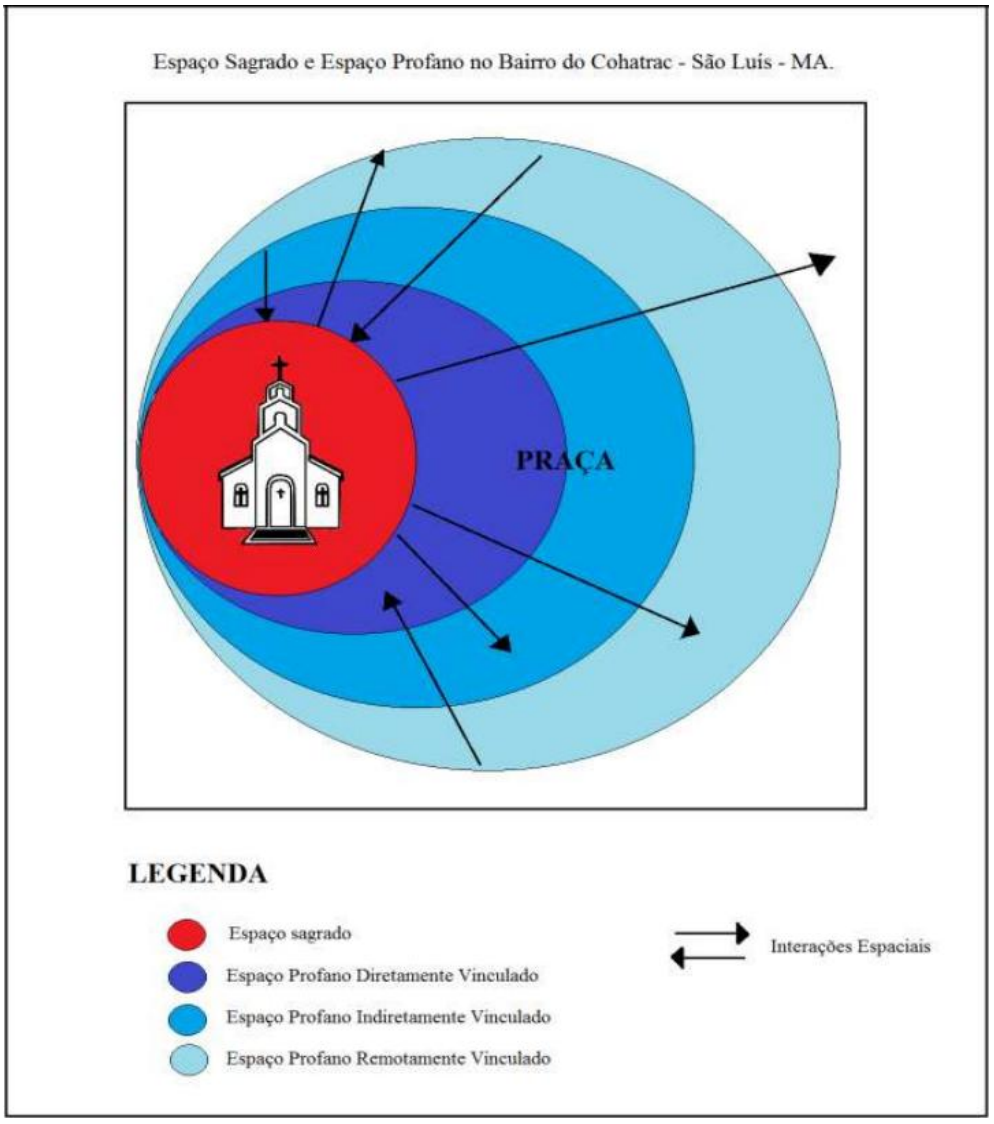
Toda essa dinamicidade ressaltada na fala dos diferentes personagens, na escala intraurbana da cidade ribamarense, reforça a configuração do espaço urbano em que há uma divisão funcional nessa cidade-santuário, especificando-se as áreas para o desenvolvimento de diferentes atividades que se relacionam ao campo religioso e para além dele. Nessa vertente, Rosendahl (2018, p. 68, grifo nosso) ressalta:

> [...] a divisão funcional nessas cidades, seja do islamismo [Meca] ou do catolicismo [Lourdes] envolve uma organização espacial altamente formal. Como área focal, está o **espaço sagrado**, no qual se realiza o contato do peregrino com o seu Deus. Ao redor do espaço sagrado estendem-se as atividades auxiliares associadas ao peregrino, atividades que definem o **espaço profano**. Nele estão as atividades de alojamento para os visitantes, comércio de artigos religiosos e demais serviços destinados ao grande número de peregrinos [...]

O estudo de Rosendahl (2018) destaca essas duas cidades-santuário do catolicismo e do islamismo, que possuem uma organização espacial altamente formal em que se observa dois espaços específicos: um sagrado (onde se realiza o contato do peregrino com o seu Deus) e um

profano (ao redor do espaço sagrado onde desenvolvem-se as atividades auxiliares ligadas ao peregrino). Partindo-se dessa análise e tratando-se de uma realidade mais próxima ao objeto de estudo dessa pesquisa recorre-se a Sousa (2017) que faz uma caracterização do Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, no bairro Cohatrac em São Luís do Maranhão e expressa como espaço sagrado principal a área da Igreja Católica da referida santa, o espaço sagrado secundário formado pela praça em frente a igreja com funções religiosas e como espaço profano diretamente vinculado ao espaço sagrado tem-se a mesma praça, pois são realizadas atividades festivas da santa, com a proliferação de vendas de artigos religiosos, lanche, artesanato. O espaço profano indiretamente vinculado ao espaço sagrado é representado pelas áreas residenciais, comerciais e de lazer, áreas direcionadas aos moradores da cidade. A zona característica do espaço profano remotamente vinculado ao sagrado contempla a área residencial mais distante do templo católico.

Figura 71 – Espaço sagrado e espaço profano no bairro Cohatrac - São Luís/MA

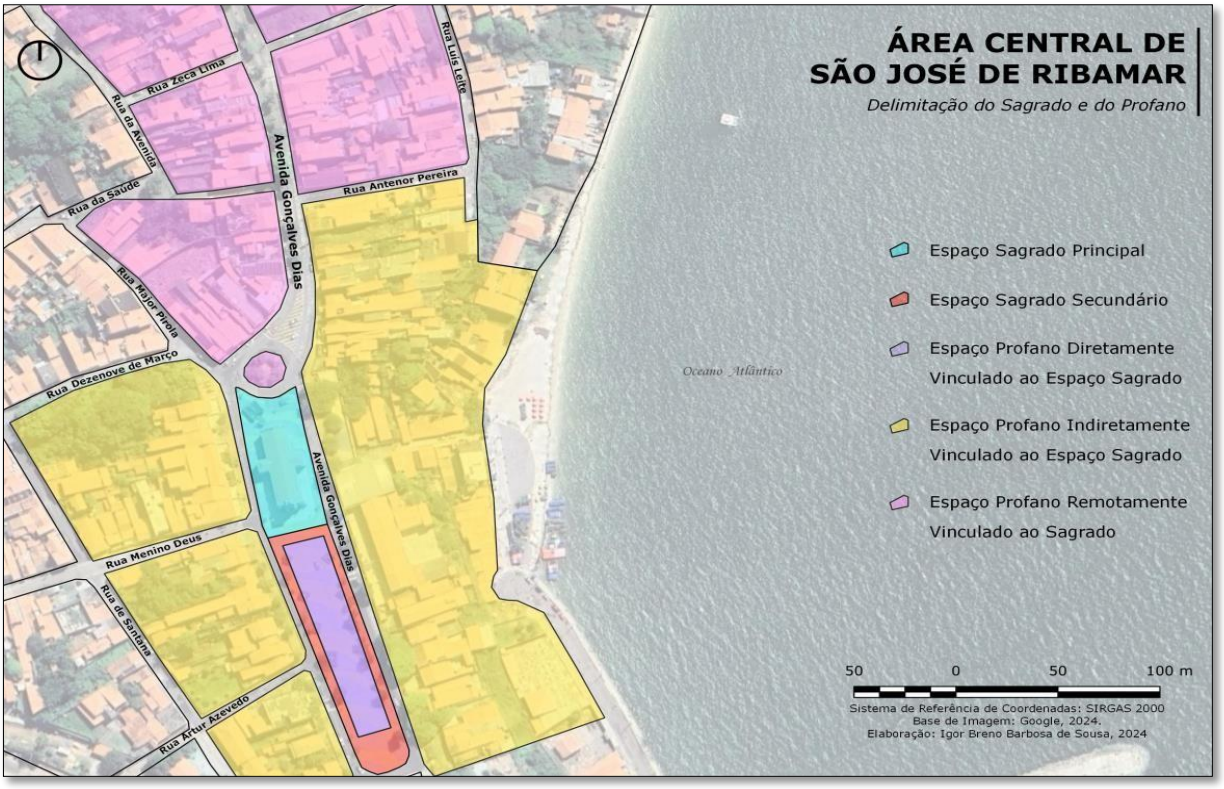


Fonte: Sousa, 2017.

Perseguindo nessa análise, apoiado em Rosendahl (1999), Sousa (2017) e Eliade (1996, p. 17) que diz que "[...] o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano [...]", pode-se caracterizar o espaço sagrado e o profano de São José de Ribamar da seguinte forma: Espaço sagrado principal – área onde está assentada a Igreja Matriz; Espaço sagrado secundário – Praça da Matriz e Concha Acústica (principalmente), além das demais formas simbólicas espaciais (Gruta de Lourdes, Monumento, Casa das Velas, Museu dos Ex-votos); Espaço profano diretamente vinculado ao espaço sagrado – Praça da Matriz, devido a concentração de barracas de vendas diversas (refeições, bebidas, lanches, artigos religiosos); Espaço profano indiretamente vinculado ao espaço sagrado – áreas residenciais próximas ao Complexo, serviços de educação (Colégio Patronato, Instituto Educacional Drª Marlene Costa Machado) e saúde (Unidade Básica de Saúde Honório Gomes), áreas de comércio (atrás da Igreja Matriz, ao longo da Avenida Gonçalves Dias); Espaço profano remotamente vinculado ao sagrado – áreas residenciais mais distantes daIgreja Matriz, aquelas localizadas para além do núcleo da área central da cidade. (Figura 72).

> [...] a dimensão Simbólico-devocional, aborda, sobretudo as relações que as pessoas estabelecem com as paisagens, entendendo estas como uma entidade mediadora do sagrado. Entender a paisagem sob tal perspectiva é assumir os papeis sagrados e profanos que envolvem localidades católicas e suas respectivas marcas paisagísticas [...] (Rocha; Barbosa, 2020, p. 382).

Figura 72 – Delimitação do espaço sagrado e do profano na área central de São José de Ribamar



Fonte: Sousa, 2024.

Com o crescimento de romeiros e devotos vale refletir de que forma eles têm contato com o complexo, como o conheceram ou ouviram falar desse conjunto religioso. Essa pergunta é capaz de gerar uma série de diferentes respostas, constituindo-se um ponto particular atinente a cada pessoa que chega ao lugar sagrado. Sendo assim, ao serem indagados como souberam da existência do complexo do santuário ribamarense, a maioria dos turistas apontou a influência de familiares, seguido de indicação de amigos. Há aqueles que ouviram notícias na TV ou através de mídias sociais (instagram da paróquia) a respeito do complexo e das atividades nele realizadas.

Nesse sentido, o reitor do Santuário de São José de Ribamar destaca a Rádio Educadora do Maranhão, a TV Nazaré, o Jornal da Arquidiocese e as mídias sociais(Facebook e Instagram) como propulsoras da divulgação da área (APÊNDICE E). O padre assim expõe:

> *"Temos também o Jornal da Arquidiocese no qual tem uma parte chamada 'O Carpinteiro' onde sempre tem os eventos do Santuário passados e futuros. Esses veículos: jornal, tv, rádio e as mídias sociais divulgam o Complexo. Há um grupo de paroquianos que pesquisam e divulgam os eventos paroquiais. Eu posso dizer que o crescimento de pessoas se dá também não só pela acolhida, mas também pela divulgação [...]"*

Figura 73 – Jornal do Maranhão com seção "O Carpinteiro"



Fonte: Anjos, 2024.

Em referência ao aspecto econômico, os períodos de festejo do santo (em setembro), férias, fim de ano e dia das mães foram apontados como os mais representativos para as vendas dos diferentes profissionais investigados. Vê-se mais uma vez o destaque dado ao aparato religioso,

pois nesse santuário acontece uma das maiores e mais importantes festas do estado, capaz de envolver um significativo número de católicos. Esse ponto é importante também por que a grande maioria dos turistas preferem os períodos festivos do santo para fazer suas visitas,orações, preces e agradecimentos. Os meses de setembro e março aparecem com mais ênfase na escolha dos turistas ao complexo.

Seguindo essa linha de análise, alguns estudos focam na questão da visitação aos diferentes centros religiosos do mundo, a exemplo de Rosendahl (2018) que caracteriza o Santuário de Lourdes, na França, com distintos períodos de visitação. Assim, a supracitada autora destaca:

> A peregrinação a Lourdes é marcada por períodos de alta e de baixa concentração de peregrinos, havendo três fases: uma primeira, de pouco movimento, que ocorre nos meses de novembro a fevereiro; uma segunda, de crescimento do número de peregrinos, que se estende de março a junho; e a terceira, correspondente ao período de maior concentração de peregrinos durante os meses de julho, agosto, setembro e outubro [...](Rosendahl, 2018, p. 67)

Essa mesma gradação pode ser comparada à São José de Ribamar onde se pode observar três principais momentos de visitação pelos fiéis: 1º momento: pouco movimento – de outubro a fevereiro, englobando também o final de março, abril, maio, junho e julho; 2º momento: visitação média com aumento no número de visitantes/peregrinos – mês de março, sobretudo entre os dias 10 e 19; 3º momento: maior concentração de peregrinos – todo o mês de setembro, principalmente os últimos dias. Tais fluxos relacionam-se às principais festividades em honra ao santo ("Novenário a São José"em março e o "Grande Festejo de São José de Ribamar" em setembro. O "Tríduo de São José",celebrado entre o final de abril e início de maio ainda não se configura como um período de muita atração de visitantes e peregrinos, embora o número de celebrações e o formato das mesmas tenham sido ampliados).

> A complexidade funcional das cidades do mundo moderno tem na grande divisão territorial do trabalho a sua maior expressão. Há, de um lado, cidades centrais, de distribuição de produtos industrializados e prestação de serviços, cidades hierarquizadas entre si e, de outro, **cidades especializadas** como as cidades-portuária, cidades- industriais, cidades-administrativas, cidades de recreação, cidades-universitárias e **cidades-religiosas**, entre outras [...] (Rosendahl, 2018, p. 59, grifo nosso).

As cidades-religiosas pertencem ao grupo das cidades especializadas, possuindo atividades específicas com padrão de localização próprio. Nesse prisma, São José de Ribamar enquanto cidade-santuário enquadra-se nesse grupo, onde as atividades religiosas (associadas a fé católica) se ressaltam. Seu padrão de localização propicia um número expressivo de visitações ao longo do ano, concentrando-se nos períodos de festividades do santo (março e setembro - principalmente nesse último mês - como enfatizado no parágrafo anterior).

Nesse sentido, Rosendal (2018, p. 60-61) ainda salienta que:

> O deslocamento dos peregrinos para o exercício de sua religião pode apresentar-se de duas maneiras: a primeira envolve um fluxo permanente enquanto a outra um fluxo periódico de peregrinos [...] cidades-santuário de fluxo periódico são aquelas em que a prática religiosa implica a ida em certas ocasiões, geralmente uma ou duas vezes por ano, coincidindo com os dias de festividades [...]

Nesse bojo, São José de Ribamar se caracteriza como um polo religioso marcado pela visitação anual de diferentes pessoas, de diversas partes do Brasil, configurando-se numa cidade-santuário de fluxo periódico, pois pode-se ressaltar que o maior número devisitação ocorre nos períodos festivos religiosos, onde o Grande Festejo do santo (realizado durante todo o mês de setembro) se sobressai aos demais, aumentando nos 10 últimos dias do referido mês e sobressaltando-se nos dois últimos dias da festa.

A pujança de romeiros e devotos movimentando a cidade pode ser realçada nos dois meses supracitados e a própria paróquia tem se organizado para prover uma maior participação dos fiéis, como o aumento do número de dias festivos, de celebrações, de romarias e de maior atendimento às confissões. De acordo com o diretor religioso paroquial:

"A festa de março que se ampliou para 10 dias, se tornou uma grande festa. O povo vem participar das missas e procissão. Vem numerosas, vem pagar promessas, já quase se equiparando com a de setembro. O grande encontro de pessoas, aglomeração de pessoas paragrandes celebrações se dá em setembro que cresceu para o mês todo. Em setembro ampliou-seo número de missas e foram criadas novas romarias (entre 10 e 16 romarias). As festas têm crescido! Eu destaco, por exemplo, a Grande Romaria Caminho de São José que sai da Cohabe vem ao Santuário que é bem grandiosa e participativa. Eu vejo um crescimento de participação de pessoas e também o estilo que nós imprimimos é o estilo de celebração 100% religioso (os shows são religiosos, não tem venda de bebida alcoólica), isso deu mais confiança aos pais para trazer crianças e idosos, aumentando o número de participantes nos eventos. Tem fé, tem celebração, tem romarias; aumentou o número de pessoas, aumentou o número de missas e também colocamos as confissões todo o dia (manhã e tarde)".

A ordem espiritual é característica na cidade ribamarense e as romarias ou peregrinações são marcas da prática religiosa nesse espaço. É possível destacar um conjunto de romarias organizadas durante o Festejo do santo em setembro, "direcionadas a públicos/segmentos específicos" – Romaria das Crianças, dos Coroinhas, da Juventude, da Pastoral Familiar, do Terço dos Homens, além das tradicionais Romaria Caminho de São José e Romaria Marítima. Essas informações se aproximam da abordagem feita por Rosendahl (2018, p. 59, grifo nosso) ao expressar que "Entre as cidades especializadas, as religiosas possuem uma ordem espiritual predominante, sendo marcada pela prática religiosa da **peregrinação ou romaria ao lugar sagrado**".

Perseguindo na linha das festividades, outro importante trabalho para subsidiar as reflexões sobre o objeto de estudo empreendido nessa dissertação é aquele desenvolvido por Oliveira e Souza (2010) intitulado "A geograficidade das formas simbólicas: o santuário de Fátima da Serra Grande em análise" no qual os pesquisadores apontam que "[...] Monumentos efetivos que desempenham alguma função espacial, as festas, as percepções imaginárias das pessoas frente aos fenômenos citados anteriormente, por exemplo, representam uma abertura para que a ciência geográfica possa desenvolver-se nos estudos das dimensões simbólicas de seus espaços de análise [...]" (Oliveira; Souza, 2010, p. 3).

Nessa investigação científica, os autores caracterizam o santuário de Fátima da Serra Grande (no norte do Ceará) como uma forma simbólica de atração turística, capaz de proporcionar nova configuração ao lugar, modificar paisagens e (re)dinamizar o território. Enfatizam a procura do lugar por uma gama considerável de visitantes o que pode beneficiar o espaço e dotá-lo de elementos característicos de outros espaços turísticos, como o aumento do número de pousadas e a comercialização de artigos religiosos. Nessa perspectiva, os autores "tomam" o sagrado como um elemento de produção do espaço e entendem o santuário como espaço de mediação ao sagrado. Essa consideração se aproxima daquela refletida por Bernardino e Galvão (2021, p. 1) onde "[...] os símbolos do sagrado quando materializados no espaço urbano das cidades com a construção de santuário podem ser vetores de dinamização urbana [...]"

Essa é praticamente a mesma realidade perpassada no Complexo do Santuário de São José de Ribamar, onde um expressivo número de visitantes frequenta anualmente suas dependências, impulsionando um conjunto de atividades religiosas (há três festas principais no calendário paroquial: Novenário à São José, realizado entre os dias 10 e 19 de março; Tríduo de São José Operário, entre os dias 28 de abril e 01 de maio; Festejo de São José de Ribamar, realizado durante todo o mês de setembro) (Figura 74). Pode-se ressaltar ainda melhorias infraestruturais de obras no entorno do Complexo e de acessibilidade nessa área da cidade.

Figura 74 - Cartazes das Três Principais Festas dedicadas ao santo



Fonte: santuarioderibmar.org

A ampliação do festejo do santo em setembro - de 10 dias para 30 dias - talvez seja uma estratégia de envolver um maior número de visitantes ao santuário e, com isso, ampliar o conhecimento sobre o santo, sobre a história e a cultura local, além de agregar mais lucros com a venda de artigos religiosos e não-religiosos. De modo sintético, é pontuar a fé e a religiosidade como elementos impulsionadores da busca por esse lugar sagrado no interior da Ilha do Maranhão.

Nas festividades do santo padroeiro do Maranhão, sobretudo aquela realizada em setembro, é possível perceber um fluxo maior de pessoas e mercadorias na Praça da Matriz, um conjunto de vendedores ambulantes – são pessoas ligadas à própria Paróquia e outras sem ligação direta com ela - que aproveitam o momento para adquirir seus lucros a partir da venda de diferentes produtos, com destaque para os artigos religiosos.

Parte das despesas com a festa do santo é paga a partir dos lucros obtidos na venda de lanches, livros de canto, camisa do festejo e artigos religiosos em barracas, tendas ou mesas distribuídas ao longo da Praça da Matriz durante as noites de novenas. Na ocasião também é comum encontrar casais, jovens e funcionários paroquianos vendendo pontos de rifas com o mesmo intuito de colaborar com o pagamento dos gastos gerados com o festejo, além de apreciar apresentações de grupos católicos locais que animam a quermesse após a missa das 19h (celebrada na Concha Acústica). É fácilperceber uma circulação maior de crianças e adolescentes na área, impulsionados pela presença do Parque de Diversões, montado no Parque Folclórico Therezinha Jansen, bem próximo ao Monumento e à Concha Acústica.

Sendo assim, percebe-se uma vivacidade na área do Complexo do Santuário de São José de Ribamar através dos fluxos de pessoas e produtos/mercadorias que (re)configuram a paisagem urbana da área central da cidade e do seu núcleo. Os períodos festivos apresentam uma outra dinâmica ao lugar, a partir do estabelecimento de variados vendedores e diferentes agentes que, com suas práticas (religiosas, culturais e econômicas) remodelam a dinâmica da cidade, denotando de maneira expressiva a relação entre o sagrado e o urbano, numa escala intraurbana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ênfase dada a centralidade simbólica e sua manifestação por meio de formas simbólicas espaciais permitiu aproximações com um conjunto de obras que contribuíram para a análise e interpretação da realidade intraurbana ribamarense. Nesse sentido, objetos de investigação científica como cidades-santuário, santuários católicos como formas simbólicas, o atributo da centralidade ligado às igrejas, identidade, festas populares religiosas e memória são alguns pontos continuamente evidenciados em variadas pesquisas empreendidas por geógrafos no Brasil. Esses elementos permitem elucidar que, para além de um espaço religioso, o Santuário de São José de Ribamar é um campo amplo que, para sua compreensão, envolve significados e interpretações diversas.

Nessa vertente, o trato geográfico para com temas relacionados a espaço e religião perpassam campos diferentes da Geografia e, em nosso caso particular, faz perceber uma relação entre os aportes da Geografia Urbana e da Geografia Cultural, na qual a cultura atua na construção de espaços e se entende a religião com sua força materializada espacialmente a partir da conformação de formas simbólicas (que são espaciais). Essa aproximação, além de enfatizar aspectos físicos, materiais também acena para abordagens subjetivas, imateriais, das representações que podem ser feitas pelas diferentes pessoas na/da cidade.

Por esse motivo, o olhar dos moradores (próximos e distantes do complexo), trabalhadores, visitantes e agentes bem informados assume um destaque, evidenciando variadas conformações. Com isso, reafirmamos o caminhar na direção de uma investigação que contempla as percepções apreendidas pelos diferentes grupos que convivem na mesma cidade e também daqueles que são externos a ela. Assim, a pesquisa possibilitou o estabelecimento de contato com a realidade, com grupos de pessoas que fazem diversas representações do espaço, atreladas por um conjunto de significados e até mesmo um caráter identitário com o lugar; pessoas que decodificam a paisagem com lentes diversificadas, se conformando uma paisagem urbana lida e interpretada a partir da produção de simbolismos pelos diferentes sujeitos que vivenciam o lugar.

Tal apontamentoé reforçado a partir dos detalhes nas respostas das perguntas que, muitas vezes,ultrapassaram a mera descrição das coisas e das formas fixas para uma caracterização mais peculiar, na qual o sentimentalismo e o pertencimento com a obra geram um caráter identitário, fazendo perceber relações profícuas entre formas espaciais simbólicas e identidade. Há casos onde a recordação de fases da vida como a infância vêm à tona e enriquecem as interpretações dos respondentes que possuem variadas motivações para a visitação a cidade-santuário e seu complexo.

A definição de São José de Ribamar como uma cidade-santuário reforça o caráter integrador que a mesma assume, no qual o vai-e-vem de devotos e romeiros dão certa dinamicidade a área central da cidade e seu núcleo, impulsionando entre outras atividades, o comércio e o turismo. A forma simbólica espacial analisada nessa pesquisa – o Complexo do Santuário de São José de Ribamar - se destaca na paisagem da cidade e é capaz de influir uma dinamização turística, recebendo uma gama expressiva de pessoas, contribuindo significativamente para a reafirmação do conteúdo religioso e também para o avanço da economia na cidade. Nesse prisma, o município ribamarense caracteriza-se pela utilização de sua paisagem (sobretudo aquela do núcleo da área central) como um recurso estratégico para a prática e impulsão do turismo religioso, esse fortemente atrelado a ideia de pagamento de promessas por graças alcançadas ou para pedido de novas bênçãos ao "santo milagroso".

A presença da obra arquitetônica-religiosa na área central da cidade se constitui um atrativo turístico valorizando essa porção do espaço intraurbano, com presença do setor imobiliário e comércio turístico, dos mais variados produtos (com destaque aos artigos religiosos direcionados ao santo protetor dos maranhenses). Com isso, a fixação de estabelecimentos comerciais nas zonas adjacentes à forma simbólica espacial configura-se ponto positivo para o consumo e, consequentemente, para a arrecadação financeira com bons lucros. Essa caracterização se intensifica, sobremaneira, nos períodos de festividades do santo – em março e setembro – principalmente no último mês destacado, onde se tem uma (re)configuração espacial no tempo e no espaço sagrado.

Desse modo, percebe-se o sagrado (re)criando o espaço urbano e se tornando um elemento importante na produção desse espaço, na escala da cidade. Romeiros e devotos são entendidos não como agentes passivos, mas como modeladores e consumidores do espaço (sagrado), sendo capazes de impregnar uma (re)organização espacial que é evidenciada pelos variados símbolos e significados, colaborando para o entendimento da dimensão espacial assumida pelo sagrado. No santuário ribamarense, por exemplo, passa-se a entender sua dimensão sacro-profana, com áreas destinadas a práticas dessas duas ordens.

Nesse sentido, o calendário celebrativo da igreja católica local propicia uma maior permanência dos visitantes, expandindo os dias de festas de dez para trinta dias, aumentando também o número de missas e romarias (e o formato destas). Esse dado torna-se um ponto crítico-reflexivo, pois ainda que se tenha um rol de atividades religiosas para envolver os fiéis, a parte infraestrutural apresenta problemas - a interdição do Monumento (com o Museu dos Ex-Votos) e da Concha Acústica aponta para essa problemática. Cabe salientar que, a partir de reclames populares e de outros órgãos é que se buscou a reforma e melhoramento dos mesmos, tidos como

cartões-postais da cidade. A questão da hospedagem também se configura um ponto fraco, pois a rede hoteleira ainda é insuficiente, fazendo com que a permanência na casa de parentes e amigos seja uma prática recorrente durante o período de visitação ao santuário.

A monumentalidade do complexo (com a presença de sete elementos/formas fixas) é capaz de apontar o poder simbólico da instituição católica no lugar, configurando-se numa centralidade simbólica para os fiéis e romeiros que para lá se dirigem. Além disso, sua centralidade religiosa se expande ao Maranhão que o percebe como espaço de intimidade com Deus e canal de vivência da fé. A presença massiva de maranhenses em suas dependências sempre marcou a rotina desse espaço geográfico, independente das dificuldades de acesso e permanência na área. Junto a outros santuários espalhados pelo estado, o ribamarense torna-se um ponto de destaque sendo capaz de mobilizar um expressivo contingente populacional, ressaltando-se a Grande Romaria Caminho de São José que percorre mais de 20km de São Luís a Ribamar, através da rodovia MA-201.

De modo geral, afirma-se que a igreja católica (Igreja Matriz de São José de Ribamar) tem grandes contribuições no processo de produção do espaço e desenvolvimento da área, desde os primeiros tempos de sua história, perpassando as diferentes conformações de sua estrutura física (de ermida à capela e de capela à templo), tornando-se um atrativo que se formou paulatinamente entre os moradores do arraial/vila/distrito/município e expressando seu alcance além-mar (dada a ênfase no transporte marítimo que caracterizava as primeiras grandes concentrações de pessoas do interior do estado no lugar). Dados da pesquisa a hierarquiza como local central – maior símbolo dentro do complexo - para a prática dos rituais religiosos e de contato com o divino. Na contemporaneidade, percebe-se a influência da fé, impregnada no templo católico como um propulsor de visitações de pessoas das mais variadas regiões do país, sobretudo da região nordeste. Tal influência é reforçada com a presença do complexo arquitetônico-religioso que começa a se desenhar no final dos anos 1990.

Embora tenhamos dado maior ênfase à forma simbólica do santuário (com vistas a contemplar o objetivo geral dessa pesquisa) no aspecto religioso, vale ressaltar a expressividade de outros aspectos que a cidade propicia, como os naturais (numa área bem próxima ao Complexo – a Praia de Banho, a Praia do Caúra e a baía de São José como exemplos), além de sua riqueza culinária (destacando-se o Peixe-Pedra como prato típico local) e das festividades em períodos pontuais (o tradicional Lava-Pratos, no pós Carnaval e o Lava-Bois, no pós período junino).

De forma contundente, ressalta-se que o Complexo do Santuário de São José de Ribamar reforça a centralidade exercida pela área central da cidade, qualificando o seu centro, mediante os fluxos estabelecidos a partir das formas fixas presentes. Desse modo, turismo e

religião se expõem como pontos fortes, fazendo os perceber como elementos que se imbricam e que são dotados de simbolismos. Pontuamos que o trabalho colaborativo entre os agentes envolvidos com as questões turísticas é basilar para o melhoramento e maior expressividade do segmento do turismo religioso, sendo uma atividade capaz de implicar política, social e territorialmente no município. Por tais motivos, o estudo das formas simbólicas espaciais dispostas no conjunto religioso ribamarense fulgura como um rico campo de análise para questões urbanas (e de outros cunhos), configurando-se um objeto complexo que envolve aspectos para além da religiosidade.

Com base nas informações obtidas dos diferentes sujeitos da pesquisa e da observação participante, percebemos um leque de abordagens que podem ser tomadas em análise para se compreender o espaço urbano de São José de Ribamar, não sendo possível trazer e refletir todas nesse trabalho dissertativo, pois não pretendemos esgotar as possibilidades de tratativa do fenômeno e do tema aqui investigados, mas acreditamos que esse e outros elementos podem ser aprofundados em futuras investigações.

REFERÊNCIAS

ABEOC Brasil. **Turismo religioso já movimenta R$ 15 bilhões e atrai quase 18 milhões de pessoas.2017.** Disponível em: https://goo.gl/85aew. Acesso em: 22 out. 2023.

ALCOBAÇA, L. E. **A moradia como "causa":** uma análise do processo de afirmação de uma associação habitacional e de seus empreendedores políticos na Região Metropolitana de São Luís/MA. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

ALMEIDA, M. G. de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. *In:* ALMEIDA, M. G., CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (org.). **Geografia e cultura:** os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Editora Vieira, 2008,

ALVES, V. E. L. Trabalho de campo: uma ferramenta do geógrafo. **Revista Geousp**, n. 2, p. 85-89, 1997. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123246/119601. Acesso em: 13 abr. 2022.

ANDRADE, A. R. de; SCHMIDT, L. P. **Metodologias de Pesquisa em Geografia**. Curitiba: UNICENTRO, 2019.

BARROS, J. S.; BANDEIRA, I. C. N. (org.). **Geodiversidade da Ilha do Maranhão**. Teresina: CPRM, 2020.

BERNARDINO, S. da S.; GALVÃO, J. de C. A influência do sagrado na dinâmica urbana e regional em cidades nordestinas: análise comparativa nos santuários Frei Damião (Guarabira-PB), Santa Rita de Cássia (SantaCrus-RN) e Padre Cícero (Juazeiro do Norte-CE). *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 14., 2021. **Anais** [...]. 2021.

BERQUE, A. Mileu et motivation paysagère. **L´Espace Gégraphique**, v. 16, n. 4, p. 241-250, 1987.

BESSE, J.-M. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre paisagem e geografia. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BEZERRA, M. C. L.; CAVALCANTE, C. V. O Plano Diretor e os elementos formadores de novas Centralidades Intraurbanas. **Ci. & Tróp**., Recife, v. 33, n. 2, p. 219-241, 2009.

BURGESS, E. W. "TheGrowth of the City: An Introduction to a Research Project." *In:* PARK, R.; BURGESS, E. (edit.). **The City**. Chicago: University of Chicago Press, 1967, p. 47–62.

CAPEL, H. Agentes y estrategias en la producción del espacio urbano español. **Revista de Geografía**, p. 19-56, 1974.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CASTRO, J. dos S. **Práticas marítimas modernas no litoral maranhense:** a reconfiguração do litoral dos municípios de Raposa e São José de Ribamar. 2018. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível

em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/43297. Acesso em: 17 de abril de 2022.

CHEVALIER, J. **Dictionnaire des symboles:** Introduction. Paris: Robert Laffont, 1969.

CLAVAL, P. **Terra dos homens**: a geografia. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, 2007.

CORRÊA, R. L. **Formas Simbólicas e Espaço**. Pesquisa financiada pelo CNPQ. Processo nº 301.185/2007-7. Departamento de Geografia UFRJ. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://sites.google.com/site/robertolobatocorrea/Outros-Trabalhos. Acesso em: 13 out. 2020.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

COSGROVE, D. E. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In: **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2003. p.103- 134.

COSTA, F. G. da. **Atributos espaciais da localização residencial:** estudo de caso das habitações em edifícios multifamiliares de alta renda em Porto Alegre. 2016. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

COSTA, O. J. L. O Santuário de Canindé: a expressão geossimbólica do sagrado no sertão cearense. *In:* ENCUENTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA - EGAL, 12. Montevideo. **Anais Eletrônicos [...]** Montevideo: Universidad de La Republica, 2009.

COSTA, O. J. L. **Canindé e Quixadá:** construção e representação de dois lugares sagrados no sertão cearense. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal doRio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CRUZ, G. de J. P.; MARQUES, A. R. A transformação do espaço rural em novos empreendimentos imobiliários em Paço do Lumiar (MA). **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral/CE, v. 24, p. 1-24, jun. 2022.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Edições 70, 2006.

CUNHA, G. **Maranhão 1908**: álbum fotográfico. 2. ed. São Luís: Edições AML, 2008.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2001.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, 2004.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1962.

ELIADE, M. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERNANDES, J. L. J. Cityscapes: símbolos, dinâmicas e apropriações da paisagem cultural urbana. **Revista Mathésis**, Coimbra, n. 18, p. 195-214, 2009.

FERNANDES, M. T. M. *et al.* Espaço urbano e produção de centralidades socialmente segmentadas: em que se firma a centralidade de Campos do Jordão, SP? **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. Taubaté. v. 17, n. 1, p. 393-409, jan./abr. 2021.

FERRETTI, S. Os roteiros da fé no Maranhão. *In:* SIMPÓSIO TURISMO E CULTURA POPULAR. São Luís. **Anais [...]** São Luís: SESC, 2008.

GARCEZ, K. M. G. **Centro e Centralidade em São Luís do Maranhão**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente, 2009.

GEERTZ, C. A. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1989.

GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1992.

HALL, S. "The work of representation". *In:* HALL, S. (org.) **Representation. Cultural representation and cultural signifying practices.** New Delhi: Open University, 1997.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HARVEY, D. O direito à cidade. **Lutas sociais**, n. 29, p. 73-89, 2012. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18497. Acesso em: 11 ago. 2023.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HISSA, C. E. V. Trabalho de campo: experimentação intencional de mundos. In: HISSA, C. E. V. (org.). **Entrenotas:** compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

HISSA, C. E. V.; OLIVEIRA, R. O trabalho de campo: reflexões sobre a tradição geográfica. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 24, n. 1-2, 2004.

HOLLINGSHEAD, A. B. Organização Ecológica. In: PIERSON, Donald (org). **Estudos de Ecologia Humana**: Leituras de Sociologia e Antropologia Social. São Paulo: Martins Fontes, 1948. p. 235-262.

IMPRIME LAN HOUSE. **Fotos antigas de São José de Ribamar.** 2018. Disponível em: https://www.imprimelanhouse.com.br/2018/08/fotos-antigas-de-sao-jose-de-ribamar.html. Acesso em: 22 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/. Acesso em: 13 jan. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades. História e Fotos.** 2010. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-jose-de-ribamar/historico. Acesso em: 13 jan. 2023.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS. **Regiões de desenvolvimento do estado do Maranhão**: proposta avançada. São Luís: IMESC, 2020.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS. **Enciclopédia dos Municípios Maranhenses:** Ilha do Maranhão. São Luís: IMESC, 2021.

KAISER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, 2006.

LEFEBVRE, H. **La revolución urbana.** Madrid: Alianza, 1983.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.

LEFEBVRE, H. Reflexões sobre o estruturalismo e a história. *In:* ESCOBAR, C. H. (org). **O método estruturalista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 80-103.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARQUES, A. C. **Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão**. São Luís, 1870.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v, 9, n. 3, p. 239-262, jul./set., 1993.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 9-29.

MIRANDA, A. J. F. **Tradição, lendas e história de São José de Ribamar**. São Luís: Editora GT, 2023.

MONNET, J. As dimensões simbólicas da centralidade. **Revista Cite**, v. 44, n. 123, p. 399-418, 2000.

MORAIS, M. L. de. A relação entre o espaço urbano, simbolismo e monumentos: o caso da "Praça Brasil", em Volta Redonda/RJ. **Revista Continentes** (UFRRJ), v. 5, n. 9, p. 162-174, 2016.

MUMFORD, L. **A cidade na história:** suas origens, transformações e perspectivas. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NOGUEIRA, A. R. B. Uma interpretação fenomenológica da geografia. *In:* GALENO, A.; SILVA, A. D. da (org.). **Geografia, ciência dos complexus:** ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.

O IMPARCIAL. **Concha e estátua de São José de Ribamar são interditadas.** 2019. Disponível em: https://oimparcial.com.br/cidades/2019/10/concha-e-estatua-de-sao-jose-de-

ribamar-sao-interditadas/. Acesso em: 23 jan. 2023.

OLIVEIRA, C. D. M. de; SOUZA, J. A. X. de. A 'geograficidade' das formas simbólicas: o Santuário de Fátima da Serra Grande em análise. **Revista franco-brasileira de geografia**, v.9, n. 9, 2010.

OLIVEIRA, C. D. M. de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.

OLIVEIRA, C. D. M. Turismo e modernização dos Santuários Cearenses: a lógica mítica do espetáculo. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, 2007. Disponível em: https://goo.gl/i9NudN. Acesso em: 13 dez. 2023.

PALACE-JORNAL. v. 1, n. 49, **São Luís, 3 de outubro de 1914**. Disponível em: http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20160222132939.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.

PARK, C. **Religion and Geography:** companion to study os religion. London: Routledge, 2004.

PARÓQUIA E SANTUÁRIO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR. **Museu dos Ex-Votos**. 2018. Disponível em: https://www.santuarioderibamar.org/museu-dos-ex-votos. Acesso em: 20 dez. 2020.

PATEIS, C. da S. **Reestruturação urbana e transformações na área central em cidades médias**: o caso de São José do Rio Preto-SP. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

PEREIRA, C. S. S. **Centro, Centralidade e Cidade média:** o papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte/CE. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente, 2014.

PEREIRA, M. F. V. O território sob o "Efeito Modernizador": a face perversa do desenvolvimento. **INTERAÇÕES Revista Internacional de Desenvolvimento Local.** v. 8,n. 13, p. 63-69, set. 2006. Disponível em: file:///C:/Users/User/Desktop/S1518-7012200600 0200007%20-%20Copia.pdf. Acesso em: 12 set. 2020.

PESTANA, E. **O mais completo histórico dos primeiros milagres de S. José de Ribamar**: da lenda à realidade – a marcha progressista do lindo arraial, atravéz dos tempos. São Luís: Imprensa Official, 1923.

PITA, N. S. Basílica Santuário Senhor do Bonfim: análise da interferência no bairro do Bonfim. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 16. Vitória. **Anais [...].** Vitória: UFES, 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do Trabalho Científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

PROENÇA, W. L. O método da observação participante: contribuições e aplicabilidade para

pesquisas no campo religioso brasileiro. **Revista Aula**s, n. 4, abr./jul. 2007. Disponível em: https://unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4_23.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

PUBLICADOR MARANHENSE. v. 1, n. 50. **São Luís, 5 de janeiro de 1868.** Disponível em: http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20181217124216.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022.

REIS, J. R. S. dos. **São José de Ribamar:** a cidade, o santo e sua gente. São Luís, 2001.

ROCHA, M. da S.; BARBOSA, J. M. O hipertotem Santa Rita de Cássia na dinâmica paisagística do turismo em Santa Cruz/RN. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. v. 1, n. 31, p. 372-395, 2020.

ROSENDAHL, Z. "O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades". *In*: ROSENDAHL, Z. **Hierópolis:** o sagrado e o urbano. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. *In:* ROSENDAHL, Z. (org.). **Uma procissão na geografia** (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, p. 47-75.

ROSENDAHL, Z. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 47-104.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e o espaço. *In:* CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C. (orgs.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

SALGUEIRO, T. B. Do centro às centralidades múltiplas. *In*: FERNANDES, A. R.; SPOSITO, M. E. B. (org.). **A vida nova do velho centro**. Porto: CEGOT, 2013. p. 13- 29.

SALGUEIRO, T. B. Repensar a cidade face a novos desafios. **Philosophica**, Lisboa, n. 4, p.69-80, 1994.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. ed., 7. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS FILHO, C. R. dos.; COSTA, O. J. L. A centralidade simbólica do templo central da Igreja Universal do Reino de Deus em Fortaleza. **Elisée, Rev. Geo. UEG**, Goiás, v. 10, n. 1, jan./jun. 2021.

SERPA, A. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 7-24, 2006.

SILVA, V. H. Q. C. da. Centralidade intraurbana em Ribeirão Preto-SP. **Revista Geografia em Atos** (Online), v. 7, n. 1, p. 1-19, fev. 2023.

SILVA, W. R. da. Memória e centralidade em Resende. **Mercator,** Fortaleza, v. 19, 2020.

SJOBERG, G. **The preindustrial city:** past adn present. Texas: Glencoe Free Press, 1960.

SOUSA, M. M. P. de. **Festa religiosa do Círio de Nazaré**: difusão da fé e geossimbolismos na cidade de São Luís. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.

SOUZA, J. A. X. de. **Espaços de peregrinação:** ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – TO. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Revista Território**, v. 3, n. 4, jan./jun. 1998.

SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Geografia**, São Paulo, n. 10, 1991.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 2001.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. *In.:* VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013.

TRICART, J. Contribuição ao estudo das estruturas urbanas. **Boletim Geográfico,** Rio deJaneiro, v. 14, n. 135, p. 473-481, 1956.

TROVÃO, J. R. **Transformações sociais e econômicas no espaço rural da Ilha do Maranhão**. 1994. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1994.

TUAN, Y. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

WHITACKER, A. M. Centro da Cidade, Centralidade Intraurbana e Cidades Médias. *In*: MAIA, D. S.; SILVA, W. R.; WHITACKER, A. M. **Centro e Centralidade em Cidades Médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 149-178.

WHITACKER, A. M. **Urbanismo e urbanidade:** um debate em torno de renovação, reabilitação, revitalização e regeneração urbanas. Mesa Redonda. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2011.

WHITACKER, A. M. Inovações tecnológicas, mudanças nos padrões locacionais e na configuração da centralidade em cidades médias. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 9. Porto Alegre. **Anais** [...] Porto Alegre: UFRGS, 2007.

WHITACKER, A. M. **Urbanização e produção do espaço. Formas Espaciais. Forma Urbana. Morfologia Urbana. Paisagem Urbana**. 12 de agosto de 2020. 60 p. Universidade Estadual Paulista. Câmpus de Presidente Prudente. Programa de Pós-Graduação em Geografia: Presidente Prudente. Notas de Aula. Documento eletrônico.

WHITACKER, A. M. **A produção do espaço urbano em Presidente Prudente**: uma discussão sobre a centralidade urbana. 1997. Dissertação (Mestrado em Geografia) –

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 1997.

WHITACKER, A. M. **Reestruturação Urbana e Centralidade em São José do Rio Preto – SP**. 2003. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2003.

ZIPPINOTTI, D. P. **As formas simbólicas espaciais e a dinâmica da centralidade em Vitória:** um esforço de análise. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UniversidadeFederal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CONJUNTO DE VITRAIS PRESENTES NA IGREJA MATRIZ DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR





Esses 7 vitrais alocados no lado direito da Igreja Matriz representam fatos e episódios da formação da cidade, com base na Lenda do Navegante Português que faz uma prece ao santo









Os 7 vitrais acima ficam do lado esquerdo da Igreja Matriz e apresentam cenas da cultura e da religiosidade local, com festas, folguedos e momentos celebrativos

APÊNDICE B – JORNAL "PUBLICADOR MARANHENSE", N. 168, DE 24 DE JULHO DE 1868



PUBLICADOR MARANHENSE.

O Publicador Maranhense, folha Official e diaria, é propriedade de J. J. Ferreira.

Festa de S. José de Riba-mar.

Annuncio ao respeitavel publico, que a festividade do glorioso S. José de Riba-mar, terá lugar, na respectiva capella, no domingo 6 de setembro proximo, com a decencia condigna de tão venerando culto, havendo vesperas e missa solemne por musica, fazendo o panegyrico do milagroso orago um dos nossos distinctos e illustrados pregadores: á tarde sahirá o glorioso Santo em procissão; e á noite depois da ascenção de tres allegoricos ballões, ao som de varias peças musicaes, terminará a festa com a exposição de um bello fogo de vista offerecido pelos filhos do Illm. Sr. José Ferreira da Silva Junior, e do abaixo assignado.

E' de crêr que este anno a concurrencia seja maior que a dos anteriores, visto como sendo a festa no dia 6, seguem-se mais dous (7 feriado, e 8 sanctificado), para descanso dos concurrentes, podendo até os Srs. empregados publicos desta vez ir fazer sua oração. Maranhão 24 de julho de 1868.

Esse número do referido periódico se contitui um dos primeiros registros impressos que se tem sobre a festa de São José de Ribamar. Seu acesso deu-se a partir de buscas na Biblioteca Pública Benedito Leite (fonte informacional e histórica do estado do Maranhão).

APÊNDICE C – DIVULGAÇÃO DE NOTÍCIAS SOBRE INTERDIÇÃO E REFORMA DO MONUMENTO A SÃO JOSÉ DE RIBAMAR

MARANHÃO

Justiça mantém interdição de monumentos religiosos no Maranhão

Vara de Interesses Difusos e Coletivos da Comarca de São Luís manteve a interdição da estátua de São José de Ribamar até a realização de todos os reparos necessários.

Por G1 MA — São Luís
24/03/2020 07h08 · Atualizado há 3 anos



Estátua de São José de Ribamar — Foto: Reprodução/ TV Mirante

NOTURNO

O IMPARCIAL

publicidade legal | últimas notícias | política | opinião | cidades | esportes | entretenimento | gastronomia

PATRIMÔNIO

Estátua do padroeiro São José de Ribamar vai ser recuperada

O monumento de 33 metros tem 25 anos e é um importante ponto turístico da Ilha. Inaugurado em agosto de 1998, passou por poucas manutenções e apresenta desgastes estruturais



Estátua de São José já está recebendo primeiros trabalhos - (foto: divulgação/ Jorge Ribeiro)

Por: Da Redação
28 de julho de 2023

imirante.com | O ESTADO

ENTRAR

Home | Namira | Notícias | Culinária | iPolítica | Esporte | Podcasts | Indika

ANÚNCIO

REFORMA

Estátua de São José e concha acústica precisam de reformas urgentes

Prefeitura e direção do Santuário do padroeiro do Maranhão traçam acordos com o Governo para tombar o acervo religioso e obter recursos para as obras

Ismael Araújo / O Estado
26/10/2019 às 00h00 - Atualizada em 11/10/2022 às 12h22

MARANHÃO

MP pede interdição e reforma de monumentos em São José de Ribamar

Concha Acústica e Estátua de São José de Ribamar foram interditadas na segunda-feira (30) com o objetivo de garantir a segurança da população.

Por G1 MA — São Luís
01/10/2019 10h50 · Atualizado há 4 anos



Estátua de São José de Ribamar — Foto: Reprodução/ TV Mirante

APÊNDICE D - DIFERENTES JORNAIS NOTICIANDO O FESTEJO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR







1 – **Jornal O Imparcial**, 27 de setembro de 1997.

2 – **Jornal O Estado do Maranhão**, 1 de setembro de 2001.

3 – **Jornal O Globo**, 15 de setembro de 1940.

APÊNDICE E – JORNAIS LOCAIS DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES PAROQUIAIS



Jornal do
Maranhão
É da Igreja. É do Maranhão

JUBILEU 210 300 ANOS DE PRESENÇA 117
Ano Mariano 2016-2017 CNBB

ANO XLVIII - Nº 515 - SETEMBRO DE 2017 | PUBLICAÇÃO DE ORIENTAÇÃO CATÓLICA DA AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA DE SÃO LUÍS | R$ 5,00

Santuário do Padroeiro do Maranhão:
cem anos de fé e devoção

A festa jubilar de São José de Ribamar comemora o centenário do templo histórico do santo carpinteiro, que arrasta romeiros de todos os cantos do país, movidos pela fé em Deus e devoção ao esposo da Virgem Maria.

SACRISTIA

SACRISTIA



O CARPINTEIRO

O JORNAL DO SANTUÁRIO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR — EDIÇÃO GRATUITA

ANO I - Nº 1 | SETEMBRO DE 2010

PARTICIPE DO FESTEJO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR 2010

O Festejo de São José de Ribamar 2010 acontece de 17 a 26 de setembro e terá como Tema: "José, Justo e Santo, esposo de Maria, Pai adotivo de Jesus." (cf. Mt 1, 18 -21) e Lema: "A Família de Nazaré abraçou o projeto de Deus", confira em "Conversando sobre Igreja". Pág.: 02

PARÓQUIA INICIA SUAS ATIVIDADES NO SANTUÁRIO

A Paróquia e Santuário de São José de Ribamar, lança a Pastoral da Comunicação, em Setembro de 2010. A PASCOM tem como objetivo evangelizar a cultura a partir da comunicação social. Pág.: 03

DEVOTOS DE SÃO JOSÉ RELATAM OS SEUS TESTEMUNHOS

Confiança, as histórias das graças alcançadas por devotos e devotas de Glorioso São José de Ribamar. São belos testemunhos que vão emocionar você e seus familiares e seus amigos. Pág.: 04

VEJA OS ARTIGOS DOS PÁROCOS SOLIDÁRIOS

Padre Ednaldo Teixeira, Padre Cláudio Roberto e Padre Gianecchini Freitas, escrevem sobre temas atuais e importantes para a vida da Igreja. Pág.: 02

VISITE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR, A CIDADE DO SANTO MILAGROSO

Fé, devoção, milagres, belas praias, cultura e um povo hospitaleiro: um pedaço do Maranhão para o Mundo. Uma história contada, vivida e rezada a mais de cem anos. Pág.: 03

SHOW CATÓLICO ENCERRA O FESTEJO

Cantora Católica Celina Borges faz o encerramento do Festejo de São José de Ribamar 2010 com o Show Tudo Posso, lançado seu mais novo CD.

FIQUE POR DENTRO DA PROGRAMAÇÃO DO FESTEJO DE SÃO JOSÉ 2010 - Pág.: 04

APÊNDICE F – BANNER DO EVENTO SOBRE O FESTEJO E O TURISMO RELIGIOSO EM SÃO JOSÉ DE RIBAMAR



APÊNDICE G – ENQUETE APLICADA JUNTO AOS TURISTAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa: **O CENTRO DA CIDADE E SEU CONTEÚDO SIMBÓLICO:** um estudo sobre o município deSão Joséde Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário

Orientando: Wanderson Ferreira dos Anjos
Orientador: Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker

Idade:_____
Cidade e estado:_____

1. Desde quando frequenta o Complexo do Santuário de São José de Ribamar?

_____

2. Como você soube da existência desse Santuário?

_____
_____

3. Qual(is) o(s) motivo(s) de sua vinda ao Complexo?

_____
_____

4. O Complexo do Santuário mudou desde a sua última visita? O que mudou?

_____

5. No seu ponto de vista, qual o maior símbolo do Complexo?

( ) Igreja Matriz
( ) Monumento à São José de Ribamar
( ) Museu dos Ex-votos
( ) Gruta de Lourdes
( ) Concha Acústica
( ) Caminho de São José/Estações
( ) Casa das Velas

Por que esse é o maior símbolo?

_____

Tem registro desse lugar/símbolo?

_____

6. Quando vem ao Santuário, costuma ficar quantos dias? Onde fica hospedado?

_____

7. Que atividades você realiza ao chegar ao Santuário?

_____

APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS TURISTAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa: **O CENTRO DA CIDADE E SEU CONTEÚDO SIMBÓLICO:** um estudo sobre o município de São Joséde Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário

Orientando: Wanderson Ferreira dos Anjos
Orientador: Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker

Idade:_____
Sexo:_____
Cidade e estado:_____

1. Como você soube da existência desse Santuário?
_____

2. Desde quando frequenta o Complexo do Santuário de São José de Ribamar?
_____

3. O Complexo do Santuário mudou desde a sua última visita? O que mudou?
_____

4. Qual(is) o(s) motivo(s) de sua vinda ao Complexo?
_____

5. Quando vem ao Santuário, costuma ficar quantos dias? Onde fica hospedado?
_____

6. Que atividades você realiza ao chegar ao Santuário?
_____

7. Já visitou todos os elementos desse santuário (Igreja, Caminho de São José, Concha Acústica, Gruta de Lourdes, Casa das Velas, Museu e Monumento)?
_____

8. Que sensação você sente ao visitar esses lugares?
_____

9. O Santuário te traz alguma(s)recordação(ões)? Qual(is)?
_____

10. No seu ponto de vista, qual o maior símbolo do Complexo? (Escolha apenas 1)

( ) Igreja Matriz
( ) Monumento à São José de Ribamar
( ) Museu dos Ex-votos
( ) Gruta de Lourdes
( ) Concha Acústica
( ) Caminho de São José/Estações
( ) Casa das Velas

Por que esse é o maior símbolo?
_____

Tem registro desse lugar/símbolo?
_____

11. O que representa o Santuário de São José de Ribamar para você?
_____

12. Já visitou outros santuários? Qual(is)?
_____

13. Pretende vir novamente a este santuário? Por quê?
_____

14. Qual a sua opinião sobre a interdição/reforma do Monumento a São José?
_____
15. Faz compras aqui no Santuário ou próximo daqui? O quê? Onde?
_____

16. Você sabia que São José de Ribamar é considerado o santo padroeiro do Maranhão?
( ) Sim ( ) Não

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS RIBAMARENSES

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa: **O CENTRO DA CIDADE E SEU CONTEÚDO SIMBÓLICO:** um estudo sobre o município de São Joséde Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário

Orientando: Wanderson Ferreira dos Anjos
Orientador: Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker

Idade: _____
Bairro: _____
Religião: _____

Responda:
Moro em São José de Ribamar ( )
Moro em outra cidade ( )
Qual:_____

1) Você conhece o Complexo do Santuário de São José de Ribamar?
( ) Sim ( ) Não

2) Você mora próximo ao Complexo do Santuário?
( ) Sim ( ) Não

3) Costuma visitar o Complexo do Santuário de São José de Ribamar?
( ) Sim ( ) Não
Com que frequência:
( ) Semanalmente ( ) Mensalmente
( ) Anualmente ( ) Ocasionalmente

4) Desde quando você frequenta o Complexo do Santuário?
_____

5) Em que período você prefere visitar o Complexo do Santuário? Por quê?
_____

6) Qual (is) o motivo (s) de sua visitação ao Complexo do Santuário?
_____

7) Já conheceu todos os elementos do Complexo do Santuário (Igreja, Concha acústica, Caminho de São José, Casa das Velas, Museu, Gruta e Monumento)?

( ) Sim ( ) Não

8) Que sensação você sente ao visitar o Complexo do Santuário de São José de Ribamar?
_____

9) O Santuário te traz algumas recordações? Quais?
_____

10) Na sua opinião, qual é o maior símbolo do Complexo do Santuário?

( ) Igreja Matriz
( ) Monumento à São José/Bolo
( ) Museu dos Ex-votos
( ) Gruta de Lourdes

( ) Concha Acústica
( ) Caminho de São José/Estações
( ) Casa das Velas

Por que esse (s) é (são) o maior símbolo?

_____

11) Que tipo de atividades você faz ao chegar ao Santuário de São José de Ribamar?

_____

12) Faz compras no Complexo do Santuário ou perto dele? O que costuma comprar?

_____

13) Você percebeu mudanças no Complexo do Santuário ou em suas proximidades durante a sua última visita? O que mudou?

_____

14) O que o Complexo do Santuário de São José de Ribamar representa para você?

_____

15) Na sua opinião, a presença do Complexo do Santuário é importante para a cidade? Por quê?

APÊNDICE J – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS TRABALHADORES

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa: **O CENTRO DA CIDADE E SEU CONTEÚDO SIMBÓLICO:** um estudo sobre o município de São José de Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário

Orientando: Wanderson Ferreira dos Anjos
Orientador: Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker

Você mora em São José de Ribamar?

( ) Sim ( ) Não

Grau de Escolaridade: _____

1) Em que tipo de estabelecimento você trabalha?

( ) Loja de artigos religiosos

( ) Restaurante

( ) Hotel ( ) Bar

( ) Loja de confecções

( ) Vendedor ambulante: _____

( ) Outros tipos de Comércio:_____

1.1) Que tipo de atividade você desempenha?

( ) proprietário ( ) funcionário

( ) autônomo

2) Que tipos de produtos você vende?

_____

3) De onde vem os produtos que você comercializa?

( ) fabricação/produção própria

( ) adquirido de terceiros em São José de Ribamar

( ) adquirido de terceiros fora da cidade

4) Qual o melhor período de vendas?

_____

5) Qual sua renda média? _____

6) O Santuário de São José de Ribamar influencia no seu trabalho?

( ) Sim ( ) Não

De que forma?

_____

7) Você considera sua localização próxima ao Santuário como um fator positivo para as vendas?

( ) Sim ( ) Não

Por quê?

_____

8) Qual a importância do festejo do santo para sua atividade? Por quê?

_____

9) Outras pessoas que moram com você também desempenham atividades ligadas ao Santuário? Se Sim, qual atividade?

_____

APÊNDICE K - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O SECRETÁRIO DE CULTURA

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa: **O CENTRO DA CIDADE E SEU CONTEÚDO SIMBÓLICO:** um estudo sobre o município de São José de Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário

Orientando: Wanderson Ferreira dos Anjos
Orientador: Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker

1) Você considera o turismo religioso como um elemento importante para a cidade? Em que aspectos?

2) O Poder Público Municipal tem trabalhado na garantia desse tipo de turismo? Que atividades têm sido desenvolvidas nesse segmento?

3) Tem-se investido na caracterização de marketing turístico do município? De que forma?

3) Quais os principais benefícios que o turismo religioso pode favorecer à Igreja Católica e à comunidade local?

4) Como se dá a relação entre a Secretaria de Cultura e a Igreja Católica local? Há o desenvolvimento de atividades ou ações conjuntas?

5) Sobre o Complexo do Santuário, de que forma o Poder Público Municipal tem atuado nesse espaço? Por quê?

6) A Secretaria de Cultura tem favorecido a participação da comunidade local em atividades de cunho turístico-religioso? De que forma?

7) Você acredita que a visitação ao Santuário no período de festejo do santo traz uma nova dinâmica à cidade? De que tipo? Por quê?

8) A visitação regional e estadual ao Complexo do Santuário é benéfica para a cidade? De que forma o Poder Público Municipal tem garantido isso?

APÊNDICE L - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PÁROCO DO SANTUÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa: **O CENTRO DA CIDADE E SEU CONTEÚDO SIMBÓLICO:** um estudo sobre o município de São José de Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário

Orientando: Wanderson Ferreira dos Anjos
Orientador: Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker

Função/cargo: _____

Tempo de atuação na Paróquia: _____

1) Que papel o Santuário desempenha na dinâmica da cidade?

2) Qual(is) o principal(is) motivo(s) para a visitação do Complexo?

3) Qual o período de maior frequentação de fieis? Por quê?

4) O fluxo de visitantes tem aumentado a cada ano, ou não? Que fatores tem favorecido isso?

5) De que forma a paróquia tem se organizado para favorecer a permanência do visitante no Complexo do Santuário?

6) Quais os meios de divulgação do Santuário e das festividades do santo?

7) Sobre a construção do Complexo, os investimentos foram oriundos de que setores?

8) O Complexo do Santuário tem passado por reformas recentes? De onde provém os investimentos?

9) Como se dá a relação entre a Igreja e o Poder Público Local? Que atividades têm sido desempenhadas pelo governo municipal para preservar o espaço/complexo e garantir a visitação dos turistas e romeiros?

APÊNDICE M - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O HISTORIADOR

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Pesquisa: **O CENTRO DA CIDADE E SEU CONTEÚDO SIMBÓLICO:** um estudo sobre o município de São José de Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário

Orientando: Wanderson Ferreira dos Anjos
Orientador: Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker

1) Desde quando você investiga/estuda os aspectos históricos do município?

2) Como se originou o município de São José de Ribamar? Qual a importância da lenda nesse contexto?

3) Como se deu a criação do Complexo Arquitetônico do Santuário de São José de Ribamar?

4) A partir da criação do Complexo houve mudanças na dinâmica da cidade? Quais?

5) Há uma relação entre o Complexo do Santuário e o desenvolvimento do turismo religioso? Como?

6) Você acredita que a construção do Complexo do Santuário favoreceu a visitação de mais pessoas à cidade? De que forma?

7) Quais os benefícios que essa obra arquitetônica-religiosa traz ao município?